J. EUSTACHIO DE AZEVEDO

ANTHOLOGIA

AMAZONICA

(POETAS PARAENSES)

BELEM

Typ. da Casa Editora Pinto Barbosa

1904

A' talentosa mocidade

da

minha terra

Dedico

Aos meus velhos confrades

DA

Folha do Norte

Amizade e apreço

Anthologia amazonica

SIRVA DE PROLOGO

Suggeriu-me a publicação deste modesto trabalho de propaganda litteraria a leitura do ultimo livro do sr. Mello de Moraes Filho, intitulado—POETAS CONTEMPORANEOS.

O illustre escriptor parece que desconhece os poetas da Amazonia, muitos dos quaes de real merecimento e dignos de serem citados: não os menciona. Se a omissão foi por ignorancia ella é censuravel num escriptor como o sr. Mello de Moraes Filho, que tem procurado estudar e conhecer os homens de lettras de seu paiz, publicando anthologias; se ella foi proposital, mais censuravel se torna ainda, pois que revela da parte do investigador uma especie de ogerisa pelos litteratos do norte que não vivem no sul....

De qualquer fórma, portanto, a falta é dolorosa e a injustiça, voluntaria ou não, por demais dura.

Nós, os do norte, conhecemos um por um todos os litteratos do sul; citamol-os, fazemos-lhes a merecida justiça; elles, os do sul, fazem que não nos conhecem: somos os espurios das lettras, uns nullos!

José Verissimo, um paraense, seria hoje desconhecido

se não tivesse a lembrança de sahir do Pará para sagrar-se escriptor no Rio de Janeiro; com Inglez de Sousa, outro paraense, o mesmo succederia, e assim por deante.

A litteratura brasileira está no Rio de Janeiro, eis tudo. Pois bem, tratemos de nós, mostremos que nesta nesga da patria onde o Equador escalda e o Amazonas rebrame, ha uma pleiade de poetas, distinctos e inspirados, digna de acatamento e veneração.

E' o que pretendo fazer na medida de minhas forças. Servirá, pelo menos, este meu trabalho, de subsidio para outros de maior folego e valor. Só esta lembrança me consola e indemnisa prodigamente pelo pouco que deixo feito.

Esta anthologia, este modesto livro, offereço á mocidade paraense para, nas horas vagas, enlevar-se nas rimas de seus inspirados patricios, poetas de eleição, esthetas primorosos... desconhecidos na capital do paiz.

O AUCTOR.

Anthologia amazonica

POETAS PARAENSES

I

Tenreiro Aranha

Foi este o primeiro poeta do Equador. Nasceu e morreu antes de apparecer o sol da nossa independencia, não teve a dita de assistir ao espectaculo grandioso de 7 de Setembro.

Seus biographos, parece, só conhecem o celebre soneto dedicado á memoria de Maria Barbara—esse bello exemplo de fidelidade conjugal, na mulher do povo,—pois não citam outra poesia sua; entretanto, Tenreiro Aranha legou-nos um sem numero de odes, cantatas e sonetos dignos de menção, aos quaes seu filho, depois de sua morte, deu publicidade, reunindo-os em volume.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha nasceu na villa de Barcellos, então pertencente á provincia do Pará, no dia 4 de setembro de 1769, e apprendeu primeiras lettras no convento de Santo Antonio, na capital da provincia, passando ao depois para estudos secundarios no convento dos mercenarios, de que era director frei João da Veiga.

Suas aptidões poeticas revelaram-se então e o joven estudante rapidamente conquistou, pelo seu talento, a estima de seus mestres e condiscipulos, escrevendo sonetos como o que acabo de citar e que, como todos os seus biographos, abaixo transcrevo por ser uma obra prima que Camões e Bocage assignariam orgulhosos.

Infelizmente, difficuldades da vida tolheram-lhe os

vôos, intrigas politicas amarguraram-lhe a vida, e o fogo de seu genio asinha apagou-se de tal fórma que, na phrase de um seu admirador, «no Pará poucos o conhecem, no resto do Brasil raros e na Europa ninguem tem delle noticias».

Eis o conhecido soneto e poesias, extrahidas de seu unico livro.

SONETO

Se acaso aqui topares, caminhante,
Méu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso, com sentido aspeito,
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Dize como de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco frio ao corvo altivolante.

Que dum monstro inhumano, lhe declara
A mão cruel me trata desta sorte,
Porém que allivio busque á dòr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte
Que, por honra da fé, que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.

A HUM PASSARINHO

Passarinho, que logras docemente
Os prazeres da amavel innocencia,
Livre de que a culpada consciencia
Te afflija como afflije ao delinquente.

Facil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providencia;
Sem futuros prevêr, tua existencia
He feliz, limitando-se ao presente.

Não assim, ai de mim! porque soffrendo
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,
Sinto tambem do crime o pezo horrendo.

Dos homens me rodêa a iniquidade,
A calumnia me opprime, e, ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade.

Leiam agora o dialogo em verso do *Genio* e do *Amazonas*, extrahido do drama em honra do capitão dom Francisco de Sousa Coutinho, governador do Pará, pelos seus relevantes serviços prestados á provincia.

AMAZONAS

Tutelar Genio, que o Pará proteges,
A que alto destino, e fim me ordenas
Que deixando o meu dôce domicilio,
A gruta fresca em que descanço ha sec'los,
Hoje venha pisar as duras margens
Do Guajará, que só mortaes habitão?

GENIO

Amazonas sublime, que Senhora
Hés do grão Rio, a que teu nome deste,
Como sei que o Pará sempre estimaste,
Este Estado feliz, que fertilizas
Com tuas abundantes, dôces aguas;
Como sei que na sorte te interessas
Dos seus habitadores venturosos;
E como emfim de todas as Deidades,
Que ha nesta Região immensa e rica,
Hés tu a maior dellas, quiz agora
Que o novo augmento com teus olhos visses (*)
Que logra a gente que fiel dirijo,
E com tua presença quiz que honrasses

(*) Refere-se á fundação do Deposito de Polvora, do Aurá, por Francisco de Sousa Coutinho.

O publico festejo, que este dia
A superior Deusa da Justiça
Ordena-me que faça, como um premio,
Daquelle Heroe que tanto bem tem feito
Ao nosso amado povo paraense.
Tu sabes que a justiça egual, e firme,
Assim como castiga ao delinquente,
Assim ao benemerito corôa;
E em qualquer parte que o descubra, logo
Cuida em dar-lhe a devida recompensa.

AMAZONAS

E qual hé esse Heroe? Qual esse augmento?
Qual o premio, que dar-lhe determina,
A incorrupta Virtude?

GENIO

Se no centro
De tua funda aquatica morada
O nome tem soado, como creio,
Dos famosos, dos inclytos Coutinhos;
Sabe que delles hé clara vergontea
Esse Heroe, de quem falo, e que hoje fórma
As delicias, e amôr, e as maravilhas
Do Pará, que governa, sabio e justo.
Parece-me que vejo o teu semblante
Dar signaes deste nome respeitavel:
Já te não hé occulto?

AMAZONAS

Não te enganas;
Que sendo em outro tempo á guerra uzada,
Entre os nobres exemplos, que contavão
Dos maiores guerreiros, esse nome
Ouvi que varias vezes repetião,
E que entre os claros, fortes lusitanos
Erão dos mais illustres e mais fortes.

. . . .

Tenreiro Aranha falleceu a 25 de novembro de 1811. A maior parte de suas obras perdeu-se em um naufragio, outras foram destruidas pelos rebeldes de 1835, de fórma que só se conseguiu salvar as contidas no citado volume posthumo, onde figuram alguns magistraes dramas em verso, sonetos camoneanos, idyllios e odes.

II

Sousa Filho

O decano dos poetas da Amazonia sobreviventes é, precisamente, o de que nos occupamos agora.

Nasceu Sousa Filho (Joaquim Rodrigues de Sousa Filho) na cidade de Santarem, Estado do Pará, no dia 24 de junho de 1836.

E' formado em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito do Recife, titulo que obteve, depois de um brilhante tirocinio academico, em 9 de dezembro de 1861.

Datam desse tempo as suas melhores producções poeticas, que eram estampadas quasi que diariamente nas folhas pernambucanas, onde collaborou por largo tempo, conquistando, pelo seu talento, a admiração de seus contemporaneos.

Depois de formado, fixou residencia no Maranhão, onde esteve 10 annos, voltando ao Pará em 1872, dedicando-se então exclusivamente á advocacia e, nas horas forras, ás lettras.

Ha tempos começou a publicação de um criterioso trabalho (Repertorio Juridico) que ficou interrompido desde que cogitaram doptar o Brasil com um Codigo Civil.

O brilhante poeta e jurisconsulto espera, pois, a publicação desse codigo para pôr em ordem os seus apontamentos e publicar tambem o seu livro, que intitulou «Repertorio do Direito Civil Brasileiro», segundo o Codigo Civil e a doutrina dos melhores auctores nacionaes e extrangeiros.

Sousa Filho é um sincero propagandista das lettras amazonicas, e isso provou-o com a publicação, em fasciculos, da «Lyra Amazonica», de collaboração com Paulino de Brito, e onde estão enfeixadas as melhores producções dos nossos principaes poetas. Infelizmente, não levaram a cabo a laboriosa empreza, por motivos que desconheço.

Desse trabalho existem tres fasciculos apenas, que foram publicados na «Empreza Economica», officina typographica de sua propriedade.

As duas palavras com que abre o 1.º fasciculo são um brado patriotico em prol dos poetas do norte, tão mal comprehendidos ainda. São conceitos seus: «Já possuimos alguns nomes nas lettras, que podemos com orgulho apresentar á consideração do paiz e do extrangeiro; e algumas producções litterarias, que os mais conspicuos poetas da lingua, quer antigos, quer modernos, poderiam assignar sem deslustre, antes com gloria, para sua reputação.

Donde, pois, esse abatimento, que nos infligem, esse profundo desprezo, e injustificavel *pouco caso* com que são tratadas as lettras e os litteratos da Amazonia?

. . . .

A obra que emprehendemos com o titulo de «Lyra Amazonica», ao mesmo tempo que é uma reivindicação, é um protesto contra essa sombria modorra, um grito de alarma, que lançamos, na esperança de sacudir das palpebras de uns o somno, e das de outros a cegueira».

Dignas, por certo, de applauso são as palavras dos illustrados poetas, que revelam bem claro o amor que nutrem pelo progresso das lettras nortistas.

Eis algumas poesias de Sousa Filho:

PARÁ

Minha patria é a virgem das florestas
Com grinaldas de flôr de sicopiras
Nas tranças, nos vestidos de saphiras,
Com que o sol do Equador quiz adornal-a;

E, coberta de flôres e de gala,
Singella é feiticeira,
S'espelhando nas aguas do Amazonas,
Ella é mais do que as outras brasileira.

Si o sol desponta por detraz da serra,
Onde s'elevam condurús gigantes,
Vê trementes brilhar'os diamantes,
Que a noite fria lhes chorou na rama;
E s'eleva, e resvala e se derrama
Por sobre o matto rico,
Mas não penetra no tecido espesso
Da salsa, que enlaçou-se pelo angico.

Lá canta o c'raxué nas frescas tardes
Do grosso mirity na larga palma;
E, quando a branca lua fulge calma,
O manso jacamin seu canto exhala;
A branda mangerona, que trescala
E a linda mamorana,
Embalsamando a brisa vespertina,
Da sertaneja ambreão a cabana.

Minha patria é a virgem das florestas,
Perfumada de essencia de baunilha;
E' a morena, donairosa filha
Do largo Tocantins e do Amazonas,
E' a meiga tapuia dessas zonas,
Singella e feiticeira,
Mas ornadas das flôres dos seus bosques,
Ella é mais do que as outras brasileira.

Lá canta a sertaneja na vióla,
E, vergonhosa, seu cantar modúla;
E o seio sob a cassa fina pula
A irmã, no dançar tão divertido,
E o velho, muito ufano e embevecido,
Sentado na maqueira,
Orgulha-se por ver a filha esbelta
E linda estremecer com a palmeira.

As lustrosas madeixas do cabello,
De trevo e cumarú todo ambreado,
Rescendem, e o jasmim, que prende ao lado,
Derrama um cheiro activo, q'inebria:
E a roceira, tão cheia de magia,
        Olha meiga e expressiva
O noivo a conversar todo esguelhado,
Que, vergonhoso, á seu olhar s'esquiva.

Minha patria é a virgem dessa terra,
Que nutre o condurú e o páo de rosa;
Engraçada a sorrir, mas vergonhosa,
E gentil, e mimosa, e tão garrida;
A tapuia discreta e divertida,
        Singella e feiticeira,
Mas guardando os costumes dos seus bosques,
Ella é mais do que as outras brasileira.

A' barra do vestido roçagante
D'esmeraldas, rubis e areias d'ouro
Lhe traz o Tocantins grande thesouro
Do leito, aonde corre assoberbado;
E, passando sereno, ou agitado,
        O tronco, qu'arrancára,
Do grosso mirity leva comsigo,
O do ingaseiro, que o tufão quebrára.

Minha patria é um éden de delicias,
Onde os dias se passam docemente;
Lá sopra de continuo a brisa ardente,
Que anima a vida em corações gelados:
Nossos céus são mais puros e estrellados,
        E a lua mais brilhante;
Nossas terras robustas alimentam
O doce bacuri sem semelhante.

Lá erra na campina toda a noite
A ruiva capivara assobiando,
E, por entre o capim se resvalando,
Ao rio vae beber, que junto passa:

A' tardinha, a corrente, que perpassa,
Em pé na areia clara,
Contempla a garça, que, de quando em quando,
Sacode as azas que molhar deixára.

Minha patria é a virgem dessas terras,
Que banh'o o Tocantins e o Amazonas,
Queimada pelo sol d'estivas zonas,
Ornada das riquezas dessas plagas,
A virgem, que se banha nessas aguas,
Singella e feiticeira,
Mas guardando os costumes dos seus bosques,
Ella é mais do que as outras brasileira.

—

HORAS DE ENFADO

LOUCURA

Louco, louco que fui!... Nem eu pensára
Um momento sequer,
Nos ephemeros gósos d'esta vida,
Na sorte, que é p'ra mim tão fementida,
No falso da mulher!

E vaguei como o nauta no oceano,
Perdido o rumo, em busca de uma estrella;
Percorri largo tempo o espaço errado,
Caminhei, caminhei, sempre enganado,
Na esperança de vel-a.

E vi-a, meiga, linda e seductora,
Como os anjos de Deus;
Senti bater-me o peito de contente,
A vida a deslisar tão brandamente
N'esses gosos dos céus.

Embebido passei dias inteiros
Nos olhares fingidos,
Incensei-lhe a belleza fascinante,
Cobri de beijo o collo de diamante.
E os labios fementidos.

....

Fatal religião, que em meu delirio,
Como um cego abracei,
D'apostolo a belleza se vestia,
O meu Deus, a mulher que me trahia,
Por premio a dôr terei.

Foi um riso de amor, que fascinou-me
Com mentidas, fatidicas visões;
Um delirio talvez... um sonho aereo..
Foi um anjo cercado de mysterio,
Que me encheu de illusões.

E senti estalar uma por uma,
Murchas, e descoradas,
As dôces esperanças do futuro,
Myrradas pelo halito infecto, impuro,
Das crenças apagadas.

Louco, louco que fui!... Nem eu pensára
Um momento sequer,
Nos ephemeros gósos desta vida,
Na sorte que é p'ra mim tão fementida,
No falso da mulher!

O dr. Joaquim Rodrigues de Sousa Filho, alem de muitos artigos esparsos, de polemica, publicou no extincto *Democrata* uma serie delles intitulada «Arremedos Biblicos», que lhe grangeou applausos e sete bem lançados linguados, estampados no extincto *Commercio do Pará*, da celebre questão litteraria sobre o soneto «Ao Grande Eiffel», do sr. Antonio de Carvalho,—um dos poetas mais correctos e brilhantes do norte—questão

travada entre s. s. e o sr. dr. Paulino de Brito, deixando este ultimo escriptor malferido na lucta.

Na não menos celebre lucta travada no Pará em 1874, entre a Ordem 3.ª de S. Francisco da Penitencia e o bispo daquella diocese, e em que a Maçonaria era o pretexto e a extincção da Ordem o fim, Sousa Filho tomou parte activa advogando a causa dos franciscanos com galhardia.

Dessa polemica renhida e de exterminio subsiste ainda hoje o substancioso opusculo que publicou, intitulado «Recurso á Corôa», interposto pela Ordem Terceira contra a portaria do bispado, que a suspendeu dos exercicios religiosos e julgou interdita a capella respectiva.

Finalmente, o sr. dr. Sousa Filho, na sua profissão de advogado, é um dos mais distinctos que conhecemos; e, na opinião abalisada do grande jurisconsulto fallecido, conselheiro Tito Franco de Almeida, um dos que melhor sabem escrever em autos.

III

Bruno Seabra

E' o João de Deus paraense, o lyrico por excellencia de seu tempo, um verdadeiro poeta na significação lata desse nome.

Poucos o leem hoje; é mesmo quasi desconhecido dos *novos*; no entretanto, o talento é pujante e o seu livro, « Flores e Fructos », digno de ser compulsado por todos aquelles que se interessam pelas lettras.

Seus versos oscillam como os do lyrico portuguez, em ondulações suaves, ora cheios de humor, dirigidos ás camponezas de sua terra, ora ao seu ideal—o amôr—com aquella singelleza ingenita, que rebenta das caudaes de sua alma de lyrico inspirado.

Nasceu Bruno Henriques de Almeida Seabra, a bordo de um barco, em aguas paraenses (Tatuóca), a 6 de outubro de 1837.

Estudou primeiras lettras e preparatorios em Belem, indo depois matricular-se na escola militar da capital da Republica.

Foi um trabalhador infatigavel, escrevendo, quasi que diariamente, folhetins, chronicas, poesias, etc., em varios jornaes fluminenses.

Como funccionario publico, exerceu, com zelo e dedicação, cargos no Maranhão, na Bahia e no Rio, vindo finalmente a fallecer em São Salvador (Bahia), no anno de 1876.

Abaixo publico uma de suas bellas poesias avulsas, (a ultima) e outra, a primeira, extrahida do « Flôres e Fructos », edição Garnier, de 1862.

MORENINHA

— Moreninha, dás-me um beijo?
— E o que me dá, meu senhor?
— Este cravo...
— Ora, esse cravo!
de que me serve essa flôr?
Ha tantas flores nos campos!...
hei de agora, meu senhor,
dar-lhe um beijo por um cravo?
E' barato; guarde a flôr...

— Dá-me o beijo, moreninha,
dou-te um córte de cambraia...
— Por um beijo tanto panno!
compro de graça uma saia!
Olhe que perde na tróca,
como eu perdera co'a flôr...
Tanto panno por um beijo!
sáe-lhe caro, meu senhor.

— Anda cá, ouve um segredo...
— Ah! pois quer fiar-se em mim?
Deus o livre; eu falo muito,
toda a mulher é assim...
E um segredo... ora, um segredo...
pelos modos que lhe vejo,
quer o meu beijo de graça?
Um segredo por um beijo!

— Quero dizer-te aos ouvidos
que tu és uma rainha...
— Acha, pois? e o que tem isso?
Quer ser rei, por vida minha?
— Quem déra que tu quizesses...
— Não duvide, que o farei;
meu senhor, case com ella,
a rainha o fará rei...

—Casar-me?... inda sou tão moço...
—Como é creança esta ovelha!...
Pois, eu p'ra beijar creanças...
adeusinho, já sou velha.

LISETA

Depois que desta aldeia te partiste,
nunca mais a alegria aqui voltou!
A' porta dos casaes que alegre viste,
taciturna a tristeza se assentou.
Não mais saltando vão, pelos outeiros,
contentes, os rebanhos dos pastores...
os proprios namorados bandoleiros
já não porfiam mais nos seus amores!
A aurora, o dia, a tarde, a noite é triste
depois que desta aldeia te partiste!

Sombrio é o céo, sombria a Natureza;
a orchestra do pomar emmudeceu...
já não arream flôres a deveza,
o campanario nunca mais tangeu!
Na choça, onde moraste, as andorinhas
nunca mais se aninharam como outr'ora;
alegres pelo prado, as pastorinhas,
como dantes não cantam mais agora!
Em toda parte aqui reina a aspereza:
Sombrio é o céo, sombria a Natureza...

O *Malhadinho,* o teu fiel rafeiro,
deixou-se á fome definhar, morrer...
Não mais deu sombra, á sésta, o cajueiro
que nunca mais tornou a florescer!
Só minh'alma, Liseta, inda resiste
aos duros tratos que offerece a ausencia,
depois que desta aldeia te partiste!
E ai! coitado de mim, que na existencia
não me resta, sequer, por companheiro
—o *Malhadinho,* o teu fiel rafeiro!...

Não sei porque inda vivo! o que inda espero!
Porque me bate ainda o coração!
Que posso eu desejar, se o que mais quero
quanto o desejo mais, mais quero em vão!...

....

Mas, oh! dôce Liseta, oh! tão querida
primeira flôr da minha mocidade!
Alenta-se tambem, penando a vida,
quem se arrima nos braços da saudade...
Se para sempre te perdi, que espero?
Viver para chorar?—Chorar-te quero!

***

Encantadores versos lyricos! Bruno Seabra era o poeta do coração; não se nota, nas suas poesias, uma, cuja fórma seja ficticia e deficiente; o que elle escreveu é REAL, porque SENTIU, perfeito porque sahiu d'alma.

O sentimento que as suas poesias exprimem é espontaneo pelo simples motivo de ser a linguagem pura do coração.

Pena é que no Pará o seu nome só agora, em 1903, tivesse um pequeno echo, com a apparição de alguns exemplares de seu livro nas vitrinas das livrarias...

IV

Julio Cesar

A sciencia e a arte tiveram nelle um mineiro convicto; a patria, um filho dedicado; a familia, um chefe exemplar.

Julio Cesar Ribeiro de Sousa nasceu na manhã de 13 de Junho de 1843, na villa do Acará, Estado do Pará. Ainda muito joven entrou para o Seminario do Carmo, onde começou a aperfeiçoar o espirito; entretanto, a sua intelligencia precisava expandir-se mais largamente e as apoucadas luzes de que podia dispôr um seminario de provincia eram mesquinhas para illuminarem aquelle cerebro vastissimo: em 1862, patrocinado por um auxilio governamental, partiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola Polytechnica.

Tres annos depois, inflammado pelo fogo do amor patrio, trocava os livros de estudo pela espada de guerreiro e voava ao Paraguay, ao lado de outros bravos em defeza do Brasil.

Como poeta, legou-nos as « Pyraustas », esse inspiradissimo livro de poesias de 300 e tantas paginas que por si só basta para o sagrar estheta das rimas.

Escrevia correctamente versos em hespanhol e francez, conhecendo ainda, alem destas, as linguas latina ingleza, italiana e grega.

As suas theorias sobre navegação aérea, formuladas com calma e convicção, deram-lhe ingresso nessa brilhante galeria dos martyres da sciencia, acabrunhando-o, como outr'ora a esse divino Palissy, enchendo-o de baldões minando-lhe a existencia, extinguindo-lh'a, por fim.

Das experiencias que fez em Paris com o seu balão «Victoria», colheu os mais positivos resultados, sendo que os jornaes francezes unanimemente affirmaram, pela voz dos seus principaes sabios, que o seu balão «avançava contra o vento sem auxilio de propulsor».

Vejamos agora o que elle valia como poeta: ahi vão algumas de suas poesias, a primeira recitada por occasião do tricentenario de Camões, no salão da extincta Escola Pratica e publicada na «Revista Brasileira».

Sendo longa, cito apenas excerptos:

I

Das lusas glorias, arca indestructivel
No diluvio dos seculos fluctua
O nome de Camões! Reinos e Imperios
Baquearão no vórtice do olvido,
Os oceanos mudarão de aspecto,
De aspecto mudarão os continentes,
Mas, emquanto existir a humanidade
Do lusitano vate o nome egregio,
Ao crysol das Edades depurado,
Ha de existir tambem! O' Tejo, exulta!
Exulta, Portugal! Indicos mares,
Chineza gruta, Cabo Tormentorio,
Todos vós exultae!..........................

....

E vós tambem, varões assignalados,
Dias e Gamas, Castros e Albuquerques,
E vós, ó grandes reis, que o luso imperio
Dilatastes, co'a fé d'Africa e Asia
As viciosas terras devastando,
Exultae todos vós, os vossos nomes
Como os rios ao mar, prendem-se inteiros
Ao nome de Camões centro de vida!..........

....

III

Genio celeste! Genio da harmonia!
Peregrino das terras e dos mares,
Do Tejo ao Senegal, ao Gange, ao Indus,
Do Bojador ao Camorim, lhe ouviram
Equoreas amplidões, serras e valles,
Noites e dias, ermos e cidades,
Irmãos e extranhos os queixumes crebros.

Aquelle Adamastor, mesto e sanhudo,
Teterrimo e feroz, que das tormentas
Simula o pavoroso Promontorio,
Quem sabe se a visão das proprias dores,
Se o phantasma dos intimos pezares
Não foi quem o inspirou?!......................
....
....

IV

................Lucida estrella
Em perenne Zenith alevantada,
Só tiveste um occaso —o nascimento!
Só tiveste uma noite—a vida triste!
Só tiveste uma aurora —a sepultura!
Mas, que aurora feliz!! ....
....
Oh! bella aurora!
O sol, emquanto um hemispherio doira,
A opposta face dos planetas deixa
Jazer na escuridão e um novo occaso
Segue cada manhã.
Tú, entretanto,
Em teu brilho envolvendo a humanidade,
A's gerações attonitas te exhibes,
Sem declinar jamais no espaço immenso
Que vae do teu ao tumulo dos mundos!

A poesia *Pará* é um bello brado de patriotismo e uma das mais lindas que conheço no genero.

Oiçam algumas estrophes:

Quem me dera das florestas
Da minha terra de amores,
Respirar as lindas flores,
E escutar o sabiá!...
Quem me dera ouvir das brisas
As suspirosas endeixas
E as brandas, chorosas queixas
Das aves do meu Pará!...

....

O rei dos rios do mundo,
Dos altos Andes nascido,
Ficou de amores perdido
Ao vel-a tão bella assim!
E o louco, feliz amante,
Fez do seu collo, seu leito,
Poisou a fronte em seu peito
E jurou-lhe amor sem fim.

O mar immenso, indomavel,
De seus amores cioso,
Como senhor orgulhoso
Seus gosos quiz partilhar:
Porem, o rio gigante
Lhe disse: «No seio della,
Da minha amada tão bella
Nunca ousarás repousar!...

....

«Porque, embora os outros todos
Curvem-se a ti como escravos,
Meus filhos, fortes e bravos,
Não me verão lutar só,

E sempre acharás alerta
Em perpetuas sentinellas
As minhas filhas mais bellas
Caviana e Marajó!

« Digam covardes que és forte,
Chamem-te embora de Atlante,
Que importa o seres gigante
Si eu tambem gigante sou?
Seja embora eterna a lucta
Que eu tenha de ter comtigo,
Tu não gosarás commigo
Deste regaço em que estou! »
. . . .
. . . .

A MEUS FILHOS

Filhos queridos meus, incautas creancinhas,
Flôres, que perfumaes o meu caminho impuro,
Cirios, a cuja luz as esperanças minhas
Transmigram chilreando aos climas do futuro,
Como ao deserto lar as ledas andorinhas;

Vós fostes para mim amena primavera,
A cujo almo calor senti voltar-me a vida,
Eu, solidão senil pelos tufões despida
Da frigida estação que tudo vitupera,
Que as fontes congelando, as plantas invalida.

Meu ser vive de vós, nos vossos se completa,
E, como para o Sol gravita palpitante,
Nos abysmos do espaço, o tetrico planeta,
Assim procuro em vós meu fóco deslumbrante,
Do meu viver escuro a luminosa méta.

A minha gloria sois e as minhas alegrias:
E, quando quem sois vós e quem eu sou cotejo,
Fogem do peito meu as crebras agonias,
Pois em vós, todo amor, me encanto e me revejo,
Como a noite do Chaos da Creação nos dias.

O HOMEM-DEUS

Tu es Christus, Filius Dei vivi.
S. Matheus, XVI, 16.

Se Jesus não é Deus, nada é verdade,
Pois da sua figura soberana,
Tão clara como a luz meridiana,
Se manifesta a propria Divindade.

E ha de a razão ver nelle um Deus, ou ha-de,
Na hypothese cahindo opposta insana—
Ingenitar suppor á essencia humana
A suprema virtude e santidade.

Homem nenhum tão alto se alevanta:
A humanidade aos erros vive preza,
Jesus os erros um por um supplanta.

Tudo em Jesus excede a natureza
E, se é bem ver n'um Deus clemencia tanta,
Loucura é ver n'um homem tal grandeza.

E para terminar com chave de ouro transcrevo ainda este magistral soneto do poeta, escripto á memoria do dr. José Calandrini de Azevedo:

Cedendo á lei fatal da vida escura,
A' lei commum a todo o que é terreno,
Quando o futuro te sorria sereno,
Ao seductor aspecto da ventura;

Chegou-te a dôr que os sonhos desfigura
E ao seu feroz, impiedoso aceno
Sorves a taça do lethal veneno
Que atira a raça humana á sepultura!

Mas... em vez da esperança dolorida,
Que neste mundo ás magoas se incorpora,
Sempre enganosa, sempre fementida ;

Do involucro mortal despido agora,
Por premio das virtudes desta vida
Gosas a doce paz da eterna aurora.

Julio Cesar Ribeiro de Sousa morreu no Pará, quasi esquecido do mundo, pobre ao extremo, no dia 14 de outubro de 1887, deixando na inopia uma saudosa viuva e cinco orphãosinhos—seus filhos.

V

Gustavo Adolpho

Fallecem-me, quasi que por completo, dados biographicos deste distincto poeta paraense, a quem a desventura feriu fundo, sepultando-lhe a mocidade numa sombria masmorra.

Em todo caso devemos acreditar que tivesse nascido em 1845-47, calculando a edade que devia ter de 23 a 25 annos, quando o empolgou a desgraça.

Nasceu em Belem, começando seus estudos no Seminario do Carmo, donde se transferiu para a Escola Central do Rio de Janeiro, entregando-se então a toda a sorte de loucuras, sósinho e sem conselhos amigos que o desviassem do mal.

Vejamos o que a seu respeito diz um de seus perfunctorios biographos e que é só o que tambem pude colher para as minhas compillações : « Gustavo Adolpho, transportado da vida claustral á licenciosidade, orphão e só nessa linda Guanabara, que o fascinava com seus prismas encantadores ; na edade em que todas as paixões estão accesas, alli praticou elle uma serie de desvarios. Dir-se-ia um dom Cesar de Bazan, ou um Jacques Rolla. Essas foram as causas da sua perdição ; além disto, o meio e a relação de amigos mal intencionados, influiram poderosamente para o poeta colher dessa vida dissoluta, tão funesto desfecho.

Apezar de *viver* na solidão de um carcere, infecto e humido, Gustavo Adolpho publicou um volume de versos denominado « Risos e Lagrymas. » A par da cadencia,

da abundancia de rimas, sente-se naquellas paginas espraiada, dolorida e tristonha, a alma do recluso bardo. Guarda ineditos dois poemas: « Fernandino » e « Judeu Errante ».

O inditoso poeta achava-se preso na casa de Detenção, do Recife, para onde fôra, condemnado á galés perpetua pelo crime de assassinato e roubo: assassinara, o infeliz, uma cortezã, roubando-lhe as bixas scintillantes; mais tarde verificou-se que os brilhantes eram falsos!

Elle era moço, tinha caprichos e faltavam-lhe meios para os realisar; sem conselhos de mãe, fascinado pelos deslumbramentos de uma capital immensa, completamente desvairado, cahiu...

Em 1887, lendo uma bella poesia do sr. Fernandes Lima, poeta pernambucano, pedindo perdão para Gustavo a dom Pedro II, como paraense, secundei a idéa, escrevendo os seguintes versos ao mesmo monarcha extincto:

Perdoae-lhe, Senhor!... O desgraçado
pela patria suspira abandonado
ha vinte annos, em vão!
Tem derramado lagrimas de sangue...
E sente, de chorar, o peito exangue...
perdoae a vosso irmão!

Menos cruel lhe fôra a guilhotina...
decapitava-o a lamina assassina
porém, não mais soffria!
Já lá se vão vinte annos só de dores...
Dantés moderno tem soffrido horrores
numa prisão sombria...

Perdão para quem chora no deserto!
Se foi grande seu crime, oh! foi decerto,
a punição maior!...
Consumiu na masmorra a mocidade,
longe dos seus, da patria, na orphandade,
nos espasmos da Dôr!

A sua mocidade entristecida
foi na masmorra sepultada em vida
e lá se dissipou!
Perdão! Perdão! Em nome do Cruzeiro!...
e lembrae-vos, monarcha brasileiro,
que até Deus perdôou!

Perdoae-lhe, Senhor! Deixae, ao menos,
o poeta soltar seus dôces threnos
cheios de pranto e dôr,
longe dessa prisão que o embruteceu!
Deixae-o vir morrer onde nasceu...
—perdoae-lhe, Senhor!

Vosso reinado, esplendido de gloria,
enche de orgulho a brasileira historia,
enche-a de paz e amor...
Abrilhantae-o mais, sêde clemente,
dae liberdade ao pallido vidente,
—perdão! perdão!! Senhor!

Pouco tempo depois d. Izabel, A Redemptora, então Princeza Imperial Regente, dava liberdade ao velho bardo paraense.

Eis uma de suas deliciosas poesias lyricas:

VESTAL

Eu não podia amar-te! Eu não podia
Crêr possivel unir nossos destinos.
Como em mesmo horisonte a noite e o dia?
Cantos de morte e sons de alegres hymnos?

E comtudo, mulher, hoje eu te amo,
Que o meu proprio destino a ti me arrasta,
Cégo mergulhador topei o ramo
Coralino, que o mar no fundo engasta.

Cégo... senti effluvios de teus olhos
Penetrar 'té o imo de minh'alma;
Mas era o meu caminho só de abrolhos
Não podia suppor nelle uma palma.

Quiz fugir-te... debalde... era já tarde!
Bebera os philtros que esse olhar propina.
Sim, amo-te, mulher, dentro em mim arde
Chamma atiçada por tenaz divina.

E' immenso esse amor que por ti sinto,
Que de novo a minh'alma experimenta,
Como em cratéra de volcão extincto
Reaccende o facho a erupção violenta.

Eu não podia amar-te... mas se quer
O destino, quem póde a elle fugir?
E' Deus quem manda amarmo-nos, mulher,
Amémo-nos, a Deus cabe o porvir!

Vem, pois, meu anjo, que a teus pés a lyra
Quero depôr-te, consagrar meus cantos;
Vem, Vestal dos amores, junto á pyra
Zelar o fogo dos ardores santos.

Oh! vem ser a Sybilla de meus versos,
Na minh'alma erigir teus tabernaculos;
Pois não póde haver deuses adversos
Onde a lyra é esposa dos oraculos.

E seremos felizes... viveremos
Um ao outro ligados, bem unidos,
Nossos dias alegres passaremos
—Vivos quadros de encantos coloridos.

Quando a tarde cahir e no horisonte
morrer a luz em pallidez etherea,
penderás no meu seio a tua fronte
Ouvindo o som de uma canção aérea.

Hei de em meus braços embalar-te, ó filha;
hei de incessante renovar-te um goso,
tal sob o céo da sensual Sevilha
as virgens sonham num sonhar ditoso!

Dos laranjaes em flôr na olente sombra
dormiremos á noite, quando a lua
nos relvosos coxins de verde alfombra
banhar-te em languidez a face nũa.

Vem, pois, ó anjo, que em teus pés a lyra
quero depôr-te, consagrar meus cantos.
Vem, Vestal dos amores, junto á pyra
zelar o fogo dos ardores santos!

Desde 1889 nada mais pude saber a respeito deste peregrino talento, apezar de activas investigações.

Parece que o mal ferido poeta, descrente já, sem fé no seu bruxoleante futuro, foi esconder sua desventura e suas lagrimas longe do mundo que o perdeu, amaldiçoando, como Chatterton, o suicida de Bristol, a amargurada existencia.

VI

Santa Helena Magno

Dos poetas de seu tempo, á excepção de Julio Cesar, foi o que mais renome conquistou pelo seu lúcido talento e profunda erudição.

Ainda hoje é citado com orgulho nas rodas litterarias, existindo mesmo entre nós uma associação de lettras que lhe herdou o nome.

Chamava-se Carlos Hyppolito de Santa Helena Magno e nasceu em Muaná, neste Estado, á margem do rio Tauary, no engenho Santa Maria, no dia 13 de agosto de 1848.

Estudou preparatorios no Seminario do Carmo e no Collegio Paraense, seguindo para Pernambuco em 1867 onde se bacharelou em sciencias juridicas e sociaes.

De volta ao Pará foi distinguido pelo governo com a nomeação de lente de geographia do Lyceu Paraense, por concurso que fez, deixando na penumbra os demais examinandos.

Era um poeta como poucos o são: desde creança as musas o attrahiram.

No extincto *Diario de Belem*, que foi o cenaculo dos nossos cantores, Santa Helena Magno deixou engastadas innumeras joias litterarias, onde a inspiração avulta a par da cadencia suave de suas estrophes mimosas.

Depois de formado fez uma viagem ao velho mundo, publicando por essa occasião, na Italia, varias das poesias collecionadas no seu livro inedito—« Ondas Sonoras ».

No Recife, quando estudante ainda, deu publicidade

ao seu primeiro livro de versos, intitulado « Harpejos Poeticos » (1869) escrinio de perolas, rarissimo hoje.

Alli estão enfeixadas as flôres de sua alma de moço e crente, os seus sonhos, as suas illusões. Esse livro representa a phase mais bella de sua vida, cedo toldada pelo infortunio, apagada cedo pela morte.

Santa Helena Magno foi um grande desgraçado... provou até as fezes a ingratidão humana, com a resignação dos abnegados que só de Deus justiça esperam.

Não me tendo sido possivel obter nenhum de seus livros para delles fazer compillações, transcrevo tres de suas bellas poesias insertas, a primeira, na *Provincia do Pará*, e as duas ultimas no já alludido *Diario de Belem* e em varias revistas brasileiras:

CASTA DIVA

Aérea, esquiva borboleta errante,
Quando te vejo, qual visão passar,
Eu temo, eu scismo qual singello infante
Que tu não queiras para os céos voar.

Se tens no rosto perfeição tão pura
Tão leves tintas na mimosa tez,
Que ao ver-te julgo de celeste altura
Baixado á terra cherubim talvez!

Se a voz exhalas do virgineo seio,
Brando murmurio dos rosaes em flôr,
Prende minh'alma mavioso enleio
Toda arroubada num divino ardor!

E' que no fundo dessa fórma bella,
Sublime estatua do cinzel de Deus,
Alma innocente e virginal se véla,
Bem como a aurora nos humentes véus.

Assim das flôres na corólla pura
Mora o volatil, fugitivo olôr ;
E do alabastro na nitente alvura
Reflecte a chamma mais vivaz fulgôr !

Porisso eu amo teu falar, creança,
Amo o rugido dos vestidos teus ;
E o teu sorriso na minh'alma lança
Castos arroubos, effusões dos céos !

E quando a sombra do lascivo anhelo
Tenta arrastar-me ao mundanal paúl,
Penso, meu anjo, n'esse olhar tão bello
Ingenuo e puro e como o céo azul !

Ah ! nunca desças desse throno aéreo
Onde minh'alma se compraz te ver ;
Ai ! nunca rasgues o gentil mysterio:
Anjo, dominas—servirás, mulher!...

O OURO E O CARVÃO

O luzente metal, o rei do mundo
Ao carvão disse um dia :
« Como lastimo, ó mineral immundo,
O teu destino e baixa serventia !
A' gente que se preza és odioso ;
Si alguem te pega, logo se enxovalha ,
Ah ! que emprego famoso :
Servir para a fornalha !

Mais liberal commigo foi a sorte :
Me adora o grande, almeja-me o pequeno,
E até da propria morte
O horror encobre o meu fulgor sereno !
Do santuario as galas abrilhanto,
Do solio avulto a natural grandeza;
Converto em riso o pranto,
E em virtude a torpeza!

Sou eu a luz das opulentas salas
Onde tine o crystal das finas taças;
Rivaliso do sol c'os fulvos raios
Do joalheiro nas nitidas vidraças.
Sou das damas o enlevo e a ternura,
Fórjo do amor a mais aguda setta;
Sem mim a formosura
Não se julga completa!

Basta, diz-lhe o carvão, ouro vaidoso:
Assim te fez a gente
O metal te chamando *precioso*,
Como si fôra merito o accidente!
És o senhor do mundo, na verdade;
Serves ao luxo, serves á vaidade,
E um *non-plus-ultra* julgas-te afinal,
Mas si algum dia se exgottar na terra,
O veio rico e loiro que te encerra,
Não vae nisso algum mal!

Negro, como me vês, sou necessario,
E mais serviços presto á humanidade
Do que tu, deus inutil do usurario;
Entra e vê na cidade:
Ferve o rumor e a faina do trabalho,
Ergue-se o fumo em rolos ondeantes:
Sou eu que a forja e o malho,
E os braços movo ás fabricas possantes!

Eu da industria os agentes alimento,
Dou azas ao vapor, que em ligeireza
Excede ao proprio vento;
E se queres mais fóros de nobreza,
De mim se géra o maximo portento,
A rainha das pedras,—o diamante!

Julgas-me vil ainda, ouro arrogante?

ANJO CAHIDO

Cahiste, archanjo, cahiste
No abysmo da perdição ;
No teu céo escuro e triste
Não brilha mais um clarão ;
Nas faces alvas, formosas,
Onde Deus abrira as rosas
Da virgindade e do amor,
Gravou-te o impuro vicio,
Como pungente cilicio,
Sello de opprobrio e de dôr.

Eu fui teu escravo um dia !
Em solemne adoração
Deite o incenso da poesia
Nas aras do coração ;
De teus olhos aos fulgores,
Como ao sol desbrocham flôres,
Minh'alma desabrochei ;
E no regaço da espr'ança,
Risonha, incauta creança,
Meus sonhos acalentei !

Hoje não : desse passado
Não ha vestigios, sequer ;
Eil-o o encanto quebrado :
Tornou-se o anjo mulher !
Seu diadema fulgente
Perdeu a estrella cadente,
Rasgou-se o véo da Vestal !..
Sem azas a pomba erra,
A deusa rolou por terra
Cahindo do pedestal !...

Ai ! Não penses mais agora
No culto que te votei ;
Perfume que se evapora

Foi meu amor, bem o sei;
Nem os incensos e cantos
Me pegas mais, porem, prantos
Dum padecer infernal,
Da lyra os sons inspirados
Não devem ser profanados
Na sala da bachanal!

Onde a etherea transparencia
Que tinhas no meigo olhar
Em que a divina innocencia
Se vinha, ó flôr, espelhar?
Do remorso a aza sombria
Desse lago de poesia
Turba toda a limpidez;
E no azul dessa pupilla
Não fulge mais a scintilla
Que me fez curvo a teus pés!

E's bella assim, quem o nega?
Nesse marmoreo pallor;
Tens na fronte a luz que cega
Como do raio o fulgor;
Tens do anjo as formas inda;
Mais que tu ninguem é linda
Nem tem porte mais loução;
Porem, como anjo cahido,
Falta o diadema cingido
De Deus pela propria mão!

Este distincto cultor das musas, alem de escriptor de merecimento, era um *causeur* inconfundivel, de dicção insinuante e clara, e um dos mais preclaros advogados do foro de Belem.

O dr. Carlos Hyppolito de Santa Helena Magno falleceu prematuramente em Belem, a 20 de outubro de 1882.

VII

Juvenal Tavares

Luiz Demetrio Juvenal Tavares descende, do que, aliás, se orgulha, de uma familia de bandeirantes paulistas, que, atravessando a provincia de Goyaz, desceu pelo rio Tocantins e se estabeleceu no furo Tauaré, á margem direita daquelle rio.

Nasceu o poeta na cidade de Cametá, no dia 21 de junho de 1850.

Estudou, com aproveitamento, no Seminario de Santo Antonio, obtendo triumphos nas linguas grega e latina, sendo por isso muito considerado pelo sabio prelado d. Antonio de Macedo Costa.

Aos 22 annos, quando já professor de portuguez e francez no collegio de Santa Maria de Belem, publicou o seu primeiro livro, em verso—«Pyrilampos», que foi bem recebido pela imprensa do paiz.

Juvenal Tavares sempre mostrou pronunciada tendencia para a poesia popular, e a imprensa que o tem criticado é a primeira a confessar ser elle um poeta verdadeiramente nacional.

Em 1873-75 foi um dos principaes redactores da revolucionaria «Tribuna», de propriedade do capitão Marcellino Nery, irmão do sr. barão de Sant'Anna Nery, e ahi sustentou, com denodo, a idéa da nacionalização do commercio a retalho, em renhida lucta com Pinheiro Chagas, Ferrer Pharol e outros escriptores portuguezes.

Perseguido pelas suas ideas livres, em materia de religião, refugiou-se em Cametá, fundando alli o «Cametáense», orgão do partido liberal da cidade. Ahi

exerceu o cargo de promotor publico durante 5 annos.

Em 1875 voltou á capital, entrando para a redacção da «Provincia do Pará».

Pouco tempo depois deixou este orgão para entrar para a redacção do «Diario de Noticias», estampando diariamente as espirituosas *Chronicas de Mephistopheles*, que lhe grangearam grande popularidade.

Nesse jornal, fez a propaganda da abolição da escravatura, ao lado de João Campbell, Domingos Olympio, Manuel Cantuaria, Amado de Campos, Padua Carvalho e outros.

Feita a abolição, deu ao jornal nova orientação revolucionaria, fel-o orgão das ideas republicanas, que defendeu até ao advento da Republica.

Mais tarde, sob o pseudonymo de *Canuto, o Matuto*, escreveu varios contos, de costumes paraenses, na «Provincia do Pará», que interessaram, desde logo, a curiosidade publica.

Tem publicado os seguintes livros: «Pyrilampos», poesias, 1877; «Versos antigos e modernos», poesias, com um honroso prefacio do illustre sr. dr. Barroso Rebello, 1889; «A vida na roça», contos; «Serões da Mãe Preta», contos para creanças; «Casos e mais casos», contos; «A vapor e a cavallo», impressões de viagem; «A viola de Joanna», versos populares; «Ensino Civico», obra didactica; «O maldicto»; «Musa Republicana»; «Lyra popular», pamphletos, etc.

Apreciem agora os leitores a musa do poeta:

A D. IZABEL

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE

Eu sou a voz de um povo altivo e soberano,
Que na guerra tem sido intrepido guerreiro,
Que tem sido na paz brioso e cavalheiro,
Buscando a perfeição, com ancia, de anno a anno;

Sou filho desse povo energico e tão lhano;
Leão, quebra grilhões; afagado—um cordeiro...
Senhora, ouça: eu nasci do povo brasileiro;
E, filho de tal pae... eu sou republicano.

Como, pois, me curvar aos pés duma princeza?
Como lôas cantar com cheiros de nobreza?
Se eu quero ver no mundo o reino da egualdade?

Curvo-me, sim, ao Bem, e o canto satisfeito;
Se o vosso sceptro pésa, é sobre o preconceito;
Brilha em vosso diadema o sol da liberdade!

A' TARDE

Como a noite tão triste vem cahindo!
Oh! como triste vae fugindo o dia!
E minh'alma se tolda de tristeza,
E nem tenho uma nota d'harmonia.
Uma restea de luz já não lobrigo,
E meu peito transborda de amargor;
Nesta vida eu não logro uma alegria
Nem um amor!

Meu coração quebrou-se em crueis dôres,
Minha face de lucto se cobriu,
Vivo triste sem gloria e sem futuro
E tão cedo a fortuna me fugiu:

Da lyra minha as cordas estalaram,
Perdi meu estro—já não sou cantor;
Como as flôres minh'alma se resica
Sem um amor!

Como a sombra a manhã se desvanece
O infortunio apagou minha esperança;
Numa coisa só creio—a sepultura;
Do passado só guardo uma lembrança.

Debalde busco revocar os sonhos,
Debalde busco arrefecer a dôr;
Minh'alma chora pelo mundo afflicta
Sem um amor!

—São da poesia—SALVE! estes sentidos versos AOS RIOS E ÁS FLORESTAS DA AMAZONIA:

Eu vos saudo, ó Rios de minha terra!
O' Florestas, tambem eu vos saudo!
Vós, gigantes immensos, prole altiva
Da altiva Natureza... Rios, Florestas,
Irmãos gêmeos da filha de Colombo,
Ornamentos soberbos, portentosos
Deste portento—America chamado;—
America de quem tambem sou filho;
Berço ingente, que ouviu os meus vagidos,
Os bramidos ouvindo de dous mares
—Qual Moysés fluctuando sobre o Nilo;
Desencantada Atlantida sublime,
Emergida do fundo do oceano
Por mãos d'Aquelle que os mysterios rége!
Rios caudaes! Florestas seculares!
Vós, colossos coévos do planeta
Que eternamente gyra em sua orbita,
Fazendo côro com os outros mundos
No cortejo do Rei do firmamento!...

Rios, Florestas, eis-me aqui comvosco!
Eu só, eu mesmo, eu, sim! de vós sou digno
Como do mar são dignas só as vagas,
Como digno do céo são só os astros!............
....

Apprendi a falar na matta umbrosa
Ao brando ciciar da meiga brisa
Pela fronde rendada do arvoredo;

A correr apprendi por essas praias
—Vastos lençóes de areia,—onde vós, Rios,
Espreguiçaes-vos indolentemente
Como sultãos em leito adamascado.

Florestas, vossas aves me ensinaram
Os hymnos, que entoei ao romper d'alva,
E os threnos, que gemi pelo crepusculo.

Meus gemidos, ó Rios, e meus soluços,
—Quando, ás vezes, soluço e quando gemo—
Estudei nos murmúrios que vós tendes
Ou que têm vossas trépidas correntes.
Outros mestres não tive, nem tão pouco
Tive outra escola, além da Natureza.

No seio destas selvas ubertosas,
Nas margens destes rios caudalosos,
Quanto prazer encontro, e paz, e vida!

Quando alveja a manhã, resôa a orchestra
Da natureza nestas mattas virgens,
Quando o sol se despede no occidente,
Ha nos bosques gorgeios de mil fórmas;
Quando a noite desdobra o negro manto,
Uma harmonia mystica se eleva
Da terra a Deus; e na amplidão das aguas
Crystalinas, diaphanas, quietas,
Vem espelhar-se os astros scintillantes.

Dois céos então parece contemplar-se.

Cantor da Natureza, eu me deleito
Em cantar o que é grande, eterno e bello.
Nunca aviltei meu éstro, erguendo lôas,
E baixo, e vil, e sordido epinicio
Junto dum throno, aos pés de algum monarcha.

O' reis da esplendorosa natureza,
Vetusto *Cedro*, secular *Páo d'arco*,
A' vossa sombra afino a minha lyra,
Reclinado no seio da morena....................
....

Rios da minha terra, possa eu sempre
Sulcar as vossas ondas, tão alegre
E tão feliz qual na feliz infancia;
Tão descuidoso de paixões mesquinhas;
E, na *ygára* do amôr, o amôr cantando,
Entre os sorrisos das gentis morenas,
Corram meus dias pelo rio da vida,
Até perder-se no infinito pélago.

Florestas, possa eu sempre em vosso seio,
Nas brenhas dos espessos arvoredos
Esquecido dos homens e do mundo,
Gozar da paz, até que a morte venha
Surprehender-me nos braços dessas fadas
Que de illusões povôam-nos os dias,
O peito a transbordar de mil prazeres...

.....................Então, meu Genio,
Adejando nos páramos infindos,
P'ra sempre abandonando a terra negra,
—Esta mansão da dôr, antro do crime,—
Vá prender-se nos raios d'algum astro.

Actualmente o poeta, no occaso de sua agitada existencia, velho e alquebrado, completamente esquecido dos homens, se vê a braços com o mais horrorosa miseria, sem pão para manter, e sem roupa para vestir uma prole numerosa, jazendo no mais completo abatimento e desanimo: é êsse o galardão que a humanidade faculta ao talento, chame-se elle Malfilâtre, Camões ou Julio Cesar.

VIII

Vilhena Alves

Quando iniciei a publicação destes apuntos, tinha como certo o auxilio incondicional e cavalheiroso de todos os confrades a quem por ventura me dirigisse, solicitando dados biographicos sobre suas personalidades.

Nesta ingenua supposição enderecei a todos um cartão circular pedindo informes exactos para o bom exito de meu modestissimo trabalho, visto como ninguem melhor podia m'os fornecer do que elles proprios.

Infelizmente, porém, de alguns, não sei se por um excesso de mal comprehendida modestia, ou se pelo pouco caso que fizeram do meu pedido, não mereci a honra de uma resposta, negativa, ao menos!

O poeta de que me occupo hoje pertence, infelizmente, ao numero daquelles que não ligaram importancia ao meu pedido, delicado e cortez.

Por esse motivo, e sem dados certos sobre sua personalidade litteraria, limito-me apenas a citar duas de suas producções poeticas, extrahidas do seu unico livro de versos—*Monodias*—publicado em 1868, com prefacio amigo do sr. barão do Guajará, doutor Domingos Antonio Raiol.

Devo a acquisição das—*Monodias*—ao sr. Raymundo Bertoldo Nunes que teve a fidalga gentileza de m'as remetter, acudindo, assim, em meu auxilio.

Eis as poesias do poeta:

NENIA DE TUPINAMBÁ

Eis alli sem vida e alento
guerreiro tupinambá!
de fama e gloria sedento
não pulsa seu peito já!
Essa fronte excelsa e augusta
que tantas vezes, robusta,
incutiu medo e terror;
em que transluzia a chamma
que o marcio furor derrama,
jáz fria, inerte, sem côr.

Esses braços que levavam
ao fero inimigo a morte,
se vigorosos se alçavam
para dar o marcio côrte,
quando soltava-se o grito
da guerra, que no infinito
retumbava qual trovão,
pendem sem forças; e agora
tal brado solte-se embora,
que jamais se moverão!

Inda hontem, cheio de vida,
Em nossas filas guerreiras,
á turba da gente infida
lançava as frechas certeiras;
brandia o forte tacape
e na cinta o enduape
se balançava gentil;
cada golpe, que vibrava,
era mais um que tombava
d'entre a chusma insana e vil!

Com bravura desmedida,
fogo dos olhos lançando,
se atira em longa corrida
ao exercito nefando!

Seu braço conduz a morte!
Mas, o poder de sua sorte
fel-o depressa tombar!
Cahiu, qual vivo rochedo,
sem que o palpite do medo
fosse-lhe o seio agitar!

Hontem, leão furibundo
em torno a morte espalhando;
hoje, acabou-se-lhe o mundo,
p'ra sempre jaz repousando;
hontem, sanhudo gigante,
do imigo a sorte inconstante
fechada tinha na mão;
hoje, cadaver apenas,
daquellas inclytas scenas
famoso e illustre padrão!

Basta. P'ra sempre dormita,
guerreiro tupinambá!
Ingente gloria infinita
concedeu-t'a o Deus Tupá!
Vôe tua alma além dos Andes
eterna patria dos grandes,
eterna patria de heróes,
onde tudo é riso e flores,
onde despedem fulgores
milhões de esplendidos sóes.

A' SOMBRA DO PÁO-D'ARCO

Meu Deus! eu a vi sentada
do páo-d'arco á sombra amena
gosando a tarde serena,
sorvendo aromas da flôr;
e o sol, no occaso, vibrava
em seu rosto feiticeiro
tenue raio derradeiro,
qual dôce beijo d'amor.

Junto a ella sussurravam
d'um regato as mansas aguas:
sentindo pungentes maguas
a rola gemia então;
a rescendente baunilha
vertia odores suaves,
entoavam lindas aves
seus cantos de inspiração.

Bem pouco distava o prado
todo de verde vestido,
pelas auras sacudido
parecendo fluctuar;
como em tempo de bonança
o vento macio e brando
vae levemente agitando
a face lisa do mar.

Um monte alem se avistava
esmaltado de verdura,
onde ostentava a natura
galas, riquezas, primor!
Em tôrno ao sitio aprazivel
arbustos mil vicejavam,
e as palmeiras se mostravam
cheias de viço e frescor.

E alli eu a vi sentada
do páo d'arco á sombra amena
gosando a tarde serena
sorvendo aromas da flôr;
e a brisa doida por ella
volitando mansamente
furtava-lhe, a rir contente,
suaves beijos d'amôr.

Ella esfolhava entre os dedos
as açucenas cheirosas,
e outras flôres mui formosas
tambem a vi desfolhar;

subito, ás vezes, corava
cheia de timido enleio,
quando vinham em seu seio
as borboletas pousar!

Meu Deus! a virgem brasilea
como era linda, engraçada,
nos seus sonhos enlevada,
nos seus sonhos ideaes!
ornando-lhe a fronte casta
as flôres do tamarindo,
e os cabellos lhe cahindo
pelos hombros virginaes!

Contemplei-a muito tempo,
sem vêr que o sol se occultara,
e que uma estrella assomara
dos céos na vasta amplidão;
sem vêr a candida lua
que risonha despontava,
e sobre a terra vibrava
o seu argenteo clarão.

Soprando a brisa mais forte,
verteu mais gratos olores;
do páo-d'arco as lindas flôres
alastraram todo o chão:
prestes então ella ergueu-se,
para casa caminhando,
e eu fiquei só, meditando,
no seio da solidão!

O sr. Vilhena Alves é vigiense, titulado pela antiga Escola Normal d'este Estado, exerce ha annos o magisterio publico e o particular e tem publicadas algumas obras didacticas.

E' contemporaneo de Santa Helena Magno, Julio Cesar e Juvenal Tavares.

IX

Fernandes Bello

A lyra deste modesto e intelligente poeta não é das mais ricas e poderosas, mas é, de certo, sonora e inspirada, digna, portanto, de ser ouvida e apreciada.

Nos seus versos ha sentimento, ha vida, e uma certa factura mimosa que caracterisa a delicadeza innata de seu estro.

Antonio Cicero Fernandes Bello nasceu na cidade de Bragança, no dia 18 de maio de 1854.

E' formado em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito do Recife, titulo que conquistou em 5 de novembro de 1881.

Das bancadas academicas começou o nosso poeta a ensaiar as escalas de sua lyra, que em breve embraçou com vantagem, della arrancando delicadas e suaves estrophes, ao sabor das escholas da epocha—a romantica e a heroica.

Na sua brilhante carreira de homem publico tem sido alternativamente: promotor publico em Penedo; juiz de direito em Agua Branca e Pão de Assucar, no Estado de Alagôas; juiz substituto na cidade da Vigia, deste Estado; deputado estudual no quatrennio de 1884—1888; promotor publico em Igarapé-miry; juiz de direito em Curuçá e Guamá, exercendo actualmente esse cargo em Mazagão.

Fernandes Bello tem em via de publicação um elegante livro de versos intitulado *Versos d'outr'ora*, que será o escrinio saudoso em que pretende guardar as joias litterarias que o seu genio burilou, quando as illusões da adolescencia lhe povoavam a mente sonhadora, e cuja leitura lhe servirá de consolo na velhice e de viva lembrança de sua mocidade hoje extincta...

São versos do poeta:

O LENÇO D'ELLA

Num cofrezinho d'ebano, lustroso,
—Mimo de fada a trescalar odôr—
Eu guardo o lenço d'Ella, alvo e cheiroso,
—Santa reliquia de sincero amôr.

Nas longas noites de cruel anceio,
Quando no peito o coração estala,
Sinto em minh'alma, num suave enleio,
O aroma dôce que o seu lenço exhala.

E nessas horas, quantas vezes, quantas!
Eu vou—sozinho, cauteloso e triste—
Abrir o cofre de illusões tão santas,
Beijar o lenço onde sua alma existe!

Depois,—ludibrio de infernal martyrio—
Chorando a sorte que me esmaga tanto,
O cofre cerro num febril delirio
Guardando o lenço que banhei de pranto.

Ai! quanta vida nesse lenço eu sinto!
Ai! quanto enleio embalsamado em flôr!
—Lábaro hontem de um sonhar extincto,
—Hoje sudario de infeliz amôr!

GURJÃO

Elle foi um heróe! O fumo das metralhas,
Jamais o fez tremer no meio das batalhas,
Nem o fero troar do ignivomo canhão.
Quando por lei fatal, dos bravos a cohorte
Sentiu dominar-lhe a fria mão da morte,
Elle era o anjo bom daquella multidão.

O Despota tremia ao ver-lhe o braço ingente,
Soberbo erguer altivo a espada refulgente....
Leão que se lançava as fauces do chacal!
Tinha a alma de Condé e o genio de Turenne...
Não temia arrojar-se ao pelejar infrene,
Que elle era americano e era general.

Elle era como o Sol. Nos impetos da lucta,
Com seu immenso amôr aquella alma impolluta
Procurava dar vida aos rudes corações,
Arremessava luz áquelle campo escuro....
Buscava illuminar a estrada do futuro
Das eras do porvir as grandes ambições.

Novo Napoleão, talhado p'ra victoria
Lançou-lhe sobre a fronte a immaculada gloria
A c'rôa que só cabe aos martyres-heróes;
Fervia-lhe no peito o ardor da mocidade,
Gurjão foi o athleta audaz da liberdade,
Que nunca desmentiu o sangue dos avós!

Quando a seis de dezembro a liberdade via,
Como Christo na cruz marcar-lhe d'agonia
O derradeiro instante, o pendulo fatal,
Elle —o filho do Norte—o gladio á dextra alçando,
Inspirado bradou ás balas avançando:
Oh! vêde como morre um vosso general!

E a grande legião—esses guerreiros bravos,
A morte preferindo á condição de escravos,
Marcharam sem temer... Era só fumo e pó...
Depois... depois... Silencio!... um soluçar profundo
Extende-se em redor do grande moribundo...
—O valente Garjão— o heróe de Itororó!

MIMILA

Quando ella se envolvia em gaze côr de rosa
E em meio dos salões afflava, donairosa,
O leque de marfim,
Em extase eu diria ás turbas offuscadas:
—Archanjo—ella desceu á luz das alvoradas
Em nuvens de carmim!

Quando eu sentia a luz dos grandes olhos della,
Julgava me envolver no brilho d'uma estrella
Dos páramos dos ceus...
—Era um divino olhar repleto de doçuras...
Fazia-me esquecer a dôr, as amarguras,
Os soffrimentos meus!

Depois, quando eu sentia a voz dessa creança
Soar bem junto a mim nos vortices da dança
Em dôce melodia...
Eu dizia-lhe então, baixinho e satisfeito,
Unindo o collo seu ao meu ardente peito:
Mata-me de harmonia!...

Quando lhe disse um dia: eu vou buscar a gloria
Nos combates do estudo e os hymnos da victoria
Somente teus serão...
Eu preciso de um nome, eu sou mediocre e pobre,
Ella inclinou, chorando, a fronte augusta e nobre
Que pranto aquelle então!...

Quando eu lhe disse adeus... ella chorou ainda,
Tirou do seu cabello uma açucena linda,
Alva qual sua tez...
Cobri a meiga flôr de mil beijos ardentes...
Ella volveu-me então seus olhos innocentes
Pela ultima vez!...

Oiçam agora este bello soneto descriptivo, copia fiel e natural de uma scena amazonica, com todos os tons locaes da vida sertaneja:

NO AMAZONAS

Ruge caudal o rio, — o sem rival no mundo,
As vagas atirando ás pedras da *beirada;*
A *cannarana* desce, em grupos enlaçada,
E o cedro passa lesto e some-se no fundo.

Qual em dia invernoso, horrifico, iracundo,
Solta rouco trovão horrenda gargalhada,
Tal, das aguas a flôr, de fauce escancarada,
O enorme jacaré se mostra furibundo.

O esquivo peixe-boi occulta-se medroso..
Arremete-lhe o arpão, com prospera destreza,
O velho pescador que o espreita cuidadoso;

No emtanto, o *curumim*, alli, na correnteza,
Feliz e sem temor, na *ygára* jubiloso,
Conduz na *sararáca* a tartaruga preza.

Infelizmente uma bôa porção das poesias deste poeta perdeu-se ha annos no naufragio do vapor *Guará*, a bordo do qual Fernandes Bello regressava ao Pará, em serviço de sua profissão.

Os *Versos d'outr'ora* compõem-se do resto dessas producções, salvo das ondas, e daquellas que o poeta pôde conservar na memoria.

X

Mucio Javrot

Ha trinta e nove annos atraz, em 1864, dois vultos gigantescos,—mestre e discipulo—faziam a propaganda de uma nova escola litteraria no Brasil, escola esta já bastante conhecida em França pelas estrophes arrojadas e bellas de Victor Hugo.

Ao Recife coube a gloria de primeiro ouvir de labios patricios o verbo scintillante da poesia hugoana, ainda que a maior gloria coubesse ao Sergipe e á Bahia, por serem a terra natal dos propagandistas.

Tobias Barreto,—o mestre, foi o fundador da escola condoreira no Brasil. Em breve tempo, porem, Castro Alves,—o discipulo, se tornou seu rival e, francamente, não se podia estabelecer superioridade entre os dois valentes poetas: eram da mesma plana.

Castro Rebello Junior, Plinio da Silva, Victoriano Palhares e tantos outros vieram depois tomar parte nesse congresso illustre chefiado pelo auctor do *Dias e Noites*.

Vinte annos depois de fundada a escola hugoana no Brasil, isto é, quando ella já estava quasi extincta, Mucio Javrot lançava á luz da publicidade um livro de versos vasados naquelle molde.

Influenciado pelas retumbantes estrophes do velho bardo francez, fanatico de Castro Alves, Mucio Javrot foi quem melhor soube cultivar entre nós, paraenses, aquelle genero de poesia. O nosso poeta parece ter

herdado do bahiano todas as bellezas e todos os defeitos metricos; estes, todavia, não empallidecem o brilho de seu estro, que é inspirado e nobre.

Victor Hugo, como disse, teve uma influencia poderosa na musa do talentoso poeta paraense; falando de uma creança, por exemplo, diz Javrot:

Quando encontro a brincar uma creança loura,
No riso que contrae aquella face pura,
Que mundos ha de luz!
Eu quizera dizer ao cherubim pequeno:
Arrasta-me comtigo ao teu paiz ameno,
A's tuas terras azues!

Parece-nos estar ouvindo o laureado velho, cantar em versos sentidos, a sua querida Joanna, ao vel-a no leito, moribunda.

Vêde agora o cordeiro transformado em leão, a torcaz em aguia:

Treme o ar! e de repente
Estalaram os mausoleus,
E um gargalhar frio e triste
Vae se perder pelos céos!
Eis que surge, macilento,
Craneo branco, poeirento,
Vulto grande, — redivivo!
Lança o olhar p'ra immensidade..
E a terra diz: — Liberdade!
E o echo diz: — Pedro Ivo!...

. . . .

Olha além! vês Xavier
Como chora o teu presente?
Catão não chorou sua patria
Com lagrima tão pungente!
E tu folgas!.. ai! *realeza*!

Ai de ti se a marselheza
Desperta noventa e tres!
Se de hoje os teus escravos
Amanhã, livres e bravos,
Rasgam a purpura dos reis!...
Mas, que digo? A noite é alta. .
Ruge o vento no cruzeiro!
Republica! ai! meu sonho!
Meu passado prazenteiro!...

. . . .

Esta bella poesia é uma antithese feita ao Baile das Mumias. São da poesia Imprensa estas estrophes sonoras e vibrantes:

. . . .

E a barca immensa rolava
N'orbita eterna dos sóes...
Como os planetas immensos
Seus raios eram pharóes!
Dos seculos—navio gigante—
Tinha por guia brilhante
Os fachos que só Deus ergue;
Por esteira—a nova edade,
Por leme santo—a Verdade,
Por piloto—Guttenberg!...

. . . .

Sim! a America é a barca
Dos estaleiros de Deus;
A quilha dorme nas ondas
E os mastros sobem p'ra os céos!
Pois bem! Um dia Güttenberg
De sua officina ergue
Dos mundos a luz primeira
E diz: Além, noutras plagas
Rola um navio sobre as vagas...
Vae tu ser a timoneira!...

. . . .

Mucio Javrot é um pseudonymo; o poeta chama-se Joaquim Francisco de Mendonça Junior e fez epoca em Belem, ao lado de Marques de Carvalho, Paulino de Brito, Joaquim Sarmanho e outros.

Seu unico livro de versos intitula-se « Crepusculares », e foi publicado em 1884.

Com o pseudonymo de Paulo Puhan e René Mustache, elle e outro escriptor nosso, verberaram em um pamphleto de sangue o escriptor portuguez Sanches de Frias, que teve a má lembrança de, em um romance, fazer-se critico banal dos nossos costumes sertanejos; mereceu de todos o applauso incondicional pela publicação desse opusculo causticante no qual incluiu tambem algumas cartas ao rei de Portugal, d. Luiz I.

Fala a musa do poeta:

DEPOIS DA PARTIDA

Quando voltei depois do *addio* supremo,
Do *addio* supremo e crú da despedida,
Depois de te lançar naquelle extremo,
Co'a luz do olhar, a luz da minha vida;

Banhou-me a alma esse clarão verano
Da mais atroz e pallida saudade,
E eu que sempre zombei do pranto humano,
Chorei por ti!... Amarga e atroz verdade!

Depois quiz te esquecer! mas, inda agora,
Banhe-me a fronte o dia, a noite, a aurora,
Repouse no meu craneo a idéa em flôr,

Vejo tua imagem em sonhos arrastada
E sinto ir a minh'alma, allucinada,
Unir-se á tua nas regiões do Amôr!..

CORRAMOS....

Roçaste por acaso, ó anjo dos amôres,
Co'as azas divinaes as praias de Stambul,
Onde a huri voluptuosa em leito de mil flôres,
Contempla reclinada o morno céo azul?...

Escutaste o bramir das ondas de Marmara
A beijarem o navio—sultão dos elementos,
Ou dormiste a sonhar, ouvindo de Senara
Da prece oriental os languidos lamentos?...

Corramos, meu amôr, nas aguas do Oriente,
A fronte juvenil, em febre, mergulhemos;
E na terra do «harem», sonhando docemente,
Nas azas da illusão sorrindo viveremos.

Alli, na languidez do céo de Mahomet,
Por crença—as harmonias suaves dos desejos...
Tu serás a visão dos sonhos d'Alamet,
Eu serei o IDEAL nascido dos teus beijos!

Teremos por orchestra os hymnos do propheta
Como o incenso a espalhar os candidos perfumes...
Canções—eu te darei porque nasci poeta,
Inspirado a sonhar ao som dos teus queixumes!

Corramos, meu amôr!... da vida Beduino
Sob o céo de Mafoma iremos descançar...
Onde a lua derrama em cada raio um hymno,
Onde um sol voluptuoso as aguas vem beijar!

Ao morno céo de Brussa—as filhas do sultão
Co'os seios semi-nús dos beijos ao calor,
Sorrindo... ao crepitar de lubrico vulcão
Entoam p'ra o propheta os canticos do amôr.

Pois bem! cantemos nós tambem os nossos hymnos,
Abramos nosso seio ao vento da esperança...
Tu terás p'ra sonhar—os módulos divinos,
Eu terei p'ra cantar—teus beijos de creança!...

Corramos, meu amôr! nas aguas voluptuosas
Que banham docemente a languida Stambul,
Banhemos nossa alma em ondas amorosas,
Aos clarões sensuaes daquelle céo azul!...

A brisa do prazer bafeja os Dardanellos
Nossa barca de amòr anceia navegar;
Por flammula teremos tuas tranças de cabellos
Por bussola a esperança e a vida a despertar!

Stambul! Stambul! ó terra voluptuosa
Do languido pachá dos beijos divinaes...
Onde a lua derrama em onda impetuosa
As lavas do prazer nos seios virginaes!

Corramos, meu amôr! na brisa do Levante
Iremos nosso affecto em beijos affogar...
Por entre uma harmonia d'uma alma delirante
Nas horas do prazer... do seio a resaltar.

Mucio Javrot é um poeta de raça, ardente e inspirado, um talento modesto como o heróe de George Sand, que actualmente se conserva frio, remisso, sem dar signal de que ainda vive, elle que tão bem estreiou no mundo das lettras.

Alem de seu livro de versos e do citado opusculo, Javrot publicou ainda um semanario critico —*Alfinetadas*—de collaboração com Marques de Carvalho, que conseguiu fazer epoca. Tem exercido o magisterio publico, foi deputado estadual no actual regimen e presentemente redige em Macapá, com competencia, *A Pinsonia*.

XI

Odorico Lemos

Este, além de poeta de valor, foi naturalista apaixonado e medico de merecimento.

Insinuante e persuasivo, distincto e modesto, na rôda bohemia de seu tempo era justamente estimado, occupando logar saliente entre os seus companheiros de lucta, de pezares e de alegres noitadas, onde por vezes no meio da ventura alacre, deixava transparecer a melancholia de sua alma.

Atravez de suas lunetas de crystal e da expressiva tristeza de seus bondosos sorrisos, que brincavam sempre por entre os bigodes negros, sabia captar a sympathia de todos que com elle privavam e que lhe admiravam a limpidez de caracter e a grandeza d'alma, generosa e bôa.

Extrahimos do IV volume da *Revista da Educação e Ensino*, de 9 de Agosto de 1894, as seguintes notas biographicas sobre este erudito cultor das lettras, que são completas:

«Nascido aos 9 dias do mez de agosto de 1894, na então villa de Breves, hoje cidade, recebeu a sua instrucção primaria na propria residencia de seus velhos paes, tendo começado a secundaria em alguns collegios do Pará.

Em 1871 continuou os seus estudos na cidade do Porto, em Portugal, de onde regressou em 1874, e no anno seguinte assentou praça no posto de cadete, seguindo logo para o Rio de Janeiro com destino á Escola Militar; mas não sentindo vocação para a carreira das armas, deu baixa em 1879 e matriculou-se na Academia de Medicina da capital do Brasil. Não poude, entretanto, proseguir ahi o seu tirocinio, devido á enfermidade que então começava a acommettel-o e a conselho de seus medicos assistentes, teve de voltar de novo aos patrios lares.

Desejoso de continuar os seus estudos, embarcou-se para os Estados-Unidos do Norte em 1880, e matriculou-se no curso medico da cidade de Pensylvania, Estado de Philadelphia, onde foi laureado com o titulo de doutor em medicina no dia 1 de maio de 1885, voltando ao Pará em fins desse mesmo anno.

Em abril de 1887, seguiu novamente para o Rio de Janeiro, afim de obter o direito de usar, no seu paiz, da sua nobre profissão, e por lá se manteve até o glorioso advento da Republica Brasileira, sendo então nomeado 2.º official do Gabinete Ministerial, sob a direcção do pranteado propagandista das doutrinas republicanas, o dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Exonerando-se desse posto, foi o dr. Lemos a residir com os seus carinhosos paes, no rio Mapuá, municipio de Breves, onde, por amôr á pobreza e dedicação aos seus parentes, prestou sempre, desinteressadamente, a uns e o outros, os seus serviços medicos.

Em maio de 1893, foi nomeado pelo governador do Estado, visitador geral das escolas publicas, tendo nesse caracter inspeccionado todas as do rio Tocantins e algumas das Ilhas e do Baixo Amazonas.

Odorico Lemos deixou esquissados e ineditos alguns romances, dramas e crescido numero de poesias, além de varios estudos sobre historia natural e pedagogia, organisados com bastante mestria e competencia.

Passo a citar quatro de suas poesias:

O PARIÁ

Além onde nasce a aurora
E ao Ganges se inclina a flôr,
Vive uma raça maldita,
Raça sem patria e amôr.

De Benares repellida,
Sem Pagodes onde orar,
Tem por Brahma a natureza
E as arvores por altar.

Lá, quando os bambús açouta
O devastador Tufão,
E as palmeiras se retorcem
Ao passar da inundação,

O Pariá sem abrigo,
De Jagrenat ao redor,
Busca a figueira selvagem,
Do tigre corta o furor.

Miserrimo e desprezado,
E's feliz sem teres lar:
—O deserto é teu imperio,
Teu destino é caminhar!

A SOLIDÃO

(FRAGMENTOS)

Tetrica solidão quanto me aprazes!...
Quanto é dôce viver em ti sózinho,
Esquecido dos homens em teu seio!...
Tranquilla habitação nunca negaste
Aos infelizes que a desgraça açula;
Mas sempre deleitoso e manso abrigo
Sob as comas lhes destes de teus bosques,
Onde os dias lhes correm bonançosos
E serenos na paz que alli domina.

Ditoso quem, amante de teus gosos,
Os annos seus por estações de flôres
Que lhe matizam o chão, tranquillo conta!
E quem, na humilde choça, a vida inteira
Dôce vê deslisar-se como a lympha
Que de manso serpeia na floresta...

. . . .

. . . .

INVERNO

L'hiver glace les camps, les beaux jours
Sont passés.

BELMONTET.

Como a terra é muda e triste!...
Do inverno a aragem tão fria
Açouta a gleba sombria
Deste exilio em que vivi!
Correndo as aguas deslisam,
Levando a seiva das flôres,
Com ella as crenças de amôres,
E esperanças que eu nutri...

Illusões de loura infancia,
Neste peito acalentadas
Ao raiar das madrugadas
Nos bellos campos nataes,
—Vos vejo qual frio espectro,
Qual ruinas doutra edade,
Que accendem acre saudade
Nos dias que não vêm mais!

O passado... é já passado!...
Da primavera bemvinda
A flôr se abrirá mais linda,
Mais viçosa, mais gentil:
—Só eu, triste e moribundo,
Para o chão inclino a fronte...
Não mais verei no horisonte
As manhãs do novo abril...

Emmudecei, dôces aves,
E deixae que solitario
O dobre da campanario
Aos homens fale por mim!...
Tombae, ephemeras folhas,
P'ra que minha campa nua,
Banhada da luz da lua,
Indique a *alguem* o meu fim...

E tu, ó brisa do inverno,
Corre, vae triste a meus lares
Sussurrar entre os palmares
Das plagas onde nasci:
Vae dizer á mãe mais terna
Que achares lá, que o seu filho,
Da moral seguindo o trilho
Exhausto tombou aqui.

A VIDA

Que vale a vida a quem sem crenças nella
Passa na terra, como a flôr de um dia?...
Em erma rocha, o sol que a abrasa e mata
As petalas lhe encurva e n'hastea pende...
Aureas fataes, que varrem-n'a passando,
Ao seio a levam de revoltas ondas...
Tal hei vivido sempre: Flôr de um dia,
Tive perfumes na manhã da vida...
Hoje... ludibrio do mendaz oceano,
Um só pharol não me reluz ao longe!

*
* *

O dr. Odorico Gonçalves de Lemos, victima de pertinaz doença que zombou de todos os recursos da sciencia, falleceu em Mapuá, na residencia de seus prezados paes, no dia 2 de maio de 1894, deixando um vacuo de indelevel saudade no coração de todos aquelles que o conheceram.

Que durma em paz o taciturno e original bohemio!

XII

Marcellino de Sousa

Fim profundamente tragico, lamentavel e triste foi o deste poeta paraense, fadado a um futuro brilhante pela sua robusta intelligencia e peregrino talento.

Temperamento verdadeiramente nervoso, dotado de uma eloquencia extraordinaria, Marcellino Lopes de Sousa mostrava nos traços de sua physionomia a melancholia peculiar dos nevropathas e, no expressivo olhar, aquella susceptibilidade desoladora que é o germen das doenças d'alma, a fonte de infortunios e dôres que atormentam a alguns vencidos da vida, continuamente, acabando por leval-os ao suicidio pelo desespero, ou á loucura pela sensibilidade excessiva.

Citarei, como exemplo do primeiro caso, a Camillo Castello Branco, e como exemplo do segundo a Lopes de Mendonça.

Antes de proseguirmos neste perfunctorio e breve artigo sobre a personalidade litteraria de Marcellino Lopes de Sousa, é dever nosso declarar que os apontamentos que se seguem foram colhidos no livro *Paraenses Illustres,* do sr. tenente-coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, publicado em 1896, visto ser a fônte melhor que se nos deparou para isso.

Pedindo, pois, venia ao distincto homem publico por essa liberdade, continuamos a nossa voluntaria tarefa.

Caracter, pois, de natureza vibratil, o nosso poeta estava condemnado, enlaçado fatalmente por aquelle dilemma: assim foi que, indo pela vez primeira levar o tributo de seu amôr filial, junto á sepultura de sua veneranda mãe, no cemiterio da Soledade, em 1880, não pôde resistir ao choque recebido; seu coração estalou de dôr, sua alma bipartiu-se, seu cerebro inflammou-se e Marcellino de Sousa foi preza da mais horrivel loucura.

Enlouqueceu, de joelhos, talvez, beijando a pedra marmore do tumulo de sua idolatrada mãe!

E assim perderam as lettras um dos seus rebentos mais bellos, aurelia que se transformaria em borboleta iriada se a desventura não lhe esmagasse o casulo!

Marcellino Lopes de Sousa nasceu em Belem do Pará, no dia 4 de julho de 1857.

Depois dos seus estudos elementares e de preparatorios, cujos exames fez com brilhantismo no Lyceu Paraense, o nosso patricio matriculou-se na Faculdade de Direito de Pernambuco, onde entrou em 1878.

Quando estudante no Lyceu Paraense, deu publicidade a varias producções poeticas de sua lavra no *Diario de Belem*, na *Republica das Lettras*, na *Aurora Litteraria*, etc., já extinctas.

Infelizmente não pôde concluir seus estudos, pois a fatal doença o empolgou quando ainda estava no segundo anno de seu tirocinio academico.

Eis algumas de suas poesias escriptas aos 20 annos:

Era manhã... sorrindo ella brincava
Por entre as meigas flôres do jardim;
Bem como o seio della, eram suas vestes
Mais alvas que o jasmim.

Tão virge'inda era ella! Na tez linda
Dos louros cherubins tinha o candor!
Suavissima innocencia revelava
Dos olhos no fulgor.

. . . .

Passaram-se dez annos... Uma tarde,
Sentada a vi de um templo ao limiar;
Scismava... tinha a face macillenta,
Tão languido o olhar!

Não era a casta virgem mais de outr'ora!
Da limpida innocencia dôce olor;
No seio d'alma já lhe não vertia
A inebriante flôr!

Já era prostituta! Foi na orgia
Por entre os desvarios da saturnal,
Que assim deixou fanar-se-lhe tão cedo
A c'rôa virginal.

....

Depois, era uma noite... Amortalhada
—Cadaver já—eu vi-a sobre o chão!
Lembrei-me dos seus dias innocentes,
Chorei de compaixão!

SONETO

Perdi... perdi já tudo! Nem já sinto
Sorrir-me dentro d'alma uma esperança!
Enlevos de mancebo... amôr, bonança!
Ai! tudo se finou! por Deus, não minto!

Tirai-me o coração!—De magoa tinto—
Sequer nelle achareis uma lembrança
Dos gozos que fruí quando, em creança,
Do riso e do prazer cingia-me o cinto!

E assim hei eu de morrer? Meu Deus, que sina!
Morrer... morrer sem nunca haver ditoso
Do amôr gosado, em vida, a luz divina!

Morrer... morrer vergado ao peso iroso
D'acerrima desgraça vil, ferina,
E' triste, é triste, ó Deus! muito horroroso!

MEDITAÇÃO

Como é bello, como é bello,
Em noite linda, ao luar,
Sentado na branca areia
Da praia extensa do mar,
Ouvir-se do sertanejo
Sentida—a flauta chorar.

E depois—formosa virgem
Bella, bella, de encantar,
Desprendendo em voz sonora
Meigos cantos de pezar,
Do instrumento as langues notas
—Docemente acompanhar...

....

Doente, louco furioso, foi o pobre poeta transportado da capital do Pará para o Hospicio Pedro II, do Rio de Janeiro, em 1881, e alli prematuramente se apagou aquelle espirito de elite, azinha roubado ás lettras patrias, no dia 27 de outubro de 1886.

XIII

Joaquim Sarmanho

Foi um dos muitos que se iniciaram no antigo e extincto « Diario de Belem », de propriedade do distincto jornalista dr. Antonio Pinheiro, alli publicando as primeiras estrophes de sua lyra sonora.

O « Diario de Belem » foi, em todas as phases de sua brilhante existencia, o paranympho amoravel da mocidade paraense, que nelle ensaiava os seus primeiros surtos litterarios, animada pelo director da empreza—essa alma limpida e bôa, esse caracter sincero e leal que se chamou Manoel Valente do Couto, que a todos encorajava sempre com o sorriso nos labios.

Joaquim Sarmanho conseguiu fazer-se um nome, sendo, com razão, considerado pelos seus collegas, que o admiravam, poeta e prosador elegante.

Nasceu em Belem do Pará, a 6 de junho de 1858. Depois de seus primeiros estudos, matriculou-se na Escola Naval, do Rio de Janeiro, onde se tornou notavel pela malleabilidade do seu talento.

Em viagem de instrucção, atravessou por varias vezes o Rio da Prata, visitando as suas principaes cidades; percorreu varios paizes da Europa e conhece todos os recantos do Brasil, desde as costas do Rio Grande ás aguas do Amazonas.

Marinheiro de reconhecida competencia, tem servido, como commandante, em varios navios de nossa marinha mercante, estando actualmente no commando de um dos

vapores do Lloyd, que fazem a linha do Rio para o sul.

Polemista intransigente e perseverante, tem terçado armas com diversos escriptores, sahindo-se sempre airosamente da lucta, quando não o faz com galhardia, como na questão travada ha pouco, sobre assumpto de religião e crenças, com o illustre monsenhor Mancio Ribeiro, pelas columnas da *Folha do Norte*, do Pará.

Como talento emprehendedor e amante da sciencia, fez-se inventor de um engenhoso apparelho que intitulou *Submarino Sarmanho*, o qual prestará reaes serviços concernentes ao fim a que é destinado, se levar a effeito a construcção do mesmo.

Como jornalista, tem collaborado nos principaes jornaes do Pará e da capital do paiz, sendo que, não ha muito, deixou um logar empreenchivel na *Folha do Norte*, onde o seu talento scintillava em chronicas chispantes, em artigos de propaganda e em versos inspirados.

Apreciemol-o agora como poeta. São de seu livro inedito—« Sonhos Azues »—as melodiosas poesias que passo a transcrever :

CANTICOS A ESMO

Não te detesto, não ! Se tu quizeres
Se tu voltares inda, como outr'ora,
Desta desdita os rôxos malmequeres
Hão de mudar-se, á luz de nova aurora,
Nessas boninas brancas dos prazeres.

Pois quanto mais a minha estrella sigo
Por esse espelho azul dos largos mares,
Em vez de te fugir, eis-me comtigo ;
Tendo só por ventura os meus pezares,
No meu isolamento o meu castigo...

. . . .

Mas, o desgêlo da indiff'rença é tanto,
E' tal a magoa desta dôr disforme,
Que embora eu regue no meu proprio pranto
A flôr saudosa em que minha alma dorme,
Jámais, eu penso, voltará o encanto
Que transformou-se neste vacuo enorme!...

Quando o capricho rude do destino
Face á face juntar-nos outra vez,
Por um presagio triste e sibilino,
Sinto que duma extranha languidez
Ha de banhar-se o teu olhar felino,
Ha de inundar-se a tua branca tez.

GALANTEIO

SCENA BUCOLICA.

Antes que o sol, gemma d'ouro,
Entre nuvens se levante,
Dolôres vae, cedo, escuro,
Para o roçado, distante...

Vae sem meias, saia curta,
Cabello solto, ao desdem...
Redonda cinta em que a murta
Prende-se á branca cecem.

A's vezes, como enlevada
N'uma visão, pura e bella,
Rompe e brilha outra alvorada,
No rosto moreno della!...

Salta e folga como as aves,
Cantando pelo caminho,
Alegres canções suaves,
Cheias d'amôr e carinho...

No valado encontra, rindo,
O *Cura* da freguezia:
Bom dia, padre Bemvindo!
—O' flôr dos Andes, bom dia!

HARPA EOLIA

Nesta manhã de inverno
Por entre as densas brumas das campinas,
Quem é que canta essas canções divinas,
Nesta manhã de inverno ?

Como esta voz me encanta!
Como me fala ao coração magôado !
Ella parece vir do meu passado,
Numa alegria santa!...

O' nevoeiro maldito !
Deixa-me vêr quem é que me desperta,
Tão tarde para mim, n'alma deserta,
O meu sonhar bemdito!...

Esta voz, esta voz, num brando arquejo,
Sinto-a, mais do que a escuto, enamorado...
—Cantando, como um hymno de festejo,
Chorando, como um dobre de finado!...

Tem ella no cantar triste e magôado,
Uma tão funda e mesta nostalgia,
Que me faz relembrar do meu passado,
Não sei que dôce e terna melodia...

Dias da tenra edade !
Minha infancia feliz ! Oh ! minha amada !
Jardins onde eu brinquei ! Patria adorada !
Cantae !
Cantae-me n'alma esta saudade !....

ESPERANÇA E FÉ

Á QUE ME ESPERA...

Pela estrada da Vida, forasteiros,
Como quem busca a terra promettida,
Vamos passando, miseros romeiros,
Longe da nossa virginal guarida.

Levas comtigo um bando de Esperanças
Para alcançar teu mystico ideal...
E eu vou seguindo tuas negras tranças
Como quem segue o proprio funeral...

Deixa que a turba ignara nos persiga,
Que faça guerra ao teu e meu desejo...
Nossa firmeza, crê, talvez consiga,
Um futuro risonho e bemfazejo...

Vamos seguindo nossa extranha senda,
Sempre unidos na crença e no perdão:
Rogando a Deus que a nosso amôr attenda
E nos encha de goso o coração.

Eu tenho fé que á luz de nova aurora,
No caminho a seguir brotarão flôres...
E que as aves do Céo, aves canoras,
Hão de alegres saudar nossos amôres.

Já no horisonte se divisa o porto,
O descanço final desta jornada...
Dá-me teu braço, acceita o meu conforto,
Que já vem perto a estrella da alvorada!

O meu destino é o teu, grata ventura,
Foram ligados no mais casto amôr!
Separar-nos agora é uma loucura,
E' fazer-nos soffrer na mesma dôr...

Quanto sentimento e mimo nestes decassyllabos adoraveis!

Joaquim Sarmanho tem na armada o posto de 1.º tenente e é actualmente o correspondente e representante, na Capital Federal, da *Folha do Norte*.

XIV

Padua Carvalho

Antonio de Padua Carvalho nasceu em Belem, no anno de 1861 e em Belem falleceu a 6 de abril de 1889.

Paraense intelligente e estudioso, professor diplomado pela Escola Normal do Estado, dedicado ás lettras, consagrou a existencia ao aperfeiçoamento do seu espirito, daquelle espirito emprehendedor e pujante que foi tantas vezes as delicias dos que o liam.

Como jornalista, deixou-nos no *Entre-columnas*, do *Diario de Noticias*, onde collaborou por largo tempo com o pseudonymo de *Sgnarello*, a prova mais inconcussa de sua intelligencia. Fertil imaginação, durante o tempo que levou na redacção daquella folha, não deixou nunca de contribuir, diariamente, com uma chronica chistosa, quando não juntava a esta um artigo criterioso e sério, um folhetim primoroso, uma joia litteraria qualquer.

Padua Carvalho só se retirou d'arena jornalistica, quando sintiu ir-lhe extinguindo a existencia o germen toxico da molestia que o levou ao tumulo. Excellente *conteur*, deu-nos nas « Phantasias Sonoras » os indicios de um estylista mimoso, de um avantajado cultor da fórma. Inspirado poeta, difficil nos fôra dizer em que escola se filiava, pois, como Mendes Leal, cultivava todo o genero de poesia, primando sempre pelo bom gosto esthetico e pela riqueza de sua imaginação sempre crescente.

Eis como elle termina a poesia—*Murmurios*—escripta para commemorar a liberdade dos incolas:

Santa Cruz desertou, até que um dia
Tão cheia de esplendor e magestade
Regressa a ver de novo
As costas do oceano,
As praias onde então Cabral plantára
A cruz consoladora!
Já as ondas não gemem de saudade
Nem lastimam os ventos seus amôres!
O sol da liberdade hoje apparece
Em todo o seu fulgor inexplosivel.
Fez-se um moderno mar
Para banhar de novo a nossa patria!
E nesse novo mar de novas ondas
Vae róta do porvir!

Na poesia—*Anima mea*—assim exalta a mulher:

Est'alma que viveu em frente á immensidade
E, douda, esvoaçou no mar da eternidade
Aos páramos da luz,
Quando altiva affrontou a voz da tempestade
Só se poude humilhar perante a magestade
Dos braços duma cruz!...

No emtanto ella se curva á fimbria dos vestidos
Que te ornam o corpo, e uns timidos vagidos
Solta ao ver-te partir!
Já não sabe subir no vago dos espaços...
Só sabe resvalar na linha de teus braços!
Só sabe te seguir!...

E já que começamos a citar versos deste inditoso poeta, vejamos mais duas de suas bellas producções poeticas:

IGNOTUS

Eu não te vejo, ó sombra resplendente,
Dos meus dias nos lúcidos momentos;
Mas oiço a tua voz na voz dos ventos
E sinto-te, translucida, na mente!

Quem é que não te crê? Quem não te sente
No dôce vaguear dos pensamentos,
Quando a alma cançada de tormentos
Repoisa no Ideal, inda mais crente?

Quem não faz do soffrer uma ventura
Ao sonhar esses olhos de ternura
E da paz do perdão que nos assombra?

Tu me enlevas num sonho de piedade,
Cheio de tanta luz e suavidade,
Que, embora sem te vêr, te adoro, sombra!

MEU CÉO

Quando minh'alma altiva, palpitante,
Ebria de luz, de amôr, de primavera,
Procura o azul divino dessa esphera
Que envolve os olhos teus, ó minha amante,

Bem qual procura astronomo distante
Bella Orion de estrellas que venera,
E cuja luz sublime considera
Como num sonho célico de Dante;

Penso que fez o Deus a immensidade
E o teu olhar do mesmo azul infindo,
Deu-lhes a mesma luz e magestade!

E' esse olhar febril que vae sentindo
Minh'alma junto a ti, na claridade,
—O bom céo que ella adora e a vae nutrindo.

Padua Carvalho não deixou, comtudo, de soffrer o aguilhão dos criticos protervos, dos pretenciosos litteratos de encommenda, que offuscar quizeram por vezes o brilho do seu talento.

Foi um martyr. Ouvia as phrases chilras e morbidas do pessimismo caturra, sem ligar-lhes a minima importancia. Sabia que os seus adversarios eram os bemaventurados *jornalistas,* incongruentes e réles, que, por serem pretenciosos, se julgavam os corypheos da litteratura Amazonica...

E, note-se, havia raras excepções; feita a ellypse de um ou outro, como poeta ou como critico, nada mais ficava senão a córja dos *elogios mutuos*, essa nova rã que, á força de inchar, estourou um dia no meio da galhofa e das apupadas.

Padua Carvalho morreu quasi esquecido, mas viverá sempre no coração de sua velha mãe, que o estimava, de sua familia, que o pranteia.

O proprio *Diario de Noticias*, jornal que levantou e a que deu vida, não sahiu da chapa quotidiana, ao dar a funesta noticia do seu passamento!... Ingratos!

Ingratos que assim pagaram os sacrificios que por elles passou!

Perdoe-me o leitor esta longa tirada de meus sentimentos, impropria aqui; Padua Carvalho, porem, foi quem guiou os meus vascillantes passos na imprensa, foi o meu mestre, e eu não posso calar a voz da gratidão...

As suas poesias dispersas, publicadas em varias folhas, formariam um bello volume. Oxalá que um dia occorra a um editor a lembrança de as colleccionar e publicar, para que assim esse moço talentoso seja lido pelos posteros, e suas poesias nos sirvam de deleite, quando tombarmos, enfraquecidos, para o occaso da nossa existencia.

Pobre amigo e primoroso poeta, dorme em paz!... E deixa-nos, a nós, os que te estimamos, do meio do nosso obscurantismo, inscrever no marmore da tua sepultura a palavra—*Recordação*—cravejada dolentemente com as lagrimas pungitivas da saudade.

XV

Theodorico Magno

Foi para os moços como elle que Varella, o poeta sublime do *Cantico do Calvario*, escreveu o conhecido decasyllabo :

Fatal destino o dos brasileos vates !

e pedia ao tempo voraz que por instantes parasse, concedendo *ao genio o respirar ao menos !*

Esmagadora fatalidade, decerto, a que pesa sobre esses idolatras da arte, cheios de seiva, missionarios do Bello e do Sublime, condemnados a morrer aos vinte annos, asphixiados cruelmente pela repulsiva teia em que os envolve o teterrimo e nojento atocalto dos tumulos !

Que sorte a desses jovens de talento e que desgraça a nossa, não termos o dom de esmagar aos pés a phylloxera maldita que os estiola e mata !

Quando o talento nelles irradía,
o Fatalismo lhes aponta a tumba...
e a mão da morte, descarnada e fria,
silentemente as palpebras lhes chumba!...

Theodorico Magno morreu aos 18 annos de edade.

Uma creança, póde-se assim dizer, possuidora do fogo sagrado que acompanha o genio, colhida de surpreza pela foice gelida da Morte, quando seu espirito procurava

alar-se, vacillante ainda, mas já robusto, ao paiz do Sonho, ás seductoras regiões da Phantasia e do Amôr.

Irmão dilecto desse outro genuino poeta que foi Santa Helena Magno, não desmentiu a estirpe: foi digno successor da lyra inspirada do vibrante auctor do *Anjo Cahido*, herdando delle a alma, o sentimento, o caracter e o talento sem jaça.

Chamava-se o nosso adoravel e joven patricio Theodorico Francisco de Assis Magno e nasceu, como seu irmão, no engenho Santa Maria, municipio de Muaná, no dia 4 de outubro de 1866.

Contam amigos seus que aos 8 annos de edade, ainda nos bancos escolares, Theodorico Magno compoz a sua primeira poesia intitulada — *Bemteri* —, defeituosa, porcerto, mas, já cheia de naturalidade e expressão, primicia de um eleito das musas, revelação positiva de um poeta de largo surto.

Mais tarde entrou para o Seminario do Carmo, distinguindo-se sempre como alumno estudioso.

Ahi, com outros collegas, fundou uma sociedade litteraria intitulada *Instituto Juvenil*, tornando-se a admiração de todos os seus companheiros pelo seu immenso talento em tão curta edade, só comparavel ao dessa outra creança assombrosa que foi Alvares de Azevedo.

Aos dezesete annos, isto é, em 1883, matriculou-se na academia livre de direito do Recife, onde foi preza da minaz doença que o matou quando ainda no terceiro anno do curso juridico.

Continuando a molestia na sua marcha progressiva e fatal, o nosso infeliz coestadano seguiu para o Ceará, em busca de melhoras, não as conseguindo, porem, fallecendo nesse mesmo Estado no dia 16 de maio de 1885

—*Fatal destino o dos brasileos vates!*

longe da familia, servindo-lhe apenas de consolo final o

sussurro longinquo das ondas dos *verdes mares bravios* e o plangente canto da jandaia *nas frondes da carnaúba!*

Do numero selecto de suas encantadoras poesias, religiosamente transcrevo aqui as que intitulou—*Neblinas* e *De longe*—, por serem uma das primeiras e uma das ultimas que elle arrancou, dolorosamente dos recessos de sua alma de torturado e descrente.

NEBLINAS

Antes de amar, eu via a minha estrella,
A estrella que ao futuro me guiava,
Ir debulhando a claridade flava
A subir pela encosta azul do céo;
Quando sob ella os ventos furiosos
Levavam dos bulcões o bando errado,
Ella tornava em escarcéo dourado
Do firmamento o turbido escarcéo.

Naquella noite em que um amòr insano
Veiu turvar da minha vida a calma
E expulsou de seus ninhos em minh'alma
As louras illusões e os sonhos meus,
Vi cahir nessa noite o astro fulgente
Do seu caminho á cérula poeira,
E enviar-me da chamma derradeira
No ultimo arranco o derradeiro adeus

Hoje no ambito immenso do horisonte
Onde outr'ora brilhava a minha estrella,
Dos trefegos negrumes se atropella
A grei que corre em célere motim. .
Nem mais diviso as altas cumiadas
Do Parnaso ideal e vaporoso,
Onde ia pedir o astro formoso
Uma gotta de gloria para mim.

Hoje minh'alma sinto amortalhada
Em um funebre manto de neblinas...
Os arrebóes, as noites, as campinas
Não me fazem pulsar de esto e de amôr;
Amo, é verdade, e muito, mas, no emtanto,
Vae-se-me o coração endurecendo
Das mágoas ao açoite, e comprehendo
Que em meu amôr ha gelo e não calor

Esta é a agonia dos desgraçados ...
Rio-me da dôr por não poder cural-a...
Eu, pobre martyr que a ironia embala,
Hei de em breve na campa resvalar
Precito neste mundo de miserias,
Condemnado a vagar no cáhos sem norte,
Me rojarei contente aos pés da morte
Quando a aurora da vida despontar ...

. . . .

DE LONGE

Á S**

Enfant, garde ta joie;
Lis, garde ta blancheur !

VICTOR HUGO.

Oh! não te digo, não, ó candida creança,
Iris da minha esp'rança,
Alva cecem do Céo;
Não te digo que te amo e este amôr vesano
Filho de um olhar teu,
Ora qual temporal me agita os seios d'alma
No gigante estuar de um peito de oceano,
Ora como um amante, em impetos dementes
As faces virginaes
Colore a phantasia, em beijos vehementes,
De auroras boreaes!

Não quero distrahir-te os infantis folguedos
Contando-te os segredos
De uma vida sombria e uma paixão em flôr...
Não posso descobrir á tua vista as scenas
Destas tão grandes penas,
Deste tão vasto amôr!

Não Não te mostrarei do coração as grutas,
Paragens impollutas
Onde riem-se illusões e desenganos choram;
Onde ha clarões de amôr e sombras de descrença,
Onde a paixão immensa
E as fundas máguas moram!

Para que te falar do amôr que por ti trago,
No meu peito a ebullir?
Tua alma é um virgem céo, tua alma é um garceo lago;
Porque fazer no céo chispar de um raio o lume,
E porque sobre o lago as azas de um negrume
Tenebrosas abrir?...

Eu lembro dentro em mim da minha vida as crises
Nas fundas cicatrizes
Que me deixaram n'alma os golpes do soffrer!
Eu conheço demais da vida as amarguras...
Tu, gosando a sorrir das célicas venturas,
Vaes passando a manhã de um limpido viver.

Desconheces o mundo: as sensações virgineas
Não as vibra inda em ti da terra uma paixão,
Alma de cherubim em petalas jasmineas,
Não conheces o amôr que a vida me inquieta...
Queres amôr de lyrio, eu tenho amôr de athleta,
Pedes uma centelha e eu dou-te uma explosão!

Adoro essa innocencia! Adoro esses sorrisos
Tão coloridos, bellos,
Que o proprio anjo da guarda experimenta ao vel-os
A celestial inveja
De uma candura assim que tão divina seja!...

Oh Guarda, sempre, pois, como em perenne infancia
A olympica ignorancia
Dos enganos do mundo e das traições da dôr...
Tu—não queiras saber do meu affecto a altura,
Eu—não te mostrarei meus cofres de amargura,
Meus abysmos de amôr!

Theodorico Magno foi tambem um dos assiduos collaboradores do «Diario de Belem.» Em artigos de combate sustentou alli uma renhida polemica com Marques de Carvalho (João) sobre um romance deste escriptor, intitulado—*Georgina*—, publicado no roda-pé do já citado diario, provando á evidencia a não originalidade da idéa.

Em 1882 tambem publicou em folhetins nesse mesmo «Diario de Belem» um romance escripto *au jour le jour*—*Por causa de uma loucura*—, que imprimiu mais tarde em volume, conjunctamente com outro—*O homem das serenatas*, de Paulino de Brito.

Esse livro, rarissimo hoje, no qual estão enfeixados os trabalhos litterarios de dois espiritos de *elite* tomou o modesto titulo de *Tentativas Litterarias*.

Do *Por causa de uma loucura*, disse um de seus amigos intimos, o sr. Heliodoro de Brito, pelas columnas d'*A Arena*, revista litteraria que se publicou em Belem pelo anno de 1887:

«... foi o seu *Childe Harold* em que retratava, como o grande poeta inglez, as suas emoções ingenuamente ideaes, as phases de sua alma que começava a expandir-se e que de todos os lados tacteava um amôr que lhe povoasse as fulgurantes, mas desertas paragens do coração. Conta nessas paginas o seu primeiro amôr, amôr de creança que lhe arrancou as primeiras illusões e o fez sentir o pungir dos espinhos duma ingratidão acerba.»

E, já que citei phrases de um seu sincero e leal amigo, peço tambem ao poeta, como esse amigo pediu, que me perdoe se estas palavras ainda hoje relembrando-lhe o nome, lhe forem revolver as cinzas, perturbando-lhe o tranquillo somno!

XVI

João Nilson

Ao traçar o nome deste desventurado rapaz, cedo perdido para as lettras, devido ás más companhias, acudiu-me á memoria immediatamente o desse outro poeta desgraçado que foi Lobo da Costa, uma das mais evidentes mentalidades rio-grandenses do sul.

Os pontos de contacto que ha nas varias phases da existencia desses dois infelizes são frisantes: Lobo da Costa foi descendo gradualmente de sua banca de jornalista criterioso, de poeta elegante, de escriptor distincto, envolvido nos vapores suffocantes e toxicos do alcool, para o jornalismo de cabotinos, onde a honra da familia era atassalhada a golpes de arrieiro; passou do jornal ao pamphleto, ao pasquim; dos botequins ao balcão carunchoso das tabernas esconsas e, quando já gasto de todo pelo vicio—elle que havia sido um poeta divino—foi encontrado desamparado, immundo, numa rua, perto de uma valla, inteiriçado e morto, gélado pelo frio cortante do minuano, que, depois de varrer os pampas, lhe ia açoitar as faces maceradas, em zunidos de escarneo.

João Nilson, da phase invejavel de sua vida de typographo, estudante e normalista, de redactor do *Correio Paraense* onde sua penna trabalhou ao lado de Parsondas de Carvalho, Bento Aranha, Eugenio Ataliba, Marcos de Carvalho e outros, em folhetins litterarios, em artigos de propaganda, em versos inspirados, foi tambem,

como Lobo da Costa, descendo de degradação em degradação, arrastado pelo alcool, chegando a ser, não redactor de pamphletos infames, mas collaborador de jornaes jacobinos, onde sua penna, molhada em fel, azorragava impiedosamente uma colonia, nossa irmã pelo sangue. Isto num seculo que foi das luzes e no qual, ao contrario do que fez, só devia pugnar pela confraternidade universal.

Perto já de seus ultimos momentos de vida, quando della apenas lhe restava um atomo, eu o vi muitas vezes deambular sordidamente immundo, pela praça Justo Chermont, em mangas de camisa, de chinellos de couro e sem meias, cambaleando, tresandando a vinho, com um riso alvar a brincar-lhe nos labios.

Um dia, sem forças já, deixou-se cahir na calçada da praça,—elle que fôra um rapaz elegante e correcto—donde o levaram a braços para a redacção do *Nacional*.

Ahi viveu ainda ao abandono, alguns dias, ás expensas de alguns rapazes caridosos que lhe iam levar de comer condoidos daquella miseria.

Mas, para que continuar a relatar coisas tristes? Lancemos um véo sobre isso tudo e leiamos alguns versos do infeliz poeta.

EXTAXE

Á E... L...

Minh'alma, creança, adora,
Nuns devaneios singellos,
Os raios fulvos d'aurora
E o loiro dos teus cabellos...

A côr celeste da fita
Com que tu prendes as tranças
Fêl-a ficar—pobresita—
Travêssa como as creanças!...

Adora a côr dessas faces
Cheia de doce pallôr;
Desses teus olhos vivaces
Os raios de luz, ó flôr...

Dos labios teus descorados
Os risos francos, suaves,
Por ella são adorados
Como o gorgeio das aves.

Da tua voz peregrina
As gradações musicaes
Fazem-n'a—louca divina—
Andar contente demais...

São os teus seios nevados,
Que ainda agora ao nascer
Trazem-n'a—toda cuidados,
—Toda feliz de prazer...

São elles, esses teus seios
O seu encanto feliz...
Primeiros, castos enleios
Dos sonhos seus juvenis!...

São esses pomos pequenos
O casto sonho ideal
Que ella festeja nos threnos
Singellos dum madrigal...

*
* *

Creança, os versos ligeiros
Que eu aqui te deixo escriptos,
São castos filhos primeiros
Dos teus encantos bemditos.

Guarda-os, pois, que como outr'ora
Nuns devaneios de amôr,
Minh'alma apenas adora
Os teus encantos, ó flôr!...

A UMA PECCADORA

Das *cocottes* gentis do *demi-monde*
Tu és a flôr altiva e caprichosa....
Esse teu corpo é fonte venenosa
Onde a volupia languida se esconde!

Na tua alcova, tépida e cheirosa,
De *cocotte* gentil do *demi-monde*
E' justamente, branca flôr, aonde
Vive do amôr a essencia vaporosa...

Mas, que valem, mulher, os teus carinhos,
Entre as dobras de flácidos arminhos,
Após o goso sensual ?... Responde...

Nada!... sómente compaixão saudosa
Por ti, ó flôr altiva e caprichosa.
Das *cocottes* gentis do *demi-monde*.

VESPERTINOS

I

Hontem, á tarde, formosa,
Emquanto tu passeavas
Pela alameda cheirosa...
Que espanto que tu causavas
Morena gentil, graciosa,
A's flôres por que passavas!

A rosa dizia aos cravos:
—Como é formosa demais!...
—Nós seremos d'Ella os lumes,
Mais fortes, mais serviçaes,
Repetiam os vagalumes,
Cantores de madrigaes...

O bogary lacrimoso
Ao lyrio dizia assim:
—Já não sou mais o cheiroso
Irmão do verde alecrim;
Já lhe sou tão odioso
Que nem se lembra de mim!

—Mais infeliz do que eu,
Diz a cecem,—ninguem ha...
Nem a virgem que morreu,
Nem as filhas de Judá;
Ella de mim se esqueceu,
E jamais se lembrará!...

Soluça, geme baixinho,
Em trillos sentimentaes,
A' borda de fragil ninho
Um casal de sabiás...
Desabrocha o rosmaninho..
Rescendem os resedás!...

E tu passavas, divina,
Desdenhosa, sorridente...
Mostrando quanto és menina,
Mas pura, bella, innocente,
—Como a estrella matutina...
—Como a lympha da corrente!...

. . . .

II

Se com as flôres formosas
Gigi, procedes assim...
Se fitando as tuberosas,
Do teu formoso jardim,
Zombas do lyrio e das rosas..
—Não zombarás tu de mim?!

Serás tu a eterna essencia
Do mais puro Amôr, ideal;
A casta e branca innocencia
Cantada num madrigal,
Fagueira reminiscencia
Duma belleza immortal?!...

Serás tu sempre a morena
De olhares sentimentaes,
—De labios côr de verbena.
—De curvas esculpturaes,
—Dum sorriso que envenena
As almas mais hibernaes?...

Desdenhosa e sempre altiva,
Borboletinha erradia,
Saibas:—minh'alma captiva
Certo, de dôr morreria
Se dessa affeição tão viva
Se visse privada um dia!

João José dos Reis Nilson nasceu no Pará, no dia 18 de junho de 1866 e falleceu a 18 de julho de 1896.

Faisca, um dos bons chronistas que «A Provincia do Pará» possuiu, dedicou, por essa occasião, algumas palavras á memoria do poeta, de quem foi amigo intimo, escrevendo nas *Brumas,* por aquelle jornal, uma chronica magoada, repassada daquelle santo sentimento a que Garrett chamou *delicioso pungir d'acerbo espinho.*

E João de Deus do Rego, o inesquecivel lyrico do norte, noticiando pelo «Republica» o funesto acontecimento, escreveu:

«As suas poesias não tinham a nota flagrante de uma originalidade surprehendente que é a caracteristica dos poetas de genio; possuiam, todavia, na sua mór parte, uma apreciavel espontaneidade e um puro e delicioso sentimentalismo, proporcionando aos leitores gratos e amenos momentos».

A prova do que affirmou o poeta das *Primeiras Rimas,* achará o leitor nas poesias de João Nilson aqui citadas.

XVII

Marques de Carvalho

O conhecido escriptor cujo nome avulta hoje no começo de nossa prosa incolor, parece ter quebrado já a sua penna de poeta, outr'ora affeita ás lutas do Bem, traçando alexandrinos de fogo contra o rei e a bem da Republica, escrevendo poemetos patrioticos em prol da abolição da escravatura ou burilando decasyllabos em nome do Amôr.

E se bem que o poeta de 1884-1888 se transformasse em romancista, diplomata e jornalista, abandonando por completo a Musa de seus enthusiasmos e sonhos, não podemos calar aquella phase primeira de sua vida litteraria, que foi luzida e distincta.

Antes, porem, vejamos em rapidos traços, como notulas de reportagem, a biographia do poeta :

Chama-se João Marques de Carvalho e nasceu a 6 de novembro de 1866. Estudou primeiras lettras na escola de dona Maria Britto Inglez, passando mais tarde para as dos professores Valente do Couto e Alexandre José Pinheiro.

Em maio de 1879 partiu para a Europa afim de lá continuar seus estudos.

Em Portugal fez com brilhantismo o curso de humanidades, prestando exames nos lyceus do reino.

Em 1881 foi de Portugal á França, depois de cursar por alguns mezes o Instituto Commercial e Industrial de Lisboa.

De volta ao Pará, em 1884, inscreveu-se e novamente prestou exames de preparatorios no Lyceu Paraense, obtendo notas distinctas.

Data d'ahi a sua carreira jornalistica.

Entrando como collaborador no « Diario de Belem » (sempre o « Diario de Belem ! ») em breve tempo distinguiu-se como poeta e *conteur* trabalhando ao lado de Paulino de Britto, Theodorico Magno, dr. Cotta, Joaquim Sarmanho, Mucio Javrot e outros.

Foi por esse tempo que publicou a novella—*Georgina*—em folhetins d'aquelle diario. Mais tarde, se a memoria não me falha, devido a uma carta sua ao velho jornalista dr. Joaquim José de Assis, entrou para a redacção d'« A Provincia do Pará », encontrando ahi vasto campo para as suas lucubrações, animado por Marcellino Baratta, Tito Franco d'Almeida, Amado de Campos, dr. Assis, etc.

Em 1886, de collaboração com Javrot, publicou o semanario « Alfinetadas », pilha de humorismo sadio, que foi sempre recebido com curiosidade e sympathia.

Foi o fundador do extincto « Commercio do Pará », jornal de feição moderna, tendo por companheiros seu irmão Antonio de Carvalho, Frederico Rhossard, Guilherme de Miranda, etc.

Tendo necessidade de matricular-se na Academia de Direito do Recife, deixou a direcção do jornal a Antonio de Carvalho, que a manteve com galhardia.

Em 1887, conjunctamente com Frederico Rhossard, Paulino e Heliodoro de Britto creou a « Arena », periodico litterario e artistico que occupou, sem duvida, logar saliente entre seus congeneres.

Eis a lista completa de seus livros publicados: « O sonho do monarcha », versos; « Lavas », versos; « Paulino de Britto », opusculo de critica; « Hortencia », romance; « O livro de Judith », contos; « Entre as nymphéas », contos; « Contos paraenses » e « A carteira de um diplomata ».

Vejamos agora os versos do arredio poeta, desse transfuga das rimas, que no tempo da propaganda

abolicionista se salientou pela imprensa e nos comicios populares em estrophes vibrantes de patriotismo:

REDEMPÇÃO

(A PROPOSITO DA KERMESSE)

Por fim ergueste o collo athletico, gigante,
Minha terra natal!
E vens da Liberdade esplendida arrogante,
Banhar-te na caudal!

Para longe lançaste a fera—preconceito,
Quebraste o vil grilhão
Que te prendia os pés e dava-te o aspeito
D'um miseravel cão,

D'um valente animal que chora e que se humilha
Ao látego cruel!
Desejas finalmente andar na bôa trilha
E fugir do cairel,

Do sinistro cairel da perdição infame,
O' cidade gentil!
Ao conhecer-te assim, quem ha que te não ame,
Rainha do Brasil?

Salve, patria formosa, ó grande patria amada!
O albor da madrugada
Parece-me que tem mais brilho neste dia!
Propagam-se no espaço os cantos joviaes
Das seductoras aves,
E suspiros de amôr convulso, e de alegria,
—Qual o fremente som d'uns osculos suaves,—
Parecem murmurar as brisas virginaes!

24, Setembro, 87.

Eis uns bonitos decasyllabos dedicados ás distinctas musicistas paraenses Virginia e Mathilde Sinay:

LENDA AMAZONICA

Reza uma lenda nossa que uma noite
Um mancebo selvagem desprezou
A velha mãe que, debulhada em pranto,
Na pobre taba a soluçar ficou
Chorando o amado filho, o seu encanto.

Buscava o joven fugitivo a sombra
(Uma excelsa figura de mulher,
Uma ondina de carnes luminosas)
Que da alvorada vira ao rosicler
Occultar-se nas ondas marulhosas.

Depois, não mais voltou: fôra attrahido
Ao rio pela torpe seducção
Da YÁRA, que estreitar louco anhelava
N'aquella insania vil d'um coração
De amôr ardendo na excitante lava!

Assim meu ser, Senhoras, todo inteiro
A TABA DA INDIFF'RENÇA abandonou:
—Eil-o que parte em amoroso espasmo,
Ao ceu, que o Genio vosso agasalhou,
E applaude-vos com todo o enthusiasmo!

Venham agora da encantada YÁRA
Os venenos subtis e a morte amára!

ASHAVERUS

Uma noite seguia o desgraçado
pela encosta do monte, e tristemente
escutava o sussurro da corrente
d'um regato em luar gentil banhado.

E passava raivoso, concentrado,
na maldição do Christo-Omnipotente.
Soffria: blasphemava... De repente
estremeceu de goso, enamorado.

E' que vira na lympha crystalina
do regato, a figura d'uma ondina,
Um corpo de mulher, que fascinava-o.

Quiz abraçar o vulto, dar-lhe um beijo,
que traduzisse um férvido desejo,
mas não pôde: fugio... Deus fulminava-o!

OTHELO

Era um grande oceano de ternura
Aquelle coração apaixonado.
Palpitava contente, allucinado,
Nos impetos febris d'alma ventura,

Se Desdémona, o anjo de candura,
Osculava-lhe o seio bafejado
Pelos beijos do goso perfumado,
Pelas auras do amôr de uma alma pura.

Pela paixão perdeu-se... O vil ciume
Extinguiu-lhe no peito esse perfume
Volitante de amôr vesano, intenso..

Procurando vingar a honra, o nome,
Immola a casta esposa e se consome
Nas furias do remorso triste, immenso!...

Na sua carreira de homem publico tem exercido os seguintes cargos: Secretario do primeiro governo da Republica, no Pará, deputado á constituinte do Estado, consul do Brasil em Georgetown, sendo antes de assumir a direcção do consulado, transferido para o corpo diplomatico, como 2.º secretario, no Paraguay. D'ahi passou para a legação de Montevideu e desta, como 1.º secretario, para Buenos-Ayres, onde esteve como Encarregado de negocios do Brasil, voltando ao Pará em 1896.

E' director effectivo da Escola do Commercio, do Estado do Pará, professor no Instituto Civico-juridico Paes de Carvalho e secretario do intendente de Belem.

XVIII

Acrisio Motta

Eis ahi o nome de um modestissimo rapaz que allia ao seu incontestavel talento a rara envergadura de um poeta primoroso e correctissimo.

E' dos que não seguem eschola alguma, escrevendo o que de momento a inspiração lhe dita. Sua musa percorre com felicidade a gamma dos humanos sentimentos, bizarra sempre, sempre elegante.

O indianismo, por exemplo, de que foram arautos no Brasil, esses dois colossos do pensamento—Gonçalves Dias e José de Alencar—mereceram de nosso patricio algumas horas de dedicação...

Como escriptor realista, como parnasiano, e até decadente, tem elle para attestar a pujança de seu talento um sem numero de bôas poesias.

Abaixo transcrevemos tres de suas bellas producções poeticas : uma da eschola indianista, outra da parnasiana e a terceira da realista.

A YÁRA

(LENDA AMAZONICA)

Noite *pixuna* em torno se alastrava.
Do ygarapé a correnteza brava
Tremer fazia o raizal do mangue.
Ao pé da *muirapara*
A rigida *taquara*,
Inda tingida no urucú do sangue
Da ultima embiará,
Ia no esgote da veloz ygara.

Ao *jacuman*, o pescador *miranha*
Vinha da *piraçaua*,
A *mupicar* ligeiro o *apucuitáua*
Com uma ancia tamanha...
De mururú, acocorado ao banco,
Sem deixar de remar, máo grado o frio,
Anciava por ver o alto barranco
D'onde nascia o pequenino rio.
Sentia-se *cuíra*
De, ás pressas, chegar á sua maloca
Para, ao depois d'um trago de *tiquira*,
Feito de fermentada mandioca,
Deitar-se na *maquira*.

Mas ao chegar do ygarapé na curva,
Já perto da enseada
Aonde a canarana agglomerada
Tornava a agua mais pesada e turva,
Vio no escuro da noite tenebrosa
Emergir-se da lympha sussurrante
Uma figura de *cunhan* formosa,
D'uma nudez brilhante.

Cariua de tauá cabello, como
Do milho novo as túmidas espigas,
Nem os pagés das tribus mais antigas
Davam noticias de ter visto eguaes;
E mesmo as sombras do murumurú
E a frescura dos grandes pacovaes
Abrigaram jamais
Corpo tão bello assim, tão branco e nú!

—A Yára! A Yára murmurou surpreso,
E boquiaberto, os olhos dilatados,
Vendo-se aos poucos, dominado, preso
Por desejos fatidicos e máos;
Lembrava a lenda dos antepassados,
Os *curumins* da tribu, arrebatados
Ao fundo dos peráos

Então a yára os braços estendendo,
Como em ancias de amôr, talvez querendo
Do tapuya cingir o tronco enorme,
N'uma toada languida e sentida
Mãe a cantar em quanto o filho dorme,
Tentou roubal-o á vida.

—Vem, valente *apigáua!*
Vem habitar commigo a mesma taba,
Dormir na mesma tépida *quiçáua!*
Sou a mãe d'agua; te farei *potaba*
Da *óca* mais gentil e mais *puranga!*
Tens nos meus olhos a melhor *puçangu,*
Pois são eguaes á flôr da mandiocaba.
Vês os meus beiços com são *piranga?*
Elles tem mel mais dôce do que a manga,
Melhor que o mel que guardas no ygaçaba!

N'uma allucinação, seguro á borda
Da leve ygára, o pescador gentio
Tinha o espantado olhar de quem accorda
D'um pezadello hórridò e sombrio;
E, ás instancias da yára o convidando
A' posse d'um amôr jamais gosado,
Abandonou a embarcação, nadando
Em demanda do sonho ambicionado...

. . . .

O Amôr! O Amôr! o sempre eterno! o forte!
Que a uns dá vida, a outros traz a morte,
Rouba alegria e suavisa as maguas,
Este poder pacifico e sangrento
Fel-o buscar a paz do esquecimento
No proprio seio álgido das aguas...

*
* *

Eré catú, ygára!
Foi-se a *caruca* com a sombra densa
E por de sobre a ramalhada immensa
Vem despontando a *ara.*

Arrastada no dorso da corrente,
Como um esquife sobre o mar perdido,
Vae á *cunhan* e ao *curumim* querido
Do pescador *miranha*
Levar a magua intermina e dolente
D'aquella morte extranha!

No genero, e sobre esta bellissima lenda amazonica difficilmente se encontrará outra poesia mais perfeita, mais suggestiva e encantadora.

Vejamos agora um soneto do poeta:

SUBMISSO

Ergue o punhal. A lamina fremente
pede sangue a fartar, vibra homicida.
Quem me roubou as illusões da vida,
póde roubar-me a vida juntamente.

Eu que na terra te adorei somente,
eu que te sigo a sombra foragida,
hei de beijar a tua mão tingida
na caudal do meu sangue, rubro e quente.

Vem, Carlota Cordaÿ! Anda, ó Dalila!
Não basta o amôr fatal que me aniquila,
não basta o teu desdem horrendo e feio...

Vê se dás fim ao meu cruel tormento:
—Marat não pensa no punhal sangrento,
—Sansão julga dormir sobre teu seio!

A HETAÏRA

Vae em meio o festim. Lais soluça
a cantilena sensual do Amôr,
para animar a bacchanal infrene
e dar-lhe mais fulgor.

O incenso, o nardo, os alóes e o sandalo
excitam o instincto lubrico, embotado.
Té o morno ambiente do aposento
está lubrificado.

Das taças de crystal transborda o Chypre,
despeja-se o Falerno sobre a meza...
dos vasos, as anemonas pendidas
perdem toda a belleza.

Reina o deboche monstruoso, infame,
á tenue luz que a lampada irradia...
Brindam Phalos e Venus Aphrodita
no delirio da orgia.

Quando os olhares dos convivas ébrios
têm das feras o cynico lampejo,
fogem de rasto os vergonhosos bandos
das honras e dos pejos!

Essa enorme phalange de devassos
coroados de cactus e de rosas,
cáe aos pés de Lais, indo beijar-lhe
as pegadas cheirosas.

E ella o corpo gentil, cuja brancura
supplanta o alvo eterno da neblina,
entrega nú aos avidos olhares
da phalange canina!

....

Hoje, que resta uma lembrança apenas
dos seus doidos e lubricos amôres,
a Madre Egreja reza-lhe novenas
e anda em procissão sobre os andores...

Este distinctissimo poeta nasceu na cidade de Bragança, Estado do Pará, a 25 de Junho de 1866. Publicou em 1895 o seu primeiro livro de versos — « Coisas Profanas » — que mereceu da imprensa brasileira honrosas referencias. Como romancista e *conteur* tem ineditos: « O estupro » e « Vingança de Tapuio », romance o primeiro e contos o ultimo.

E' funccionario postal e redactor da « Folha do Norte ».

XIX

Alcibiades Neves

Nasceu este poeta na villa de Portel, Estado do Pará, a 28 de fevereiro de 1866.

Difficuldades fizeram com que logo na adolescencia Alcibiades Neves abraçasse a vida commercial, vindo para a capital em 1880.

Aperfeiçoando-se em escripturação mercantil, dentro em breve se tornou habil guarda-livros, exercendo esse logar, em 1883, na casa commercial de Calheiros & C.ª, hoje extincta, e em 1888 no Banco Commercial do Pará.

Em 1894 foi a Manáos, sendo alli nomeado pelo governador de então corretor da praça, e em 1895 seguiu para o Rio de Janeiro, empregando-se na sociedade de seguros da vida « A Equitativa », em junho de 1900.

Nas vagas de suas multiplas occupações o nosso poeta entregava-se ás musas, sendo considerado um valente cultor das lettras.

No Rio de Janeiro, foi collaborador da « Imprensa » e da « Cidade de Rio », merecendo de Arthur Azevedo a distincção especial de uma de suas *Palestras*, e, na Bahia escreveu no « Diario de Noticias », ao lado de Lelis Piedade, Alexandre Fernandes, Damasceno Vieira e outros.

Eis algumas de suas poesias para affirmar o que acima fica, devendo-se accrescentar que Alcibiades Neves, como Acrisio Motta, cultiva varios generos de poesia não se filiando a eschola nenhuma.

LIBERDADE

Eu sou a Musa antiga, a Deusa invulneravel
Que a cada craneo arranca o lume de um poema!
Rutíla em minha fronte o phrygio diadema,
Rebenta de meu peito um cantico adoravel!

De minha mente emana a luz inapagavel
Que outr'ora illuminou a terra de Iracema;
Ensino a resolver o magistral problema
Que faz de um ser perdido um ente sociavel!

Libertei no deserto o povo escravisado;
Arranquei Prometheu do Caucaso nevado...
Espalhei no Universo o brilho da Egualdade;

E após o vaguear na grande Babylonia,
Hasteio sobre ti,—ó povo da Amazonia,
O lábaro do Bem!... Eu sou a Liberdade!

ADEUS

Eu sinto já minh'alma entristecida
Ir-se fechando á luz do teu olhar;
Vão-se contando as horas da partida,
Como quem conta as pétalas da vida
Doiradas pelos raios do luar.

Além, o mar immenso,--encapellado
Vae distendendo os tumidos lençóes;
O firmamento esplendido, azulado,
Vae arqueando o peito constellado
Sobre o cochim de novos arrebóes!

As ondas se desdobram sobre a praia
Num doloroso e tragico gemer,
Como uma colcha branca de cambraia
Aberta sobre um corpo que desmaia
No momento dorido de morrer!

Quanta scisma, meu Deus, a Desventura
Não me infiltra nos arcos da Razão,
Ao ver no Céo a estrella que fulgura,
Como uma luz na vastidão escura,
Como uma chaga aberta na amplidão!...

E minh'alma—bromelia emmurchecida,
Já não tem o fulgor dos olhos teus!...
Para dar-te na hora da partida
Uma lembrança pallida da vida...
—Dou-te estes versos—dolorido Adeus!

MANHAN AMAZONICA

Vão-se perdendo ao longe, tristemente,
Dos buritys as palmas desgrenhadas,
Partem de terra as auras perfumadas
Beijando o mar na tremula corrente.

A marinhagem canta alegremente
Ao ver ao longe as serras elevadas.
Brisas do mar,—aragens saturadas
De amôr, cantae uma canção dolente!

O sol já doira a verde canarana;
O tapuya já desce da choupana...
Corre no rio célere canôa;

E nos galhos da aurana da beirada
Saltita a « piassóca » enamorada
Do « mururé » em flôr vagando á tôa!

Presentemente Alcibiades Neves, que tem em via de publicação o seu primeiro livro de versos intitulado « Nuances », é um dos bons collaboradores do *O Noticias* desta capital e activo guarda-livros avulso.

XX

Antonio de Carvalho

E' elle, entre nós, o Petronio do verso, o arbitro das eleganeias da poesia parnasiana, sendo que em sonetos camoneanos poucos o egualam, pela riqueza das rimas, pelo alevantado da phrase e belleza do verso.

Antonio de Carvalho com habilidade rara doma o verso, affeiçôa-o ao seu estylo aristocratico, maneja-o, subjuga-o a seu talante, com a mesma facilidade com que a andorinha traça uma curva nos ares.

Infelizmente até hoje o nosso poeta não se resolveu a publicar um volume de suas poesias, por uma inqualificavel falta de attenção para com as lettras amazonicas, quando não seja para com a litteratura brasileira contemporanea.

No nosso afan de investigador conseguimos mariscar, ainda assim, pela imprensa diaria, alguns de seus bellos sonetos, que vão servir de prova bastante aos nossos conceitos.

Antes, porem, registremos alguns dados biographicos do illustre poeta.

Antonio Marques de Carvalho é irmão de João Marques de Carvalho, de quem já nos occupamos, e nasceu em Belem do Pará a 6 de setembro de 1867.

Seus estudos tiveram a mesma marcha dos de seu irmão, sempre juntos estudando as mesmas materias.

Senhor de modesta fortuna, rico de ideaes, empregou-a quasi que exclusivamente em viagens, deleitando e

cultivando o espirito, na apreciação de obras d'arte, no estudo do Bello.

Touriste apaixonado e ardente, Antonio de Carvalho conhece de *visu* os principaes Estados da Republica, onde esteve em varias epocas. Em 1889 foi á exposição de Paris; em 1894 percorreu, em viagem de recreio, Portugal todo, Hespanha, França, Suissa, norte d'Italia, Inglaterra, Allemanha e Belgica, estudando as exposições de Milão e Antuerpia, guardando no seu *carnet de touriste* nótulas saudosas...

Em 1890, antes de sua viagem á Europa, foi nomeado official de gabinete, no governo do dr. Justo Chermont, no Pará.

De volta de sua viagem ao velho mundo, acceitou o cargo de consul do Brasil, em Cayenna, conservando-se alli durante o periodo agudo da questão do Amapá.

Americano por temperamento, Antonio Carvalho, á força de methodisar a vida, encontra tempo para tudo, sendo ao mesmo tempo jornalista, diplomata, poeta, architecto, commerciante, professor, *touriste*, magistrado, critico, politico e estudante!

Em assumptos de *flirt* é um dos mais attrahentes *causeurs* que conhecemos, pelo fino espirito e pela simplicidade com que reveste as phrases, pausadamente cahidas de seus labios, sonoramente bolsadas de seu bello orgam de barytono.

Leiamos os seus versos:

NOCTURNO

E'rma scismando, na arenosa praia
Do verde mar onde a jangada alveja
Como na relva a mariposa adeja,
Minh'alma, e em sonhos lyricos se espraia.

Canta nas palmas gárrula jandaia.
O vento mesto no coqueiro harpeja;
No morro, o sino festival da egreja
Ergue a volata ao céo que, azul, desmaia.

O rubro sol, nos derradeiros lumes,
Tinge o occaso de purpura ; nas ondas,
Que rugidos não têm, porem queixumes

O rosto mira a merencórea lua...
E, Iracema gentil, no banho sondas
As entranhas do mar,—sublime e núa !

AVÈ, AMERICA!

Alvas e pandas as latinas velas
Como as azas das brancas mariposas,
Deixando pela Gloria mães e esposas,
Partem Colombo e os seus nas caravelas,

Que entre bonanças, raios e procellas
Sulcam do mar as ondas marulhosas
E do Atlantico as vagas tormentosas,
Emballando-as vencidas são por ellas.

Abre o marujo ás Indias, ao Nascente,
A larga, a azul, a occidental estrada ;
Mas, qual num berço, em flóreo continente,

Separando-o da terra desejada
Que aos olhos lacrimosos crê presente,
Surge no mar a America deitada !

SINGULAR DUELLO

Rivaes no amôr, encantos, mocidade,
Vencedora será, no desafio,
A que ostentar o pé mais curto e esguio,
A mais delgada cinta. Uma beldade

Doutra enfrentou a juvenil vaidade :
De um só rapido olhar Clorinda viu
A folha de um punhal agudo e frio
No sorrir vencedor de Soledade.

Aquella do saráu vae-se rendida,
Mas fruindo feliz a dôce vida;
Esta—solita—do palacio á porta,

Suffocada entre as barbas do espartilho,
Golpha um jacto de sangue no justilho
E cae sorrindo—vencedora e morta!

JESUS E A SAMARITANA

Vinha Jesus descendo pela estrada
Ao secco e fundo leito da ribeira,
Quando a Samaritana viu sentada,
Cantando amôres da cisterna á beira.

« De beber » foi a phrase modulada
E dirigida á joven pegureira
Que, a sorrir, chega a bilha desejada
A' bocca ardente, á sombra da palmeira.

Do ceu azul á abobada infinita,
Saciado, o rabbí, volvendo o olhar,
As flavas ondas do cabello agita.

E diz-lhe em voz sonora como o mar:
« Eu sou a eterna lympha, sê bemdita,
« Onde a amorosa sêde has de matar! »

A GENESE DO CORAL

Da capella de flôres sob a olencia,
A' luz primeira da manhã radiosa,
N'uma hellenica praia silenciosa,
Fôra banhar-se, um dia, a Adolescencia.

Da tunica despira a transparencia
E immergira na vaga marulhosa,
Quando de susto frigida, chorosa,
Viu a cinta quebrar-se á pubescencia.

Os liquidos rubis que esta engastara,
Do viver pela quadra matinal,
O salgado elemento congelara

Em seus antros de nacar e crystal;
E das gottas que o mar petrificara,
Como sangue, brotou—rubro—o coral.

Antonio de Carvalho collaborou por muito tempo no tradicional « Diario de Belem », tantas vezes citado já n'este livro, foi redactor do « Commercio do Pará » e da « Provincia do Pará », onde ainda hoje collabora, especialmente no campo da esthetica: critica d'arte, em geral.

Como juiz, tem servido, em varias epocas, na magistratura estadual e na federal.

No commercio tem sido representante da companhia de seguros « União Paraense » e gerente de importantes casas commerciaes.

Para comprovar o que, linhas acima, dissemos, eis actualmente como Antonio de Carvalho exerce a sua assombrosa actividade: E' lente cathedratico de francez, por concurso, na Escola Normal; lente effectivo do 2.º anno de mathematicas, na Escola Pratica de Commercio; gerente da casa commercial da firma Viuva Vieira Marques; representante da Associação Commercial do Amazonas; vogal do Conselho Municipal de Belem; deputado eleito ao Congresso Estadual; chronista artistico da « Provincia do Pará » e poeta, nas horas vagas!

XXI

Julio Carneiro

Corria o anno de 1884. Começára eu então os meus adejos litterarios e fazia parte do *five o' clock*, nas bancas do Café Central, onde se reunia o grupo selecto da bohemia d'aquelles tempos.

Foi ahi que conheci Julio Carneiro. O João Nilson apresentou-me ao poeta e pela vez primeira apertei as suas mãos patricias por entre um fraternal sorriso de satisfacção.

Ficamos amigos de logo. O poeta inspirou-me sympathia, eu mereci-lhe attenções e, dias depois, sabiamos os segredos um do outro, commungavamos os mesmos ideaes, sonhando as mesmas illusões.

Tinha, porem, de ser breve a estadia delle na terra e de curtissima dura o nosso conhecimento: no anno seguinte, em agosto de 1885, Julio Carneiro exhalava o ultimo suspiro e eu perdia um amigo sincero!

Morreu aos 18 annos, cedro verde que o raio fere quando apenas começa a espalhar as immensas raizes pela profundeza da terra... botão de rosa que apparece tremulo e medroso, cortado do hastil pela mandibula afiada de insecto voraz... Morreu aos 18 annos, genio no embryão, a quem a morte tolheu os vôos quando começava a expandir as bellezas de seu estro creador e brilhante!

Nasceu o nosso poeta a 25 de julho de 1867, em Belem

do Pará e ahi mesmo estudou primeiras lettras e preparatorios, não podendo continuar seus estudos por falta de meios pecuniarios e por padecimentos physicos, que o germen da doença havia já se apossado do seu organismo depauperado e fraco.

O infeliz poeta falleceu sem deixar um só livro de versos, ficando todavia exparso nas folhas de Belem grande numero de producções suas.

Sem mais dados biographicos sobre o talentoso moço, cifro-me aqui a transcrever duas de suas poesias que encontrei, por acaso, em jornaes d'aquelle tempo.

Ei-las :

LUZ!

Oh, facho deslumbrante dos craneos de vulcão!
Oh, luz! oh, maga estrella dos genios, a fulgir!
Oh, filhos d'este seculo, oh, aguias no talento,
pousada dae aos pobres, ao fraco dae alento,
e, no seio da gloria, deixae-o assim dormir.

A gloria, eu pensava!—chimera enganadora,
thesouro desvalido no campo da illusão!
fumaça que se some c'o sopro d'uma inveja,
victoria que nos foge da vida na peleja,
triumpho que sómente perdura no embryão.

A luz dae-me comtudo, Senhor Omnipotente!
—A luz p'ra quem existe das trevas no jazer
e qualquer que ella seja—será genio altaneiro,
e facho que illumine caminho ao forasteiro
que na instrucção procura veredas de saber.

Mostrae-me essas veredas—assim, resplandecentes!
embora na jornada muito haja que luctar!
e eu farei na lucta por ser bem corajoso...
mas, depois das fadigas—oh, dae-me então repouso:
no lar de Victor Hugo deixae-me descançar!

Ao sabio, entre os sabios,—ao velho generoso,
pedirei então supplice a benção protectora:
e elle, que bem sabe que ao pobre se dá pão,
seguro arrimo aos velhos, aos moços—a licção,
não me negará, creio, sua voz consoladora.

Mas oh, acima d'elle—sómente a vós, Senhor!
imploro a magestade da vossa protecção!
E muito embora ao peso vergando d'essa cruz
fazei-me mariposa, nas chammas d'essa luz,
colhendo a paciencia, bebendo a inspiração!

PRIMOS....

O piano resôa ao toque leve
das formosas mãosinhas de Sinhá,
e seu primo, um Narciso decidido,
surprezo dôce applauso lhe dará.

Delirante de amôr chega-se a ella
e o contacto busca de mansinho...
conversando do affecto que o domina,
mas... em segredo, baixo, tão baixinho...

E,—um pouco distante,—como em cerco
bem defronte do par enamorado,
a tia da menina—uma velhinha
faz ahi sentinella, qual soldado.

Bem a seus pés—de orelhas empinadas
está firme o seu gato... e, de repente,
christão fosse elle—exclamaria: alerta!
ao ouvir echoar um beijo ardente.

A velha—que de todo não dormia,
d'um salto levantada, perguntou:
« Que é?... O que disseram?...—e a menina...
« Titia!—foi o gato que miou... »

XXII

Frederico Rhossard

O que fomos como amigos, o que fomos como companheiros de bohemia n'essas noites mal dormidas do passado, que já longe vão, só o poderia dizer esse outro bohemio que fazia a nossa trindade d'aquelles tempos, nas mezas dos cafés, nos «boudoirs» elegantes, nos corredores dos theatros, nos camarins dos artistas; só o poderia dizer esse outro bohemio que foi João de Deus do Rego,—o primoroso estheta das «Primeiras Rimas».

Eramos os tres inseparaveis de então, das 7 ás 12 da noite, bebendo licores, fumando charutos, apreciando espectaculos, fazendo espirito, rithmando versos, jogando bilhar.

De quando em vez apparecia-nos o Olavo Costa, outro bohemio já morto, que era o julgador dos nossos improvisos e o nosso caixa...

Façamos uma poesia em alexandrinos, dizia o Frederico...

E nós tres, silenciosos, mettiamos mãos á obra, sendo elle o primeiro a terminal-a.

—Prompto! seus pixotes, oiçam lá...

E lia a poesia, escripta a lapis:

NÃO!

Não sou de gelo, não! Se quando te vislumbro
Não vou cahir de rojo—extatico—a teus pés,
E se quando te vejo eu fujo de encarar-te
E não te digo és bella, és linda, tudo és...
Idolatro-te, flôr, prezo-te mais que a vida,
E's a minha esperança, a minha luz, querida...
Só tu fazes pulsar de amôr meu coração,
—Não tomes por frieza o amôr que me arrebata,
Não chames gelo eterno ao fogo que me mata,
Tenho medo de mim, não sou de gelo, não!

....

Eram quasi sempre versos á mulher que amava, a essa creatura que se tornou para elle intangivel, a essa creatura que o olhava do alto de sua petulancia, incapaz talvez de comprehender, um minuto sequer, que se elle ás vezes resvalava para o terreno das loucuras do genio, era porque não tinha a sua voz amiga para o consolar!...

Quantas vezes, eu e o Rego, o encontramos n'esses desvios e o acompanhamos, escutando quasi sempre os segredos de sua alma purissima! Quantas vezes, chorando, não nos confessou o seu amôr perdido, o seu amôr começado na infancia e que foi a tortura final de sua existencia!

Rugia como um leão allucinado e, no emtanto, na sua colera innocente, dizia-nos que um só gesto d'essa creatura o tornaria um cordeiro!

Foi um incomprehendido no Amôr, foi um martyr na existencia, como o são quasi sempre aquelles desgraçados que, como nós, vivem do pão do espirito, alheios aos faustosos prazeres da burguezia imbecil e que, por isso mesmo, é feliz!

Eu não o lamento, da mesma forma por que não posso lamentar o rouxinol que morre enclausurado. Ambos foram desgraçados na vida: ao rouxinol, para

ser feliz, faltava a liberdade perdida; ao poeta, para ser venturoso, faltava o seu amôr primeiro!

A morte pôz termo aos seus martyrios...

Para o Poeta, porém, o Nirvana não existe, porque o homem de talento jamais será esquecido. Elle reviverá nos versos que escreveu, nas amizades que deixou e nos nossos corações de companheiros saudosos, n'este revolto mar da existencia.

Seu talento fulgirá sempre, entre nós, como um diamante purissimo aos raios do sol.

Mas, deixemo-nos de divagações penosas....

D'essa trindade de bohemios que procurou suffocar as amarguras do viver cantando a conhecida quadra parisiense

> La vie est un voyage,
> Tâchons de l'embellir,
> Semons sur son passage
> Les roses du plaisir,

resta o mais incompetente dos tres... Depois d'elles outros vieram e desappareceram tambem, ficando eu sempre, por um capricho do destino (eu que devia ter seguido!) abandonado e só, entregue á minha melancholia russa, vendo-os saudosamente passar no escuro das palpebras, como as visões de Macbeth, se a comparação é possivel, e interrogando a sorte até quando findará esta minha tortura que punge e delicía, na phrase de Garrett!

Frederico Rhossard é considerado o primeiro poeta d'Amazonia, occupa o primeiro logar entre a distincta pleiade dos litteratos do norte, pelo seu talento e assombrosa fertilidade, como poeta e como jornalista.

Nasceu em Belem do Pará a 23 de junho de 1868.

Apprendeu primeiras lettras no Seminario do Carmo passando ao depois para o Lyceu Paraense, sahindo d'esta casa de educação em 1879, logo após a morte de seu pae.

Não podendo, infelizmente, continuar seus estudos,

abraçou a vida commercial, abandonando-a, porem, em 1885 para entregar-se ao jornalismo.

Desta data até 1888, redigiu: «O Diario do Gram-Pará», o «Diario de Belem», o «Commercio do Pará», «A Arena», etc., entrando em seguida para «A Provincia do Pará», pondo em evidencia as suas multiplas aptidões de poeta, de critico, de chronista, de polemista, de jornalista, emfim, retirando-se dessa redacção em 1893, quando fez uma viagem ao sul, seguindo até Santos.

Ahi foi nomeado pelo Governo ajudante de guarda-môr d'Alfandega, sendo depois transferido para a de Maceió e mais tarde para a da Bahia.

Regressou ao Pará em setembro de 1897, entrando de novo para «A Provincia do Pará», onde se manteve até fins de junho do anno seguinte.

A 21 de abril de 1900 partiu para Manáos, no vapor «Olinda», do Lloyd Brasileiro, seguindo d'alli para o Acre onde falleceu a 16 de junho desse anno.

Deixou inedito um grosso volume de poesias suas, intitulado «Estrophes», prefaciado, em 1888, pelo eminente critico, diplomata e poeta distinctissimo, dr. Isidoro Martins Junior.

Desse livro, do qual ninguem hoje sabe o paradeiro, disse, no brilhante e longo prefacio, o emerito escriptor pernambucano:

«Frederico Rhossard, sem ser um *sentimentalista*, é um poeta de sentimento. Sonhador e phantasista amoravel, elle tem o talento preciso para fazer de quem o lê um socio da sua emoção, um cumplice dos seus vôos pela região azul dos ideaes mansos e doirados.

A fórma dos seus versos, correcta e ondulosa, não estringe o seu sentir nem o seu pensamento em cadeias de palavras frias e rijas, reçumando uma *impassibilidade* affectada.

Além d'isso Frederico Rhossard não é um imitador subserviente d'este ou d'aquelle modelo nacional ou extrangeiro. Seus versos tem um *que* de pessoal e proprio, que proclama altamente a inspiração do auctor.

E uma coisa que a este proposito eu farei observar é a seguinte:

Apezar da admiração que o poeta confessa ter por Guerra Junqueiro, a quem attribue um largo papel na formula de suas aptidões artisticas, não se nota em todo correr do seu livro, senão uma ou outra reminiscencia longinqua de versos do poderoso revolucionario portuguez.

Isto prova que em Frederico Rhossard ha um poeta que sente por si e que por si exprime o que sente, sem se deixar levar por emoções e estylo emprestados.

A meu ver é este o maior merito de que se póde orgulhar um artista.

Que importa, depois d'isto, que o auctor d'este livro não se apresente ao publico da sua provincia e do seu paiz como um innovador audaz, trazendo no bico da sua penna uma nova formula poetica,—um novo modo de encarar a Arte e de realizal-a em versos de uma *allure* extranha e vencedora?

A ausencia d'este caracter de revolucionario não lhe destróe o valor nem o merecimento. Antes accentúa-os ainda mais, porque mostra-nos n'este poeta que estréa um poder emocional e mental capaz de achar ainda nos velhos themas romanticos muitas bellezas recommendaveis e muitos pontos de vista originaes.

Por todas estas razões ficou-me do presente livro de versos uma impressão saudavel e duradoira:—uma sensação de frescura matinal e suave.

Tenho certeza de que o leitor sentirá a mesma coisa, percorrendo as paginas que seguem.

E com esta certeza dou parabens ao poeta, cujo nome firma este *recueil* de estrophes aladas e formosas».

Depois da palavra auctorisada do illustre e vibrante poeta dos «Estilhaços» só dizem bem as estrophes mimosas de Frederico Rhossard:

GUASCA

Ninguem dirá que d'estas zonas filha,
Zonas onde candente o sól impera,
Onde a mulher n'um simples riso humilha
O gaúcho valente como a fera;

Ao vêr-te fria assim, ninguem disséra
Que te deu forças do pampeiro a pilha,
Pois não póde existir a primavera
Nos ermos campos onde o sól não brilha.

Do sul as nymphas, quando o Amôr as dóma,
Flôres—trescalam mais ardente aroma...
Flammas—tornam-se incendio abrazador...

Mas, tu que o Bello todo em ti resumes,
Flôr—és papoila, pois não dás perfumes,
Fogo—és santelmo, pois não tens calor!

MUNDANA

I

Nos contornos de Marcia, appetecidos,
Fragrancia tal, tão forte, se condensa,
Que ao respiral-a os homens são vencidos
Por uma febre intensa,
Perigosa, mortal...
Amou-a Henrique, e em breve foi cadaver;
Arthur, nos braços d'ella, anniquilou-se;
Gosou-a Orlando, e não tardou que fosse
Dormir nos gelos da mansão final.

Quando ella, n'uns requebros de loureira,
Passa, arrastando após de si, domadas,
Centenas d'almas que por vez primeira
Vêem-lhe do busto as linhas delicadas,
—Dos labios as cerejas
Em phalerno embebidas—

Eu, recordando os loucos que em seu seio
Crestaram as esp'ranças mais queridas,
Penso, mau grado meu :—Maldita sejas,
Belleza, que dás morte a tantas vidas!

II

Enfezada roseira, n'um recanto
Do cemiterio, ha muito a gente via,
Sem que nem mesmo da orvalhada o pranto
A' pobre que morria
Désse flôres gentis;
De Marcia a sepultura foi aberta
Não muito longe... e, por manhãs radiosas,
Da roseira virente muitas rosas
Brincaram sobre os tremulos hastis.

Nunca, entretanto, a misera mostrára
Ao menos um botão setineo e rubro
Entre as folhas que o rocio aljofarára
E onde hoje rosas em festões descubro;
Vendo-a, ninguem hesita
Em louvar-lhe os primores...
E eu, recordando que de Marcia ás carnes
E' que ella deve tantos esplendores,
N'uma prece murmuro :—Sê bemdita,
Podridão, que dás vida a tantas flôres!

TROVAS SINGELLAS

Da mesma essencia que o Eterno,
Creando o sól para o dia,
Fez para o mar a ardentía
E para os prados a flôr,
Ao dar ás aves implumes
O ninho afim de aquecel-as,
Fez para a noite as estrellas
E fez-te p'ra meu amôr.

Fui das planicies aos montes ;
Passei do bosque á savana;
Abandonando a choupana
Régias vivendas busquei...
E desde os aureos palacios
A' gruta do cenobita,
Foste a mulher mais bonita
Que em todo o mundo encontrei.

Das santas ao loiro estemma
Teu rosto em galas reveste
Pela bondade celeste
Que nos teus olhos transluz ;
E como se a Natureza
O Bello em ti resumisse,
Deu-te o candor e a meiguice
Da Virgem Mãe de Jesus.

Nas madrugadas olentes
Em que teu halito aspiro,
Cheiroso como o suspiro
Que a brisa furta ao rosal,
Não sei que extranha ternura
Toda a minh'alma domina,
Tornando-a quasi divina,
Fazendo-a quasi ideal.

Dando-te um peito inda virgem,
Dei-te meu estro inda puro ;
Nas trevas do meu futuro
Vi-te constante a fulgir...
E, como benção sagrada,
Para acalmar-me o desejo,
Foi minha vida teu beijo,
Foi minha luz teu sorrir.

Deus fez-te para os meus sonhos,
Qual fez o altar para o crente,
E, altivo e resplandecente,
Para as manhãs o astro-rei,

Pois desde os aureos palacios
A' gruta do cenobita,
Foste a mulher mais bonita
Que em todo o mundo encontrei.

RAIO FUNESTO

Sobre o tumulo frio, onde Coralia—a rosa
Cuja memoria faz que ao crime eu não succumba,—
O somno derradeiro eternamente gosa,
Como um pouco de sol guardado n'uma tumba ;

Sobre o tumulo frio onde Coralia dorme,
Seu busto colloquei, por minhas mãos talhado,
Meticulosamente, em rude bloco informe,
Pelo pranto febril de opalas rorejado.

Misero quem, vergando a golpe traiçoeiro,
Para outras regiões, do olvido em busca, emigre...
Que eu não pude esquecer, transpondo o mundo inteiro,
Aquelle amôr feroz, aquelle amôr de tigre

Voltei ; ao cemiterio —humilimo devoto
Que ao templo vae orar—eu fui rezar contricto,
De saudade depondo um lacrimoso voto
Na fronte glacial do busto de granito.

A tormenta bramia ; em funerarias levas,
Môchos erguiam vôo... e o tredo céo profundo
Revestia a amplidão de imponderaveis trevas,
Como negro sudario amortalhando o mundo.

Rapida, uma centelha o firmamento aclara ;
Deslumbra-se-me a vista... e em lugubre fragor
Partiu-se a imagem linda em que eu marmorisára
O risonho ideal do meu primeiro amôr !

Féro raio sinistro o busto em cinzas frias
Transformára impiedoso... e assim, jamais verei
O retrato fiel da estrella de meus dias,
Alma feita de luz, que tanto idolatrei.

Foi mais cruel, porem, a chispa incendiada
Em seu nefando horror: pois sinto, desde então,
P'ra sempre reduzido á pedra calcinada
Meu pobre coração!

E esta lyra de oiro emmudeceu para sempre, e este poeta divino desappareceu de vez, longe da patria e dos seus! E a este bohemio de fina tempera nunca mais poderei abraçar! Nunca mais, por noites enluaradas, ao som das serenatas, poderei apertal-o de encontro ao peito amigo!

Never more! Never more!

Descança em paz, vencido da vida idolatrado! Eu aqui fico esperando a minha vez, descrente e anniquilado, com os versos de Lamartine nos labios....

Mon cœur, lassé de tout, même de l'espérance,
N'ira plus de ses vœux importuner le sort;
Prêtez-moi seulement, vallons de mon enfance,
Un asile d'un jour pour attendre la mort.

XXIII

Guilherme de Miranda

Este pertence á velha guarda dos poetas de meu tempo e occupa saliente logar entre elles pelo seu estro innato e brilhante talento.

E' dos poucos que ainda restam de um grupo de rapazes que consagraram a parte mais bella da existencia em idealisar chimeras, em burilar phantasias, rimando versos impregnados de lyrismo e doçura.

Guilherme de Miranda é, como o auctor d'estas linhas, um vencido da vida que de recordações do passado só vive; coração viuvo de tudo o que elle amou na terra, vae supportando a existencia porque é um forte, porque o martyrio não teve forças ainda para o acobardar.

Estreou-se nas lettras em 1887, no extincto « Diario de Belem », guiado pelas mãos protectoras de Manoel Valente do Couto, João de Deus do Rego, Leopoldo Sousa e Frederico Rhossard, todos mortos hoje!

E foi ahi que enrobusteceu o espirito trabalhando ao lado d'elles e de Paulo Maranhão, Acrisio Motta e Marques de Carvalho.

Tem collaborado em todos os jornaes da capital paraense. Em 1894 redaccionou com Raul Azevedo a « Gazeta Postal », tendo sido um dos fundadores do gremio litterario « Sylvio Romero » e da « Mina Litteraria »

Em 1890 conquistou, por concurso, um logar de escrevente no Arsenal de Marinha do Pará, occupando

hoje, pela sua competencia e merecimento ,o cargo de secretario do mesmo estabelecimento.

O nome do poeta é conhecido dentro e fóra do paiz, tendo já merecido de Arthur Azevedo e Coelho Netto palavras elogiosas; deste, pessoalmente, e daquelle pelas « Palestras », do « Paiz », da Capital Federal.

Guilherme de Miranda possue bagagem litteraria para dois grossos volumes de prosa e verso, pois que muito tem escripto já; não se dignou comtudo publical-os ainda, apezar de ter annunciado a apparição da « Musa em Leilão »... em 1895!

Das suas poesias esparsas em varias revistas e jornaes seleccionei as seguintes que submetto á apreciação dos leitores:

SONHOS

Si em teus labios de rosa eu timido aspirasse,
Como um balsamo santo ás crenças de minh'alma,
O perfume subtil d'um beijo que matasse,
N'uma noite d'amôr, n'uma serena calma,
A gélida descrença;
Satisfeito dormira e qual vizir cançado,
Apertando o collar dos teus mimosos braços,
Ah! morrera beijando o labio perfumado,
Na cadeia fatal dos tremulos abraços,
Ao brando soluçar de tua magua intensa.

E dizes com desdem que as fulgidas esp'ranças
Fugiram do teu peito em dôces revoadas,
Quando os sonhos gazis, como pombinhas mansas,
Se beijavam, sorrindo, á luz das alvoradas.

Minha estrella de amôr, astro da vida minha,
Que me transportas inda ao santo paraiso
Das illusões descridas,
Eleva o beijo meu, ó candida andorinha,
A' morada gentil do teu gentil sorriso,
Ao pequeno solar das chymeras perdidas.

Onde morre o ideal a crença não existe,
Aonde o amôr fenece a saudade perdura ;
Muita vez eu já vi um coração bem triste
A chorar, a chorar na noite d'amargura.

Tu que sonhas a rir nas illusões formosas,
Que nos cercam da infancia o dôce alvorecer,
Não desfolhes contente os pétalos das rosas,
Nem crestes com teu beijo as flôres do prazer.

CITTÁ DOLENTE

Pára ! Detem teus fatigados passos,
peregrino do amôr, que o amôr procuras,
outros, aqui pisando eguaes agruras,
deixaram da illusão rôtos pedaços.

Fita bem estes céus, de luz escassos,
estas paysagens plenas de amarguras ;
como soturno é tudo ! As vozes puras
do amôr não vibram nunca nos espaços.

N'estas remotas solidões, a prece
da eterna dôr o espirito enternece,
e, enternecendo, o coração invade.

O amôr que buscas, insensato, habita
outros céus de uma luz calma e bemdita,
aqui só vive o espectro da saudade !

No dia 17 de outubro de 1902 a fatalidade feriu fundo o poeta no seu coração de pae amantissimo e de esposo extremoso, enchendo-lhe para sempre de lucto a attribulada existencia : uma faisca electrica, fulminou de uma só vez, sua adorada esposa, gravida de cinco mezes e uma filhinha de seis annos—o seu enlevo—que perto brincava e em quem o poeta se revia consoladoramente !...

Foi talvez lembrando esta fatalidade que, tempos depois, escreveu este soneto repassado de sentimento e magua :

CANÇÃO DA MAGUA

Disseste um dia, flôr, que no meu rosto,
ligeiros traços tinha da velhice;
e eu, para que uma dôr não te encobrisse,
pôde contar-te todo o meu desgosto:

A minha mocidade é um sol já posto,
penumbra que um crepusculo bemdisse...
Nunca a ventura para mim sorrisse
com o brilho estellar de um céu de agosto!

Mudou-se a face dos serenos dias:
toda a ventura que brilhára, outr'ora,
nos meus olhos não vês, qual dantes vias.

Em noite escura converteu-se a aurora,
e a flôr das minhas mortas alegrias,
por mais de um ser amado anceia e chora.

Não se póde exigir mais belleza e sentimento em quatorze sonorosos versos: a alma do poeta alli está sangrando de amôr e de saudade.

Vejamos mais dois lindos sonetos seus:

SAUDADE DA VOLUPIA

Corpo de arminho lactescente e claro,
feito para as delicias dos peccados,
que nos jambos dos seios perfumados,
a seiva tens de um goso eterno e raro.

corpo que no volupia é o meu amparo,
se vibra os psalmos do prazer sagrados:
—é na vóz dos teus sonhos não sonhados,
que busco o allivio, com que as maguas sáro!

Ao vêr-te o torso hellenico e suave
nas suas linhas como um vôo d'ave,
um desejo volupico me invade.

E o meu amôr, que busca-te e deseja,
ao beijar o teu seio, anceia e arqueja,
guarda do goso perennal saudade!

FLÔR TRAIÇOEIRA

Conta uma antiga lenda escandinava
que, á superficie tremula de um lago,
um nenuphar havia, cujo affago,
num rapido momento envenenava.

De longe ainda, era a phalena escrava
do seu perfume venenoso e vago:
planta exquisita! symbolo do estrago!...
ao insecto, que a amasse, a morte dava!

Assim tambem, como o amoroso insecto,
o nectar sugo limpido, secreto
dos teus sorrisos virginaes de flôr.

E já prostado pelo seu veneno,
caio a teus pés, examine e sereno,
como um leão aos pés d'um domador!

Este distincto poeta nasceu em Belem do Pará no dia 1.º de maio de 1870.

XXIV

J. Eustachio Pereira

(Fanéca)

Nos tempos modernos o proloquio popular antigo—«os poetas nunca tem cinco réis»—já não tem razão de ser. Foi-se a epoca trevosa de Camões e Jáo, e desse eterno *rieur* ibero que andava rôto e esfarrapado pelas tascas lisboetas, a rimar cantatas, á cata de aventuras, ebrio como um frade polaco, gosando a vida *sem ter dinheiro*.

O poeta de hoje prima pela elegancia do traje e esmero na *pose*. Calça botas de polimento, uza gravatas pandas, chapéo de castor e veston de cachemira fina; anda extractado, em vez de tresandar a vinho e as mais das vezes é rico, senão de metal sonante, ao menos *de muita crença e muito coração*.

João Eustachio Pereira, mais conhecido por *Fanéca*, antonomasia herdada de seu pae, abastado capitalista do commercio do Pará, já fallecido, prova cabalmente o que acima fica.

Senhor de uma bonita fortuna que lhe proporciona todos os confortos ao lado de uma esposa adoravel, aproveita o tempo em escrever o que a sua phantasia de poeta idealisa, sem preoccupações nem cuidados.

Possue o aprumo de um *gentleman*, o talento de um illuminado, alma de poeta e coração de bohemio.

Eustaquio Pereira nasceu em Belem do Pará, no dia 20 de setembro de 1868.

Estudou primeiras lettras nesta capital e preparatorios em institutos portuguezes, formando-se bacharel em sciencias juridicas e sociaes, pela faculdade de direito do Recife, no anno de 1891.

Tem em via de publicação um livro de versos intitulado «Verbenas».

Nos intervallos de seus estudos, percorreu Portugal todo, Hespanha e França como verdadeiro *touriste,* indo finalmente, fixar residencia em Pernambuco, visto alli ter-se casado.

Se não o conhecessemos de perto, como espirito folgazão, como—um verdadeiro poeta—diriamos que presentemente Fanéca se dedica ao commercio e á advocacia, no Estado de Pernambuco; como, porem, tivemos a dita de o ter por companheiro em Belem, nas agitadas noites de um passado não remoto, affirmamos, sem errar, que o talentoso moço vive a vida dos principes, fôrro do torturante e benefico supplicio do trabalho...

E é assim, sem preoccupações DO AMANHÃ que elle canta, por instantes se julgando

ABANDONADO

Noite de chuva, noite de chuva
Passa em janeiro,
Loiros netinhos affagam velhas,
Contando historias... Tremem scentelhas
Junto ao brazeiro.

Que dôce aroma, que dôce aroma
No *boudoir!*
Que importa a chuva se ardente fada,
Collando á tua bocca rosada,
Te quer amar?!

Raios estalam, raios estalam
Na escuridão!
Os bons burguezes já se descançam....
Mães amorosas filhos balançam
Com lassidão....

E quando todos, e quando todos
Calor macio
Gozam contentes em fôfo leito,
Só, tu me deixas no catre estreito
Morrer de frio....

AINDA!

(A***)

Vejo-a outra vez!... Consecutivamente,
Na arêna da Illusão
Surgem de novo, n'um bailar fremente,
Os sonhos meus de então...

Beijo-lhe a face, a rosea face e o ardor
D'inda beijal-a cresce!
Passa tudo na vida, mas o amôr
Jamais, jamais esquece!

Onda de amôr arfa em meu labio e expira
No ardente labio seu...
Ai! de prazer minha razão delira:
Amôr já me venceu!...

Embora eu morra d'hora derradeira
Não! não terei pavor!
Ella é de Christo a dôce mensageira
Eu... Lazaro do Amôr!...

FOR EVER!

No gothico balcão scismas... Perfumes
Pairam subtis... Ao longe, no arvoredo,
Um par de rutilantes vagalumes
Do amôr desvenda, tremulo, o segredo.

Scismas... de manso approximar-me eu ouso...
E—bem me lembro—nessa noite bella
Nos espreitava do ceruleo pouso,
Cheia de amôr, uma fulgente estrella.

No ceu a branca lua já fulgura
E as minhas mãos o electrico contacto
Sentem das tuas de marfinea alvura.

E quando deste amôr pediste a jura
Um beijo ouviu-se, que assellou o pacto,
Dos rubros labios teus na commissura...

Eis um bonito soneto descriptivo do poeta, escripto *d'après nature*, num esplendido descambar da tarde:

CREPUSCULO

Sente-se a noite avassallando o sólo.
No céu as nuvens caprichosas fingem
Exoticas figuras e, de Apollo,
Os raios de uma jalde côr se tingem.

O espaço córta, estremecendo a calma
Do moribundo dia, a passarada
Que aprôa aos ninhos conduzindo n'alma
A nota alegre dessa revôada...

Negras já são as palmas dos coqueiros.
Tange o sino seis horas. Jornaleiros
Buscam cançados o sombrio aprisco...

Por sobre as nuvens Vesper já fluctua...
Jasmins espargem suave olôr... E a lua
No azul ostenta o amarellado disco...

O illustre poeta, que é um dos membros da Mina Litteraria» do Pará, ao ter sciencia do fallecimento desse bello espirito que foi Natividade Lima, escreveu de Collares (Portugal) onde por esse tempo se achava, o

seguinte mimoso soneto com o qual fecho estas despretenciosas linhas e que foi publicado na «Provincia do Pará»:

Á MEMORIA DE NATIVIDADE LIMA

A minha voz de dôr pejada agora
O Atlantico transpõe e ao campo santo,
Onde teu corpo inanimado móra
Vae desfazer-se num dolente pranto.

Vae murmurar-te, poeta, que minh'alma
Paixão teve—ao morreres—tão profunda
E tanto ardor perdeu e tanta calma
Que jaz ora prostrada e moribunda.

Vae segredar-te mais que as expansivas
Risadas tuas scintillantes, vivas,
Das trevas ora entregues aos negrumes,

Em breve brotarão da tua cova,
Sob uma fórma, uma apparencia nova,
Transformadas em rosas e em perfumes!

XXV

Antonio Silva

E' voz corrente que os poetas são absolutamente infensos aos algarismos e que a bóssa para o commercio não lhes é propria. Ha casos, todavia, que negam isto por completo, provando exhuberantemente que um bom poeta póde ser tambem um bom guarda-livros.

No Brasil, principalmente, e com especialidade no Pará, os nossos poetas quando não são funccionarios publicos, são guarda-livros ou empregados do commercio, Para prova ahi estão Marcellino Baratta, Alcibiades Neves, Natividade Lima, Antonio de Carvalho, Antonio Silva e tantos outros, que foram e são amantes das lettras, como tambem guarda-livros distinctos, d'aquelles que nas carteiras se entregam com alma num lançamento por partidas dobradas e que acham um prazer especial quando acertam, após algumas horas de perseverante trabalho, o demonio de um balanço!

Antonio da Costa e Silva tem dedicado parte de sua existencia ao commercio e parte ao funccionalismo publico, sempre de braço dado com as musas.

Nasceu o poeta no dia 1.º de junho de 1871, na capital do Pará, embarcando para o Porto, onze annos depois, em maio de 1882, para matricular-se no Collegio da Gloria, d'aquella cidade. Ahi completou os seus estudos (curso commercial) regressando ao torrão natal em fins de novembro de 1886.

Pouco depois de sua volta ao Pará entrou para a

casa commercial dos srs. Costa, Dias & C.ª, como ajudante de guarda-livros, relacionando-se por esse tempo com João de Deus do Rego, outro poeta-caixeiro, então empregado no armazem de ferragens dos srs. Amoras & C.ª

Deste contacto nasceu em Antonio Silva, impetuoso, ardente e forte—o amôr pelas lettras.

Ao lado de Raymundo Ribeiro (visconde de Lambeck) Guilherme de Miranda, F. Santos Rocha, J. Ribeiro Pontes, Arthur Machado de Freitas, André Curcio e outros rapazes do commercio, creou o « Caixeiro », hebdomadario que durou 5 annos, sempre redigido com pericia e brilhantismo.

Antonio Silva, ao contrario dos outros, debutou na imprensa pela « A Republica », com cartão de apresentação de João de Deus do Rego.

Em 6 de janeiro de 1893 embarcou para Pernambuco e d'ahi, depois de um mez, para o Rio de Janeiro, onde exerceu o cargo de almoxarife do Asylo de Mendicidade durante quatro annos.

Na capital da Republica collaborou n'« A Cidade do Rio » e na « Gazeta da Tarde »; pertenceu ao grupo dos novos, chefiado por Collatino Barroso, Gustavo Santiago e Orlando Teixeira; foi alumno ouvinte do 1.º anno da Escola de Medicina; pertenceu á directoria do gremio litterario « José de Alencar » e occupou os cargos de secretario e vice-director do lycêo do Engenho Velho.

Com Alfredo Pinto creou e redigiu um jornal sportivo e litterario—« A Arena », que durou a vida ephemera de 2 mezes.

Novamente regressando ao Pará, em 1898, foi nomeado pelo governo do dr. Paes de Carvalho 1.º official da Bibliotheca Publica do Estado, tendo sido exonerado por questão de crenças politicas, 15 dias depois de assumir as rédeas do governo do Estado o sr. dr. Augusto Montenegro.

Da lyra do poeta cito, prazerosamente, algumas estrophes :

EM GALA!

Entoe canções o céo, neste momento !
Canções em côro angelical, sagrado...
Folguem as virgens todas a teu lado,
Minha flôr, meu consolo e meu tormento!

Corra suave a brisa : cesse o vento !
Soltem no Azul as aves o trinado !
E o velho Mar, que chora torturado,
Pare, ao menos agora, seu lamento!...

Rescendei, malmequeres da deveza !
Sê de gala tambem, o' Natureza,
Sublime, poderosa, abençoada !

Abri-vos, rosas ; palpitae, o' ninhos!
Gorgeae, gorgeae, o' passarinhos !
—Hoje faz annos minha Noiva amada !

FESTAS!

Em janeiro é de costume
Ao som do pandeiro e guizos,
(Não te cause isto ciume)
Dar-se de Reis e de Festas,
Risos!

Noutros paizes distantes,
Em campos cheios de olôres,
E' permittido aos amantes
Darem de Reis e de Festas,
Flôres!

Risos! Flôres ! Que ambrosia!...
Outros são os meus desejos...
Eu, cultor da Poesia,
Dou-te de Reis e de Festas,
—Beijos!

SOMBRAS

Vem, ás vezes, velar quando me deito,
Na solidão da alcova, calma e fria...
Vem deitar-se commigo, no meu leito,
Uma Visão, angelica, sombria.

Pousa de leve a mão sobre meu peito,
Todo o meu ser de medo se arrepia,
E, dolorosamente contrafeito,
Meu coração se estorce de agonia...

Louco!—diz-me a Visão—eu sou a Morte...
Venho buscar-te; cumpre a tua sorte;
Vem commigo e terás quem te soccorra...

O' Morte!—digo—ó Morte abençoada!
Vae convidar a minha Noiva amada,
Que eu não posso morrer sem que ella morra!

PRECE

A' VIRGEM DE NAZARETH

Lança-me os olhos bemditos
Unge minh'alma de fé,
Mãe dos bons e dos afflictos,
Senhora de Nazareth!

Tu que és santa, Virgem Casta,
Estrella pura entre as puras,
Afasta de mim, afasta
Toda a sorte de torturas.

Eu quero cheio de vida,
Ver-te de volta a meu lar.
—Risonha, na tua ermida,
—Formosa, no teu altar,

Onde irei, como bom crente,
Levando minh'alma escrava,
Rezar, como antigamente,
A minha oração rezava.

Quero umas velas levar-te,
Duma promessa que fiz,
Para que eu em qualquer parte,
Viva tranquillo e feliz.

E mais ainda, querida,
Excelsa e nobre Rainha,
Para que poupes a vida
A Quem me roubou a minha.

Tu que és Santa, Virgem Casta,
Estrella pura entre as puras,
Duma vez de mim affasta
Toda a sorte de torturas.

Pois quero cheio de vida,
Ver-te, de volta a meu lar,
—Formosa, na tua ermida,
—Risonha, no teu altar!

São ainda do poeta estes deliciosos e encantadores versos lyricos:

DONA ALICE

Meu Deus! que misto de formosura!
Quem ha no mundo, quem ha que visse
Lyrio mais bello, rosa mais pura
Que dona Alice?

Labios rosados, negros cabellos,
Cheia de graça, toda meiguice,
No céo não vivem anjos mais bellos
Que dona Alice!

Quando eu a vejo, toda de branco,
Como uma santa que me surgisse,
Diviso a gloria no riso franco
de dona Alice!

Por essa estrella do céo fugida,
Seja loucura, seja doidice:—
Dou meu futuro, dou minha vida
Por dona Alice!

Antonio Silva é um dos mais estimados lyricos do norte, em nada inferior aos principaes lyricos brasileiros Tem publicado apenas um livro—"Fogos Fatuos" editado no Pará, em 1900, pelos srs. Caccavoni & C.ª e que firmou os seus creditos de litterato innato.

Em via de publicação tem para breve annunciado um segundo livro « Sonatas », versos.

E' o poeta, actualmente, guarda livros, na praça do Pará.

XXVI

Antonio Macedo

Este é um dos poucos que ainda restam dos intellectuaes que privaram com o auctor destas linhas ao lado de muitos que já se foram para a noite do insondavel.

Fez parte, ensaiando os seus primeiros surtos poeticos, da redacção do «Sylvio Romero», revista paraense, orgão do gremio d'aquelle nome, que alcançou justos titulos de honra, pela bem cuidada escolha de seus collaboradores e do corpo redaccional que era selecto.

Extincto o gremio, annos depois, foi eleito socio da «Mina Litteraria», tornando-se distincto entre seus pares

Chama-se o poeta Antonio do Espirito Santo de Macedo e nasceu em Belem do Pará aos 26 de Dezembro de 1868.

Foi aproveitado alumno da Escola Normal, sendo diplomado em 1888, depois de um tirocinio brilhante, que lhe valeu felicitações merecidas.

No anno seguinte foi nomeado para reger uma cadeira no interior do Pará e, algum tempo depois, tomando parte em um concurso, foi eleito para reger outra na capital do Estado.

Antonio Macedo fez parte do 1.º congresso pedagogico que se reuniu em Belem no anno de 1902, sob os auspicios do governo do Estado.

Seus versos, que formariam um elegante volume, ainda se conservam ineditos, por um grão de exagerada modestia do poeta.

Tem no entretanto publicados os seguintes livros didacticos:

Pontos de Historia do Brasil e do Pará e as *Noções de Historia do Brasil e do Pará*, obras estas approvadas e mandadas adoptar pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Estado, indo já a ultima na sua terceira edição.

Por uma astucia engenhosa pude arrancar da pasta do poeta as producções que se seguem e que são bellos versos de sua lavra inspirada

LOUCURA

Diviso em teu olhar, ó meiga sensitiva,
A luz que ainda me aquece o coração gelado!
Ditosa! nem sequer suspeitas que se viva
Da luz dum teu olhar sereno, immaculado.

Das trevas desse olhar um fluido se deriva
Que me domina o ser...e fico acobardado,
Quando olhas p'ra mim serenamente altiva
Tal como um domador o tigre acorrentado.

Tantalico desejo assim como uma braza
A queimar-me no peito o coração me abraza
Numa febre infernal que embriaga a razão.

E nesta embriaguez, peor que a do absyntho,
Eu quizera poder, como um tigre faminto,
Teu corpo esphacelar, morder teu coração!

CONVERSA INTIMA

Meu pobre coração vejo-te gasto
E sinto ter de dar-te amarga nova:
Em breve aos vermes vaes servir de pasto
Entre as quatro paredes d'uma cova.

Eu bem sei que com isso não te agasto
(E o teu pulsar sereno isso me prova)
Porque viste no mundo um campo vasto
De amargura que a dôr sempre renova.

Não és cobarde...mas á dôr suprema
De deixares no mundo affectos santos
Que inda á vida te prendam á hora extrema,

Sentir-te-ás quebrar fibra por fibra,
Pois não ha quem resista á dôr que vibra,
A dôr que se desfaz n'um mar de prantos!

BÔAS FESTAS

A MINHA FILHA

Em meio á minha accidentada trilha,
Já presentindo o gelo da velhice,
Bem feliz eu me sinto, ó minha filha,
Quando te escuto a voz e a garrulice!

E's do meu horto o lyrio mais mimoso,
Da minha noite, a mais brilhante estrella:
Flôr—teu perfume torna-me ditoso
Luz—minha fronte, sei, has de aquecel-a!

AVE, MARIA!...

Pouco a pouco morre o dia;
Vês, meu amôr, anoitece!...
Da terra inteira a poesia
Se eleva ao céo n'uma préce...
Beijando a praia arenosa
Se humilha o mar, descuidado,
Emquanto a lua formosa
Fulge no espaço azulado.

Ave, Maria! hora calma
Na deveza e nas campinas!...
Banhemos, amôr, nossa alma
No perfume das boninas.

Ave, Maria A tristeza
Me invade o ser nesta hora!
Parece que a natureza
Suspira, soluça e chora!

Silencio! não perturbemos
Esta oração do sol posto!
E de mãos dadas deixemos
Que o pranto nos banhe o rosto.
Ouves gemer o arvoredo
Aos psalmos que o vento entôa?
E' Deus que muito em segredo
A natureza abençôa.

A VOLTA

O céo desdobra a cupula azulada
Sobre a tranquilla vastidão do mar;
Ao longe a terra, á luz da madrugada,
Vae-se mostrando ao meu saudoso olhar.

Volto de novo a ti, terra adorada,
Onde nasci, onde me espera o lar!
Sinto minh'alma assim como inundada
Da luz divina d'um prazer sem par!

E do meu peito, onde a saudade impera,
Dôce emoção agora se apodera
A me banhar de lagrimas as faces....

Pranto bemdito, pranto que consola
Uma alma angustiada, róla, róla
Que eu não quero indagar donde tu nasces!

Antonio Macedo, que é tambem um prosador correcto e imaginoso, faz presentemente as delicias dos leitores da FOLHA DO NORTE, da qual tambem é redactor, escrevendo chronicas humoristicas com o pseudonymo de *Esguio*.

E' lente da cadeira de portuguez, do Gremio Litterario Portuguez, e professor do Grupo Escholar de Nazareth, no Pará.

XXVII

Natividade Lima

Este livro é mais um escrinio de recordações que me são caras, do que mesmo uma obra de propaganda litteraria.

Nelle ficam esboçados, como num album de mortecores, as *silhuêtas* queridas de pessôas amigas que me acompanharam no escabrosa vereda do jornalismo e das lettras, afagando os mesmos ideaes, acariciando os mesmos sonhos.

E' um livro vivido esta anthologia, onde por vezes minh'alma palpita e chora. E se nos outros cantei o Amôr, a Patria, os grandes ideaes, neste ergo um hymno á Amizade, aqui confundindo todos esses sentimentos. Por isso, de todos os meus livros este é o do coração, aquelle que mais estimo, porque nelle está a porção mais intima de meus affectos, o punhado mais dilecto de tudo o que amei na terra.

Alfredo de Musset disse uma grande verdade quando escreveu:

Un souvenir heureux est peut-être sur la terre
Plus vrai que le bonheur!

Vale mais que a felicidade, decerto, a lembrança feliz de um tempo que passou: a lembrança consola, a felicidade alegra; e para os nevropathas, como o auctor destas linhas, o consolo diz melhor que a alegria.

O bohemio das lettras, cujo nome abrilhanta estas paginas era-me quasi um irmão; com elle passei a qua-

dra mais luzida da minha modesta vida litteraria; eramos soldados do mesmo regimento no batalhão da Phantasia.

Um dia, Natividade Lima, vendo a modorra em que jaziam as lettras do Norte, concebeu um plano feliz.

Sem nada me dizer, em conspiração com Leopoldo Sousa, Guilherme de Miranda e outros, mandou para as folhas diarias, em Dezembro de 1894, o seguinte convite aos litteratos de Belem para uma reunião em minha residencia :

Solicitamos dos que se interessam pelo desenvolvimento litterario d'Amazonia, o obsequio de comparecer, ás 9 horas da manhã de domingo, 2 de Dezembro, na casa do sr. J. Eustachio de Azevedo, á rua da Trindade, canto da rua do Alecrim, para uma reunião que decidirá do futuro da nossa collectividade litteraria.

Pará, 27 de Novembro de 1894. »

A surpreza foi-me agradavel, já se vê, mais nem por isso deixou de me contrariar por instantes.

Que diabo! Uma reunião no meu modesto tugurio, de todos os litteratos da terra, sem que eu nada soubesse

Que acanhamento e que honra! Tratei, pois, de preparar-me como pude para receber os meus pares o mais dignamente que me fosse possivel, e não desmenti o convite, recebendo em minha casa, no domingo aprazado, o que de selecto contava Belem no jornalismo e nas lettras.

Nessa primeira reunião compareceram: drs. Alvares da Costa e Paulino de Britto, Raul de Azevedo, Natividade Lima, Leopoldo Sousa, Guilherme de Miranda, Acrisio Motta, Alcides Bahia, Manoel Lobato, João de Deus do Rego, Theodoro Rodrigues, Euclydes Dias, Luiz Barreiros e Arsenio Pereira.

E foi assim que se fundou em Belem a « Mina Litteraria », a brilhante e original associação paraense que levantou as lettras amazonicas da inacção em que jazia e que tão conhecida se tornou em pouco tempo no Brasil e em varias capitaes europeas.

Fizeram parte da primeira directoria da associação: dr. Alvares da Costa, mestre; dr. Paulino de Britto, contramestre; Eustachio de Azevedo, 1.º chefe de turma: Acrisio Motta, 2.º dito, e Raul Azevedo, guarda das ferramentas (thezoureiro).

Mais tarde, tornando-se necessaria uma séde mais vasta para os comicios, a « Mina » mudou-se para o « Athenen Paraense », do *mineiro* professor Bertoldo Nunes, onde, é de justiça dizer-se, mais se avigorou e floresceu.

E esta associação litteraria, a primeira de entre todas as da Amazonia, a que mais fructos deu, foi obra desse bohemio intelligente, desse mestiço de raça, de que ora me occupo.

Este facto devia aqui ficar estampado, para patentear tambem a força de vontade, a perseverança no trabalho, desse rapaz de animo forte e de acção tenaz, sempre que se tratava de levar a effeito uma obra de valor.

Foi curta, infelizmente, a existencia do poeta! Nascido em 1871, resvalou para a campa em 1897!

José da Natividade Lima foi nos seus primeiros tempos caixero e depois guarda-livros em varias casas commerciaes de Belem e do interior do Estado.

Em Março de 1895 embarcou-se para o Xingú, onde exerceu por algum tempo o cargo de promotor publico, depois de servir como guarda-livros em uma casa commercial no Pucuruhy.

Voltando á capital entrou para a redacção do « Diario de Noticias », quando era seu proprietario o brilhante poeta maranhense Marcellino Baratta, passando-se dahi para « A Provincia do Pará ».

Deixou inedito um primoroso livro de versos, intitulado « Musa Bohemia », actualmente em mãos do poeta Olavo Nunes, que avaramente o guarda como uma reliquia....

Corre tambem impresso, da lavra do poeta, um pamphleto, causticante e energico, intitulado « Brado

d'Armas », no qual se pode estudar o temperamento fogoso do auctor.

São versos do poeta :

HIPPICO

Cartola branca, larga fita preta
Na claridade do feltro se enroscando;
Camisa leve, dum tecido brando,
Com tufos de bordado e setineta;

Casaco aberto, senhoril luneta
O nariz afilado cavalgando;
Comprida saia ao vento pannejando...
Passa a cavallo a divinal Julieta!

O baio as patas compassadas bate
Num trote inglez; a turba rumoreja...
Reluz ao sol a estrella do acicate!

Descança as mãos no cabo da chibata,
Erguendo a fronte para que se veja
Rubis sangrentejando na gravata!

DOLOR

Nesse instante cruel da despedida
em que, abraçados, deste-me chorosa
um dulçoroso beijo e, languorosa,
tremula murmuraste—Adeus! sentida,

turbando para sempre a minha vida,
senti que no meu peito a dolorosa
saudade se cravava, impiedosa,
como um punhal rasgando uma ferida!

Ah! meu sonho de amôr eu vi desfeito,
varou-me a dôr o coração no peito
nesse instante cruel da despedida,

como um tiro certeiro sobre um ninho,
como um golpe de mar sobre um barquinho,
como um punhal rasgando uma ferida!

CONSOADA

De mãos amigas recebi formosa
lembrança e mimo d'uma lyra d'oiro;
e em rendados cartões de bom agoiro,
bellos votos de vida venturosa.

Encaixilhado em rendas e mimosa
fronha bordada, veiu-me um thezoiro;
poema da saudade ou sonho loiro
feito n'um travesseiro côr de rosa.

Beijo as fidalgas mãos que esses diversos
mimos de Reis enviam-me, risonhos,
na rendilhada curva destes versos

Ajoelha agora, coração guerreiro,
e pede a Deus que todos os meus sonhos
sejam sonhos da côr do travesseiro

AUREA

Aquella que me perturba
E vae levando de rastros
As almas brancas dos astros,
As rudes almas da turba,

Não tira dos olhos myopes,
De côr egual á do coiro
Reluzente dos ethiopes,
As claras lunetas d'oiro.

Como que temendo a fuga
Do cabello rescendente,
Prende-o no escarneo de um pente
De casco de tartaruga!

Nas mais elegantes rodas,
Não ha quem se lhe avantaje,
Nos esplendores do traje
E exquisitice das modas.

Quando nas sombras de um bosque
Vamos fugindo aos mormaços,
Ella consente que os braços
Meus, no seu collo os enrosque.

Na fimbria da saia curta
Eu beijo, sem que desgoste-a,
Seus pés cheirosos de murta
E claros como uma hostia.

Para que em ancias me abraze
Basta que eu lhe veja os peitos,
—Dois pombinhos satisfeitos
Dormindo em flóccos de gaze!

A dentadura formosa
Branqueja, em fileira troncha,
Como perolas na concha
Escarlate de uma rosa!

A's vezes, se, por descuido,
Desprende as tranças,—o opio
Do aroma beijo num fluido
De essencias de heliotropio.

Quando apparece num baile,
Ha relampagos de assombros
Ao surgir, livre do chaile,
A tentação de seus hombros!

Com que graça pisam o asphalto
E o mac-adam destas ruas
Os pés, no garbo das suas
Botinas de tacão alto!

Morresse minh'alma louca
Livre dos terreos escolhos,
—Nas brazas d'aquella bocca,
—No incendio d'aquelles olhos!

Natividade Lima morreu, repentinamente, no dia 9 de Junho de 1897, sendo seu enterro feito a expensas do senador Antonio José de Lemos, redactor principal da «A Provincia do Pará».

A redacção desse jornal, sentimentando a morte do poeta, escreveu: «A morte colheu hontem, quasi repentinamente, um dos nossos mais dedicados e estimaveis, posto que dos mais modernos, cooperadores.

Mancebo de talento, espirito forte e amoldado ás luctas da intelligencia, o nosso infeliz companheiro feria com garbo a sua lyra de poeta elegante e festejado.
....»

A Mina Litteraria por esta occasião prestou ao seu distincto fundador as ultimas homenagens, fazendo-se ouvir pela voz de seus orgãos e depositando no feretro do mais afervorado de todos os seus membros uma corôa de saudades.

XXVIII

Hermeto Lima

OLHOS

Eu amo uns olhos, verdadeiro encanto,
são como estrellas que espadanam luz,
olhos capazes de tentar um santo,
capazes mesmo de perder Jesus.

Olhos que valem de um poema o canto,
bemditos olhos, virginaes, tafues;
olhos que brilham, que reluzem tanto...
olhos divinos, sensuaes, azues!

Olhos que pedem santuario d'ouro,
que valem mais do que qualquer thezouro
onde a riqueza transparece á flux...

Olhos que pensam, que têm alma e siso,
olhos alegres como um paraiso,
olhos capazes de perder Jesus!

E ahi fica engastado um dos 30 bellos sonetos do primeiro livro de versos desse intelligente paraense que, ha 5 annos se firmou no Rio de Janeiro como poeta de merecimento, adepto dessa eschola que não morrerá nunca—o parnasianismo,—por isso que tudo o que nella existe é ditado pelo coração, é sentido pelo nosso *eu*, é o producto das nossas emoções intimas, finalmente, é o

resultado da phase psychologica porque passa o auctor no momento de trasladar para o papel aquillo que sente a alma.

Hermeto Lima é um parnasiano elegante, muito embora queira ser mais; muito embora queira fazer-nos suppôr ser um eclectico.

E esse eclectismo acha-se impregnado de reminiscencias, de uns longes adoraveis dos versos de Raimundo Corrêa, Damasceno Vieira, Guerra Junqueiro e outros, « tour à tour ».

Isto, todavia, não o desabona, pois para o poeta, que é muito moço ainda, a victoria é facil uma vez que abandone a leitura constante que parece fazer daquelles escriptores, dando-nos um segundo livro e, após, outros mais que venham provar á evidencia, a promessa contida no « Stalagmites », seu primeiro livro, promessa de que ha de ser, graças ao seu talento e aos seus nobres sentimentos,—um poeta de raça.

Hermeto Lima é paraense da gemma, nasceu em Belem no dia 3 de Fevereiro de 1871 e estudou primeiras lettras no Seminario Episcopal desta capital, passando ao depois a estudos secundarios.

Tem exercido cargos publicos no extincto Arsenal de Guerra do Pará, e na Intendencia de Guerra da Capital Federal, para onde seguiu com sua familia em 1895, pouco mais ao menos.

Fez parte do Gremio Litterario Sylvio Romero, do Pará, e tem collaborado nos principaes diarios do Rio de Janeiro e de outros Estados da União.

Completamente sem dados biographicos do poeta aqui transcrevo alguns de seus versos.

OLHOS

Olhos meigos e bons, serenamente
doces, dessa doçura immaculada,
fitae-me assim religiosamente....
a vossa vida é para mim sagrada.

Dos mysterios que tendes sou o crente
e delles fiz a mystica morada
de meus sonhos de amôr; piedosamente
enchei de fé minh'alma apunhalada.

Deixai que eu vos deponha meus amôres,
nunca vos apagueis. Vossos fulgores
são para mim um novo sol dourado.

Eu quero que sejaes, ó meu thesouro,
o cirio que me leve aos templos de ouro
na tarde festival do meu noivado.

BOCCA

Imaginae um portico pomposo
cheio de uma alegria infinda e louca,
e que, se abrindo num eterno goso,
mostre o rubim phantastico que o touca;

mostre as escadas de marfim precioso,
de seu lavor a perfeição não pouca,
e ao fundo um ponto de ouro esplendoroso;
—e d'Ella tendes a mimosa bocca.

Embora eu ande pelos templos varios,
dos trabalhos da fórma originarios,
dos grandes mestres que este mundo abriga,

não verei outra assim mais acabada
como essa bocca que só foi talhada
para modelo da esculptura antiga.

CABEÇA

Bella, sublime, esplendida cabeça,
cheia da mais pomposa magestade,
não a teve tão celebre a condessa
que mais fama colheu na media edade.

Não ha outra que mais versos mereça
e nem que minha vista mais agrade:
por mais que eu te descreva e te enobreça,
não chegarei jamais á realidade.

Não te atavia a aureola das nobrezas,
o diadema de ouro das princezas,
nem seus ricos toucados predilectos,

mas te envolve a capella de meus beijos,
a grinalda ideal de meus desejos
e o aureo resplendor de meus affectos.

MÃOS

O' mãos de neve, mãos feitas de opalas
que Deus lavrou, deu almas ao fazel-as,
mãos que um sultão, ou mesmo um santo, ao vel-as
correndo iria soffrego beijal-as;

vós que brilhaes nas opulentas salas,
vós que viveis no céo e viveis pelas
altas regiões mirificas de estrellas,
cobertas de esplendores e de galas,

prendei-me nesses dedos lactecentes
e na benção que affaga as almas doentes,
ó seraphicas mãos, dae-me guarida!

Dae-me! Como Jesus da Gallilea,
eu carrego uma cruz negra na idéa,
pelo monte Calvario desta vida.

Hermeto Lima é correcto na estructura metrica de seus versos e faz jús aos applausos publicos por este ponto digno de nota no seu primeiro livro, facto raro nos estreiantes.

O poeta tem promptos: « Calepino portuguez », diccionario proprio para charadistas; « Urnas ». « Parelios » e « Livro da Santa », versos.

XXIX

Olavo Nunes

Eis em rapidos traços a biographia do poeta: Chama-se Francisco Olavo Guimarães Nunes, nasceu na actual cidade de Curuçá, então comarca e districto da Vigia, no dia 29 de Julho de 1871.

Fez seus estudos primarios nesta ultima cidade, na escola regida pelo professor Manoel José Pereira de Carvalho.

Mais tarde se transportou para a capital do Estado, e, sob a direcção de seu tio e protector, professor Raimundo Bertoldo Nunes fez, com aproveitamento, seus estudos secundarios, no Atheneu Paraense, de propriedade deste activo educacionista.

Fundou com Euclydes Dias o «Collegio Minerva» d'onde se retirou mezes depois, seguindo para Maracanan. (Cintra) exercendo alli presentemente o cargo de promotor publico.

São versos seus:

RETRATANDO

«Inclina mais a cabecinha loura...
Na boquinha gracil, onde o desejo
Freme atravez da fina flôr d'um beijo
Um riso esbóça, ó feiticeira, ó pura...

Olha-me bem...a mystica doçura
Do olhar das santas nos teus olhos vejo...
Embora sintas o rubor do pejo
Mostra do cóllo a immaculada alvura...

Não tanto assim, porém... ai, não, não quero
Zombar jamais do publico sevéro,
Pintando os seios tumidos, de néve...

Prende nos labios teu sorriso franco...
E sob a fimbria do vestido branco
Mostra a ponta do pé, pequeno e leve.»

A MINHA MÃE

Vivo, e vivendo vou em ti pensando...
Vou teus beijos de Mãe, tuas caricias,
—Do meu passado as unicas delicias—
No intimo do peito relembrando.

Oiço-te a voz; o teu olhar nitente
Diviso sempre a me guiar na vida,
Como essa estrella limpida surgida
Para guiar os Magos do Oriente.

Vou contente teu nome murmurando...
E vendo que na vida o Inverno brando
Para ti já de longe vem surgindo,

Eu de joelhos beijo, respeitoso,
Branca neve, que o tempo impiedoso
Em teus cabellos, Mãe, vae espargindo.

CLARISSE

Ao vêr-te o vulto airoso, e pequenino e leve,
Co'a «pose», senhoril das filhas d'Allemanha,
Pulsa-me o coração, o sangue meu referve,
E sinto dentro em mim deslumbração tamanha
Ao vêr-te o vulto airoso, e pequenino e leve.

Envolvo-te co'a vista em extasis profundo,
Seguindo deslumbrado os teus meneios todos.
Nada mais vejo, nada; esqueço-me do mundo,
E para vêr se acalmo os meus instinctos doudos
Envolvo-te co'a vista em extasis profundo.

Se banhas-me co'a luz dos olhos teus, formosa,
Sublime d'um fulgor, mas d'um fulgor divino,
Minh'alma ruge e salta, indomita, nervosa...
Meu ser, para contel-a, eu sinto pequenino
Se banhas-me co'a luz dos olhos teus, formosa.

Tua fala, o andar, teus minimos meneios
Causam-me sensações horriveis de contar....
Em ti tudo arrebata: os pés, as mãos, os seios,
As curvas de teu cóllo, a luz de teu olhar,
Tua fala, o andar, teus minimos meneios.

Este gracioso poeta paraense tem prompto um volumoso livro de versos ao qual deu o nome de —«Larvas»—prefaciado pelo sr. dr. Paulino de Britto e foi um dos mais activos e talentosos socios da Mina Litteraria.

XXX

Theodoro Rodrigues

Dos novos combatentes, incontestavelmente, este elegante poeta é um dos mais inspirados e de real merecimento. Estreou-se nas lettras com os « Pallidos », livro de versos prefaciado pelo talentoso paraense dr. Alvares da Costa, brilhante nome sobejamente conhecido como o de um jornalista e critico de *elite*

«Quem lêr os Pallidos » e quizer por elles fazer um juizo do que vale hoje seu auctor, de certo pouca importancia, pouco valor lhe dará. A razão é obvia : os versos de que elles se compõem fôram escriptos aos 18 annos, com todas as incertezas e incorrecções dos primeiros surtos de um pobre cantor provinciano, sem leitura quasi de bons livros.

Theodoro Rodrigues, porem, aos poucos aperfeiçoou-se e hoje é um poeta de raça, de cuja lyra fere sons vibrantes, cheios, inspirados, que escriptores de renome não se furtariam a assignar como seus.

Nasceu este meu talentoso confrade na cidade da Vigia, no Pará, aos 16 de Junho de 1874. Cursou primeiras lettras passando ao depois para os estudos secundarios, no Atheneu Paraense, onde, annos depois, serviu como censor e professor de portuguez.

Exerceu por algum tempo em Belem o magisterio particular, seguindo em fins de 1901 para o Estado do Amazonas, fixando residencia em Manáos, onde actual-

mente exerce o cargo de secretario da Bibliotheca Publica.

Em Belem pertenceu a varias associações litterarias, tomando parte no salutar movimento litterario estabelecido pelos membros da *Mina*, associação de lettras de que já falei.

Theodoro Rodrigues é socio correspondente de varias revistas brasileiras e cooperador de acreditadas folhas.

E' um nome feito no paiz como poeta, como professor e como jornalista.

Como um brinde aos leitores desta pequena e deficiente anthologia, para estas paginas transcrevo as poesias que se seguem, a primeira das quaes é uma belleza de arte e concepção.

OS DOIS GIGANTES

(*Synthese de um poema*)

Gigantesco e viril, rasgando o immenso flanco
da montanha altaneira—o ninho do condor—
vae praguejando, além, num cyclopico arranco
fazer que o mar se cale, extinga o seu fragor.

Rasga o seio da terra exuberante e bruta,
firma o rigido pé nas ilhargas dos Andes,
para poder vencer nessa tremenda luta
contra inimigos taes, extranhamente grandes.

Vem descendo, a romper largas serras e montes,
é um colosso a que a rocha, ao vel-o vir, se afasta,
pois tem a vastidão de vastos horizontes
e se alteia, e se alarga, e destroe e devasta.

Cada impulso que dá abala um continente,
cada braço que estende um gigante produz,
e nas mattas que rompe elle atira a semente,
os thesoiros da vida, a semente da luz.

Ouve de longe o mar, cachoando nas praias
e recrudesce então no combate feroz,
e diz ao grande mar:— Vossas vagas domae-as,
que eu não sei quem será vencedor entre nós.

Tenho tantas legiões de caboclos valentes,
guardo no enorme seio os lucidos metaes,
brilho de oiro e crystal e pedras reluzentes
como na terra inteira outras não vejo eguaes ».

E calaram-se os dois de temor e de medo;
medem forças talvez. Passam annos. Um dia
rolou despedaçado um ultimo penedo:
--o Amazonas a terra intemerato abria

Agora, eis que se trava esse combate infindo,
immenso e colossal, de proporções extranhas.
Ambos a espumejar, ambos fortes rugindo,
eram feitos de ferro e feitos de montanhas.

E a cada embate atroz a terra espavorida
recuava, tremia e se alargava mais,
a fugir, para que não se achasse vencida
nesta luta sem fim de imigos immortaes.

Lutam e tão feroz a luta se apresenta
não se sabe qual é vencido e vencedor.
E é tal que recrudesce e é tal que mais se augmenta
que se torna de vez um prodigio de horror.

Lutam. E quem será vencedor ou vencido?
Qual na luta mesquinho e morto ha de rolar?
Ninguem sabe, que o mar recua convencido
de que tem pela frente, a rugir, outro mar.

FLÔR DO RIO NEGRO

Em todo o seu olhar tão formoso e tão santo,
de seu corpo gentil na hellenica esculptura
existe um casto enleio, um languido quebranto,
e uma viva expressão de magica doçura.

Tudo o que encerra em si é um verdadeiro encanto:
desde o ligeiro pé que em flôres se emmoldura,
desde o sorriso idéal que me captiva tanto
ao immaculado alvor da sua fronte pura.

Ao vel-a meiga assim, dando a suprema idéa
de resguardada flôr, de um lyrio da Judéa,
de uma combinação de cousas divinaes,

penso que nada mais ha perfeito na terra,
pois tudo aquelle corpo angelical encerra:
das aves o arminio, o aroma dos rosaes.

SINGULAR MYSTERIO

Não sei por que, nem conhecer procuro
a causa extranha desta força extranha
que eu sinto em frente ao teu olhar tão puro,
tão languido, tão dôce,
assim como se fosse,
lyrio que não tem par,
beijando a crista de uma azul montanha
um raio de luar.

Não sei por que me attraes e me fascinas,
lánguida flôr que enerva e que inebría,
e porque lentamente me assassinas,
bella, pallida e fria.

Se acaso meus olhares presurosos
nos teus vão procurar amparo e luz,
nos teus profundamente mysteriosos,
cujo brilho me arrasta e me seduz,

sinto que tu me privas dos teus olhos,
ó vibração dulcissima de harpa;
mandas que eu vá de escolhos sobre escolhos,
de escarpa sobre escarpa!

E eu não sei por que assim te quero tanto,
e eu não sei por que foges e eu te sigo;
dize afinal o que é preciso, quanto
queres para cessar este castigo

Quanto queres de mim, dos meus sonhares,
do meu amôr, da minha vida, emfim,
para que de uma vez os teus olhares
não se afastem de mim.

Ouve bem o que eu digo nestes versos,
e se os leres como eu os escrevi,
nelles has de sentir os tons diversos
deste amôr que alimento só por ti.

Extranha tentação e extranho enleio!
Pensando em ti pergunto tanta vez:
—Porque perdido neste sonho creio?
Porque me tenta a tua pallidez?

E nesta collisão em que me vejo,
a que de novo me lançou o destino,
entre o riso e a magua e o desejo
de ser d'alma outra vez doido assassino,

maldigo a mim, porque te quero tanto,
bella, pállida e fria,
e anceio a luz do teu olhar tão santo,
tão languido, tão dôce,
assim como se fosse
a extrema-uncção de um moribundo em pranto
na ultima agonia.

Este vibrante poeta tem promptos e em via de publicação: « Canções do Norte », versos; « Licções de Historia do Amazonas », obra didactica e « Contos ».

Em 1896 publicou um compendio de Historia do Brasil para o ensino primario, livro este que está approvado e adoptado na instrucção publica do Pará.

XXXI

Medeiros Lima

Nasceu em Belem do Pará, aos 14 de Fevereiro de 1877, foi alumno do Lycêo Paraense e é poeta de inspirado estro.

Seus paes desejavam que seguisse a carreira commercial para a qual nunca teve propensão; revoltou-se e preferiu apprender a arte typographica. O traiçoeiro cheiro da potassa dos typos de chumbo dos caixotins é um attractivo poderoso: quem uma vez o aspira *vicia-se* e, ou fica typographo toda a vida, ou sóbe alguns degráos mais e se torna poeta ou jornalista.

Ha muitos exemplos disto e Medeiros Lima é um delles.

Do talento robusto e peregrino do joven poeta ha muito a esperar e o seu poemeto—« Saudades »—publicado e dedicado á memoria de João de Deus do Rego é uma bella affirmação do seu brilhante espirito.

Abrilhantamos estas paginas com algumas poesias do talentoso e joven poeta:

RÉGIA FÓRMA

Corpo que lembra uma esculptura vedra
por mão de artista helleno cinzelada;
corpo nevado e rijo como a pedra
de Fórma Régia, mas inanimada..

Corpo viril e moço, no qual medra
como uma flôr de sangue envenenada,
toda a paixão nevrotica de Phedra
no régio corpo de Phryné vasada...

Certo, se houvesse n'essa velha Hellade
nascido, qual Pandenia divindade,
invejado serias das hellenas,

quando te ergueses nú, tão branco e novo,
mudo, n'um gesto dominando um povo.
de sobre os muros da palladia Athenas!...

VERSOS Á RUTH

Hontem, me disse alguem, que a cicatriz
que tens na bocca artistica e vermelha,
foi feita,—é tua mana quem o diz,
por uma loira e pequenina abelha.

Duvidei da verdade desse facto,
e como duvidasse que assim fosse,
tua mana affirmou-me ser exacto,
que a abelha ouvindo-te a pronuncia doce,

tendo vontade de matar a ardente
sêde, seguiu teu musical tropel,
e sem que a presentisses, mansamente,
fôra dos labios te sugar o mel.

Feriu-te. Sabes que esse animalzinho
não tem do instincto esses conselhos sabios,
foi por isso que, mesmo de mansinho,
sugando o nectar, te ferira os labios.

Deixa tambem que eu desse novo Hymetto,
—colmeia d'ósculos sensual, vermelha,
sugue o nectar divino, e eu te prometto
ter o cuidado que não teve a abelha!

NOCTURNO

Noite amiga, sonnambula silente,
muito te quero, muito te desejo,
quando á hora do *Angelus* te vejo
baixando á terra vagarosamente.

E se mais negra vens e tão somente,
se não trazes dos astros o cortejo,
deusa das trevas, mais e mais almejo
fazer-te minha eterna confidente.

Ao falar-te da dôr que me repisa,
do desespero que me tantalisa
e géra o pasmo que me petrifica,

negra te quero como o meu desgosto,
para que o mundo me não veja o rosto
se nelle a magua revelada fica.

Este sympathico poeta é assiduo cooperador do *Pará Revista* e foi um dos mais activos redactores d'«O Noticias», quando sob o direcção de Alcides Bahia.

XXXII

Alves de Sousa

A personalidade litteraria de Alves de Sousa acha-se como que em fóco entre a pleiade dos novos. Estudioso e observador, vae caminhando rapidamente á conquista de um nome glorioso e a meta dessa vereda difficultosa facil lhe será alcançar se continuar a aproveitar as faculdades de seu culto espirito, abrevendo-se na leitura de bons livros.

É mais um bello talento que surge e poderá ser mais tarde uma gloria das lettras do norte, se não fraquejar na lucta, resvalando para o terreno do sceptismo, onde se debatem, como naufragos exhaustos, os tresloucados cultores do symbolismo...

A musa do talentoso poeta parece, infelizmente, que se acha atacada já pelo *morbus* lethal dessa doença que empolgou alguns intellectuaes no final do seculo XIX... Ainda é tempo, porem, de salvar-se reagindo contra o polvo seductor que lhe deitou os tentaculos.

Do intelligente poeta paraense corre mundo um mimoso livro de bons versos intitulado—«Crepuscularios»—e algumas poesias esparsas, publicadas em revistas e diarios brasileiros.

Fala o eloquente estheta:

IN PERPETUUM

Aos teus olhos de poeta se avoluma
a esperança de um Bem que em vão esperas...
Passam os dias, vão depois as eras,
e as illusões se vão, uma por uma...

E dos teus sonhos na macia bruma,
tal um castello, no alto das esphéras,
clamas, praguejas, cantas, desesperas,
anceias, cantas e decrês, em summa!

Logo aos teus olhos, na ancia derradeira,
foge-te o Sonho ha muito procurado!
E tu descambas no final gemido,

sem saber que viveste a vida inteira
por tantos desenganos enganado,
por tantas illusões desilludido!

CANÇÃO

Anda o silencio pelo mar...
E sobre o mar, que estúa,
ronda no céo, a desmaiar,
a lua...

O mar é liso, sem uma onda.
A superficie é núa, núa...
Sobre elle vae, como uma ronda,
a lua...

Ao longe, a voz d'um argonauta
ora caminha, ora recúa...
Accordam sons de guiso e flauta
a lua...

Calma no céo, calma no mar...
Perdido, um cão faminto, acúa...
E vae no céo, a desmaiar,
a lua...

Porém, ligeiro, o vento ruge,
e o mar recobra a furia sua.
E tudo occulta, emquanto estruge,
a lua...

Gritos, ribombos e lamentos,
imprecações gemendo no ar...
É a furia atroz dos elementos
no mar

Noite funesta, noite tragica
Andam visões a perpassar...
Chora uma voz suave e magica
no mar:

—Perdi meu filho! Quem m'o entrega?
Perdi-o em meio a escuridão!
Ai, sou tão cega! Ai, sou tão cega
Em vão...

—«Mar assassino, que o matastes,
Dá-me, eu t'o peço, o filho meu!
Onde o metteste, onde o deixaste,
atheu?»

. . . .

O mar, então convulsionado,
como suspenso do seu trilho,
rojou-lhe aos pés, estrangulado,
o filho!

A tempestade, a pouco e pouco,
erma bonança a tudo trouxe.
O oceano immenso, o oceano louco
calou-se.

O mar é liso, sem uma onda.
A superficie é núa, núa...
Sobre elle vae, como uma ronda,
a lua...

XXXIII

Flexa Ribeiro

Fecho esta galeria originalmente bella de poetas amazonicos tratando do mais novo de todos elles, de um moço de bastante merito, desnorteado pelos fogos de Bengala do symbolismo intanguido; a eschola carnavalesca de muito poeta de contrabando, de muito talento... mascarado.

Eu não conheço na historia litteraria de todos os tempos e de todos os paizes eschola mais ridicula, mais tão falta de bom senso do que a symbolista.

Desde a pristina poesia mythologica em que figura o vulto lendario de Homero; desde a época de Kurenberg, o supposto auctor do poema dos Niebelungen, ficaram immortalisadas as Walkirias da mythologia scandinava; desde os remotos tempos do Mahabharata e do Ramayana, dos poetas da India até a poesia scientifica do sr. Izidoro Martins Junior,—só uma phase houve litteraria quasi comparavel a que atravessamos hoje, em que o symbolismo medrado procura crear rebentos: foi a da Edade Media, cuja poesia anarchica e pedantesca não vingou, devido á falta de orientação dos escriptores da época.

Dante appareceu então como um assombro, no meio da anemasis dos homens de seu tempo, fechando com chave de ouro os ultimos periodos da Edade Media e illuminando com a «Divina Comedia» as portas ainda cerradas da Renascença.

O symbolismo é um aborto de nossos dias que não vingará tambem porque os seus adeptos são invariavelmente uns doentes d'alma, fructos esporadicos da anarchia mental em que se debatem os *novos*, os *soi disant* symbolistas.

De evolução em evolução, fazendo épocas brilhantes, depois dos derradeiros arrancos da Arcadia, do classismo dos Filintos portuguezes, dos poetas do tempo colonial do Brasil, que lhes seguiram as pegadas, e no numero dos quaes figuram o paraense Tenreiro Aranha, neste livro citado, foram surgindo chronologicamente, as escholas litterarias do romantismo.

Em Portugal o *fashionable* auctor da « D. Branca » hasteou a bandeira revolucionaria da idéa nova buscando fonte abundante de assumpto nas tradições e crenças de seus maiores. Castilho e Herculano foram generaes nessa cruzada das lettras, e quando o romantismo parecia já debater-se sem forças, eis que toma novo alento e revive triumphante nas estrophes singellamente lyricas de João de Deus.

A poderosa influencia da eschola de Rousseau foi quasi universal. Entre nós, brasileiros, Domingos Magalhães iniciou-a com os seus *Suspiros Poeticos*, e desde logo appareceram poetas enthusiastas que a ella se filiaram, procurando subdividil-a, crear novas modalidades.

Foi assim que surgiram o *indianismo* de Gonçalves Dias; o *manfredismo* de Alvares de Azevedo, devido ás leituras de Byron; o sentimentalismo adoravel de Casimiro de Abreu, que foi seu só; a eschola *condoreira* de Castro Alves; *o lyrismo* de Guimarães Junior; o *parnasianismo* elegante de Luiz Delfino, de Guimarães Passos, de Olavo Bilac, etc.

O *realismo* lyrico de Junqueiro, com « A Morte de D. João », creou em Portugal uma outra phase litteraria, foi um assombro: todos o imitavam, todos o seguiam. De alem-mar transplantou-se para as academias brasileiras, no seio das quaes floresceu por muito tempo, até apparecer no Recife o *scientificismo* do sr. dr. Izidoro

...tins Junior, iniciado nas Visões dos Tempos e nos Estilhaços.»

Todos os ramos do romantismo, e é aqui que queremos chegar, se tornaram dignos de nota, pelo talento innato e pela bôa orientação de seus poetas, pela belleza harmonica do verso, estructura do metro e delicadeza da fórma.

A eschola realista tem bellezas incomparaveis, atravez, por vezes da nudez de suas imagens; e o proprio poetar de Martins Junior e dos seus, bebido nas fontes áridas da sciencia, nos enthusiasma e delicia, porque tambem tem bellezas e traz, sobretudo, o cunho austero do bom senso.

Outro tanto não se póde dizer do symbolismo, se bem que se reconheça em pouco, em pouquissimo numero de seus adeptos muito talento e muita inspiração.

Neste limitado numero, felizmente, está o poeta de que trato.

O symbolismo para nós, a despeito da grita louca de seus sofregos e ardegos representantes, levados pelos enthusiasmos de moços, pelo arruido da *novidade*, o symbolismo é a eschola dos doidos, dos tisicos e quasi sempre dos incompetentes, que nella buscam a capa para dizer tolices.

Penso com Adherbal de Carvalho:

«Que ha de sério, de esthetico de requintadamente artistico nos productos dos nephelibatas, decadistas ou symbolistas?

Que sentimentos ou que sensações presidiram á sua elaboração?

Nenhum, absolutamente nenhum, será a resposta peremptoria. O decadismo com toda a sua esthetica piegas e mais ainda com os seus versos profundamente ridiculos, profundamente grotescos, parece-se com esses esfarrapados malucos do imperio de Marrocos que são tidos como milagrosos santos, a quem Deus tirou a razão para differençal-os do resto dos mortaes, pela massa ignorante do povo, mas que são repellidos com asco e terror pela gente civilisada.»

E pergunto como Adolpho Caminha: «Em que consiste, afinal, esse symbolismo tão vago quanto palavroso e absconso? No emprego esdruxulo de palavras novas representando estados dalma? Na tendencia exquisita para os themas sacros? Na extranha combinação de sons formando phrases sem sentido?»

Positivamente os symbolistas não vingarão porque, antes de tudo, para que uma eschola viva e progrida, é preciso que ella seja comprehendida pelo grosso da alma nacional, pelo povo, que não seja privilegio de alguns apenas, como o é o symbolismo com as suas nebulosidades e gongorismos.

Mas... nem aqui é o logar da critica á eschola que surge, nem nós estamos apparelhados convenientemente para tão magno assumpto....

Ponhamos, pois, de parte as nossas opiniões pessoaes e tratemos do Poeta.

Flexa Ribeiro nasceu em Faro, Estado do Pará, no dia 19 de Junho de 1883.

Tem conseguintemente 21 annos de edade, é muito moço e do seu talento ha muito que esperar ainda.

Tirou preparatorios no Rio Grande do Norte e actualmente é alumno da Academia de Direito do Estado do Pará,

Em 1903 fundou com outros rapazes o *Pará-Revista* que vae tendo regular acolhimento e da qual é director.

Tem prompto um livro de versos—*Sól*, e em preparo: *Agora*, romance; *O enforcado*, contos; e *Surdinas*, versos. De sua pasta de trabalho, traslado para estas paginas as seguintes producções de sua lavra. Nellas verão os leitores a perniciosa influencia das leituras de livros symbolistas dos quaes está impregnado o *eu* do talentoso poeta, tão moço e já tão desilludido, sem fé no futuro e no que vale, no que poderá valer, incapaz de luctar, de produzir alguma coisa que tenha vida, que seja util, que nos enleve; versos que vibrem e que tenham sangue. E' sempre o eterno côro do *eu quero morrer; coveiro, onde estão os nossos leitos? O Alem me espera; Extende ó morte, sobre mim teu véo, etc.*

E' um poeta que nasce e que já quer morrer... que se poderá esperar d'elle? que se poderá esperar de uma eschola morbida, cujos adeptos são doentes d'alma e do corpo, que só pensam em Extrema Uncção e procuram na morte o começo da vida?

Mas... leiamos o poeta:

MONOLOGOS DUM MONGE

I

Diante dum Crucifixo.

—De que me vale a cruz que trago nesta cinta,
como o escudo da Fé, o lábaro de Deus?
De que me serve a cella onde, recluso, trinta
annos já passei, só, a invocar os céus? !

Quantas vezes pedi que de minha alma, a extincta
Paixão, dôce Jesus, cobrisses com os véus
do redemptor perdão ...
—Que esta bôcca não minta
as vezes que calou os desesperos seus!

Preoccúpa-te, talvez, transcendental politica...
Não mais tua Piedade a Dôr humana lava,
tens morto o coração e a alma paralytica...

Presenti, afinal, que eras argila védra
e que ao mundo senil o teu olhar olhava
pelas duas ováes entalhadas na pédra!

II

Do alto duma torre, contemplando a Cidade.

—E' inútil luctar! A Esperança está morta!
O mundo se tornou num luctulento assédio
onde nunca acharei a desejada porta
que dá para a Illusão,—o último remédio...

Oh, doloroso Fim! E nada me conforta
Sinto a fria nudêz das algêmas do Tédio...
Só esse Amôr maldito o coração exhorta,
quebrando este continuo e insito epicédio...

Crêio ser esta Paz uma tremenda praga,
mas se fôr para a Lucta encontro o mesmo mal,
a mesma solidão que me desola e esmaga

Ha trinta annos que o Tédio o meu destino cinge,
que o mundo é para mim horrivelmente igual,
que a vida me parece uma sinistra esphinge!

III

Ao luar só, monologando á noite silenciosa e estrellada.

—...e a Morte, que será? E o mystério do *Além*?
A Vida, finalmente, é apenas transição!
Ah, como se debate, afflicto, o coração,
e quanta anciedade esta minha alma tem!...

Quem foi que já voltou da negra estrada, quem?
Que é que para tráz da fria habitação
existirá?—Senhôr, que tremenda Afflicção
(maior do que nem uma!) é a Dúvida também!

O' Nirvana attrahente, ó Nada que me assombra,
ó Noite em que não surge a luz duma alvorada,
desce á minha cabeça a salvadora Sombra!

Não tenho mais ideaes Não crêio na Esperança!
—O coração vasio, a alma abandonada —
—Tu serás para mim a Bem-aventurança!

IV

No cemitério, ao fechar-se a cova dum Irmão.

—Ficas, aí, na terra humedecida e bruta!
(O céo é torvo e a chuva impiedosa e rude:
e ha um estremecêr de incomprehendida lucta,
um álgido pavôr de longa quietude...)

—Que gozo nessa Calma o coração desfructa?
Não te axphixia a tréva estreita do ataúde?
Tua alma já fugiu da funerária gruta,
E ainda a «salvação» o teu destino illude?!

Ah, triste sonhadôr não conheceste a vida!
Nunca a descrênça, irmão, te roçou a epiderme,
nunca viste a Illusão, por terra, derruida.

Como fostes feliz confiando no Ideal!...

—No emtanto penso vêr o fervilhar do Verme,
e a decomposição da Matéria immortal!

HORAS NEGRAS

Á MINHA MÃE

Nestas horas de magua e de tristeza,
das torturas interminas do Nada,
tomba o meu ser ao peso da incerteza
e sinto a minha Força anniquilada.

A Crença morta, fria, enregelada,
mostra-me o fim fatal da Natureza...
O céu?—aspiração abençoada,
onde a nossa Esperança vive pressa...

A vida é a Lucta, a Dôr... e nada mais!
Seja-se embora Nero ou Nazareno,
jamais teremos outro Fim, jamais!

Quando sinto que nada mais me obriga,
surge do vacuo o teu perfil sereno..
Volto de novo á minha crença antiga!

SEPTICISMO

Pelos caminhos infinitos, ermos,
alvos, direitos, sem um pio de ave,
sob um Azul purissimo e suave,
busco da Paz os merencoreos termos.

Vago da Dôr pelo ferino entráve,
onde soluçam corações enfermos...
Erro no claro-escuro de outros ermos,
buscando allivio que esta Magua lave.

Passa por mim das Illusões o Marne...
Vejo que o mundo é tedioso espasmo,
em que floresce a rubra flôr da Carne...

Tudo é mentira! o Gozo é uma chimera!
Vida—és miphistophelico sarcasmo;
Morte—és o Abrigo que minha alma espera!

ESPARSAS

POESIAS DE

Eustachio de Azevedo

UNICA!...

Elegantissima e orgulhosa. Quando
abre-se a frisa numero... e bem séria
ella apparece, um fremito percorre
pela platea ao vêr mulher tão bella!

Entra. Ergue a fronte magistral. Correndo
rapido olhar á multidão que a fita,
despe dos hombros a custosa capa
e, altiva, ás mãos do seu lacaio a entrega!

O grande lustre dá-lhe em cheio. As lascas
de diamante em seus cabellos chispam
—bem como estrellas n'uma esphera escura!...

Fulgem as bichas nas orelhas. Brilham
no decote gentil das rendas finas
o alfinete,—um primor de pedras raras!

Não traz volta de perolas no collo,
—alvo blóco de marmore lavrado!

Não traz tintas no rosto: a descoberto
vê-se o rosado seductor das faces!

Morre a ultima nota da *ouverture*
Senta-se e move o leque. Sóbe o panno.

A' MEMORIA DE JOÃO DE DEUS DO REGO

Para cantal-o agora,
fôra preciso a flôr das obras primas!...
E a minha Musa chora!...

A. AZEVEDO

Erato, predilecta de meus sonhos,
de meus sonhos azues da mocidade,
vem partilhar do fél desta saudade,
vem recordar commigo esses risonhos
dias do meu passado!...

Mais uma vez desperta do lethargo,
socia gentil de tudo o que hei amado!...
Retéza as cordas do alaude e um canto
solta!... O lembrar é dôce, embora amargo
seja vertido o pranto!...

Vamos nós dois, a sombra do cypreste,
na mansão do que dorme o ultimo somno,
provar que, como em vida fomos sempre,
somos seus companheiros no abandono!
Embraça o magico instrumento e as bellas,
e as rudes notas de pezar desata,
bem como antigamente, á luz de estrellas,
cantavamos do Amôr a serenata!

Vai dizer-lhe que temos rasos d'agua
por este doloroso apartamento
os olhos, e que é tanta a nossa magua,
tanto o nosso tormento,
que queremos cantar e soluçamos!

Vamos ó Musa, vamos
na campa cravejar seu nome augusto,
com as lagrimas puras que choramos!...
Sejam seu epitaphio derradeiro
—o pranto da Amizade,
e a dôr desta saudade...

Que lá do céo o nosso companheiro,
junto ao seio de Deus,
oiça de tua lyra os sons plangentes
e o meu ultimo adeus!

Vai dizer-lhe que a noite do Nirvana
jamais elle terá que em si recaem
neste peregrinar da vida insana,
dos bons amigos a eternal lembrança,
as puras orações e o sacro terço
de uma irmã que deixou,—meiga creança,
e dessa que ora vae pizando abrolhos,
santa velhinha que/embalou o berço /lhe
e lhe fechou os olhos...

....

Mais uma vez desperta do lethargo,
Musa do Affecto, quero ouvir teu canto...
O relembrar é dôce, embora amargo
seja o vértido pranto...

....

UNICA!...

A mulher por quem vivo é quasi um mytho
de belleza, de amôr e perfeição...
no fulgor de seus olhos tenho um rito,
uma trascendental religião!

Quando ella surge—esplendida Dalila—
pelo passeio que margina a rua,
ante o fulgor que o seu olhar scintilla
a propria luz recúa!...

Amo-a como se póde amar na terra,
amo-a como jamais amar julguei!...
toda a minha existencia hoje se encerra
neste amôr que no peito alimentei.

Quando o Nirvana, o Esquecimento, a Morte
se lembrar que eu só vivo deste amôr,
e sobre mim descarregar o córte
no seu papel de eterno ceifador...

Por beijos della espero ser ungido,
na cruz dos braços seus quero expirar
satisfeito, feliz, agradecido,
tendo por cirio a luz do seu olhar!

UNICA!...

Gosto de vel-a, altiva, na avenida
Com aquella elegancia de andaluza,
domando corações, chamando a vida
a minha pobre e moribunda Musa!
Distincta e petulante; encara a gente
com audacia e despreso....
encara....e passa, alegre, sorridente,
levando-nos a alma acorrentada
e o coração bem preso!
Original em tudo: no sorriso,
na expressão do igneo olhar, sensual e franca,
no *salero* do andar, como é preciso
no abotoar de tom da luva branca!

Hespanhola, andalusa; era o bastante...
não bastou, todavia:
é brasileira no falar discreto,
possue d'americana a valentia....
é chineza nos pés, lusa no affecto
e polaca na orgia!
Seu coração liberto, vasto, ardente,
era immenso demais, (assim julgou)
não bastava a amizade de um só ente,
era preciso amar...muitos...a todos...
e muitissimo, e a todos ella amou!
Preferiu as volupias do amor vário
das mimosas Phrynés,
a ser, talvez, mulher de um milionario
que lhe atirara uma fortuna aos pés!

Gosto de vel-a quando surge e passa
ao longo da alameda,
toda elegante, aprimorada, leda,
séria, orgulhosa, emfim;
não parecendo uma mulher devassa...

Gosto de vel-a assim!...
E quando a encontro no calor da Orgia,
do champagne empunhando a taça fina;
quando a vejo tomar da guitarrilha
e cantar sorridente uma divina
copla d'Andaluzia....
quando a vejo cantar as hespanholas
musicas dos *boleros* excitantes,
movendo com pericia as castanholas
no bamboleio dos quadris galantes,
—fico estatico, mudo, embevecido
e déra tudo á essa mulher perdida,
o coração, a vida,
ébrio de amor, para seguir-lhe o rastro,
como um simples satellite minúsculo
ao de redor de um astro!

VERITAS

Senhora, quando vejo o vosso bello porte,
esvelto, magistral, na área de um salão,
eu julgo vêr aquelle, alegre e petulante,
de uma filha do norte
que outr'ora captivou meu pobre coração!

Vós sois da virgem morta a pura imagem viva:
tão linda assim foi ella, angelica, idéal...
mas crêde e perdoae-me, é bella a pura imagem
porém, de minha diva,
era muito mais bello ainda o original!

E quando, todavia, eu vos contemplo absorto,
e me torno acanhado, e deixo tristemente
descançar sobre o peito a minha fronte pallida,
—sinto que o affecto morto
em minh'alma renasce, e delirantemente!

Não procureis fugir, senhora, quando quedo
eu contemplar ditoso o vosso bello porte..
pois, quero reviver aquelle puro affecto
—eis todo o meu segredo!
em vós, que filha sois tambem do extremo norte!

MORTA

Entrei hontem na Sé, como um ladrão, com medo
que alguem me visse e fôsse o meu maior segredo
contar, como se conta um facto escandaloso...
E' caso muito raro, é caso sem exemplo,
um impio penetrar, cheio de fé, n'um templo,
e de joelhos orar, contricto e respeitoso ..

Dulce-tinha-me dito: «Agente fica boa,
quando alguem que nos ama uma oração entôa
na casa do Senhor, pedindo a Deus por nós...
Somnambulo accordado, eu caminhei chorando
em direcção da Sé, e o orgulho meu quebrando,
—rezei, ouvindo ainda o som d'aquella voz.

Todos dirão:—Mentira um blasphemo não reza ...
E mentira não é:—rezei; a minha reza
foi sublime de fé, foi cheia de fervor...
prostrando-me, beijei o chão do templo augusto,
respeitoso osculei de Christo o meigo busto,
pedindo a salvação do meu primeiro amor!...

Quando, porém, voltei contente do meu acto
e entreabri subtil, com timido recato,
d'alcova onde Ella estava a pequenina porta...
mais uma vez descri do balsamo que trazem
as santas orações que os desgraçados fazem...
—Dulce estava sem côr, enregelada, morta!

BOHEMIO! ..

Dessa vida que mata, onde fervilha
o gozo máo, que a bacchanal propina,
onde, a sorrir, se encontra Messalina,
—meu torturado coração partilha.

Viver assim, a muitos maravilha ...
e na vida infernal que me assasina,
—um bohemio—me chama a superfina
flôr dos entroinas que me segue a trilha.

Bahemio, sim, de mascara, que finge ...
truão de feira que na arena morre,
riso nos labios, a sentir travores.

Bohemio, sim! buscando ser a esphinge
da Ventura! que atraz do Prazer corre
para espancar do coração as dôres...

NATAL

Narra o mytho christão que, out'ora, na Judéa,
na formosa Bethlem, perto de Galliléa,

Christo, o Filho de Deus, n'uma noite de opala,
em Dezembro, nascêra, alegre, n'uma estalla.

De palhas teve o berço, e por toda honraria,
os beijos maternaes e santos de Maria.

O firmamento azul, de estrellas recamou-se,
e toda a Palestina, alfim, movimentou-se.

Vendo-lhe o berço humilde e o vulto seductor,
entóaram-lhe um hymno os anjos do Senhor;

echoaram na terra os canticos do céo
alegres, divinaes: «Gloria in excelsis Déo!»

Rútila, luminosa, ufana e scintillante,
appareceu no espaço a Estrella do Levante.

Guiados pelo Astro envolto em resplendores,
foram ter ao presepe os magos e pastores...

E ao Filho de Maria, ao candido Jesus,
o symbolo do Bem que mansidão traduz,

todos foram levar o seu modesto fardo:
mimos de incenso e myrrha, alóes, sandalo e nardo.

Por toda a parte, enfim, hosannas de christãos,
Cantadas a sorrir por moços e anciãos:

—Eil-o, o Verbo Encarnado, o Filho do Senhor!
Foi-se o Mal, reina o Bem, é nato o Redemptor!

....

Isto nos diz a lenda, e a natureza adduz
provas materiaes da vida de Jesus.

Hoje, volvidos já mil seculos, com fé
o povo inda festeja o Heróe de Nazareth!

Como é bello ter Fé, ter Crença, acreditar
nos milagres de Deus nos mysterios do altar!...

viver alheio sempre ás vis desillusões,
pensar no Paraiso...Ingenuos corações!...

Que o scepticismo, pois, ao povo jamais vença,
—esse polvo fatal que de mim fez galé —
Abençôado seja aquelle que tem Crença,
bemdito seja sempre aquelle que tem Fé!

RESPOSTA

Perguntou-me Vocencia o que eu faria
se conseguisse a perennal ventura
de desposar uma donzella um dia,
rica de intelligencia e formosura...

Uma donzella, emfim, candida e pura,
que transformasse, cheia de alegria,
em aurora ridente a noite escura
d'este meu coração que se atrophia...

Pouco, talvez, para ventura tanta...
nada talvez, minha senhora, eu creio
que um ser assim jámais se desencanta:

—Dava-lhe o sangue por um só anceio!
—A vida eu dava para que da santa,
feliz pudesse adormecer no seio.

DIA DE NATAL

E' meia-noite. Fluctua
engastada no infinito,
por entre nuvens, a lua...

O povo invade contricto
as egrejas da cidade
n'um movimento inaudito

para a missa. A mocidade
cantarolando cantigas
vae casquinando á vontade.

Um grupo de raparigas,
ao lado dos namorados,
conta pirraças antigas.

Estão na mesa os assados
e as castanhas para a ceia,
esperando os convidados.

Não ha cidade ou aldeia
que n'esta noite não tenha
de prazer a alma cheia;

a creançada gamenha
zig-zagueia na rua
nada havendo que a detenha...

E' meia-noite. Fluctua
pelo azul do firmamento,
por entre nuvens, a lua...

No céo,—de estrellas um cento,
no mar—canticos marinos
na terra—um deslumbramento!

Cantam gallos, tangem sinos,
a natureza transluz...
Dezembro. Entoemos hymnos:

—em Bethlem nasceu Jesus!

QUE M'IMPORTA!

Amo-te! que m'importa
que a outro o teu affecto, anjo, consagres?
meu doido coração não faz milagres...
—esta paixão não póde deixar morta!

Amo-te! que m'importa
que tu me odeies, crente do que vales?!
P'ra cumulo de todos os meus males
a fé de ver-te sempre, me conforta!

Amo-te! que m'importa
que me não ames!? Hei de acompanhar-te,
seguir-te o vulto senhoril, beijar-te
o rastro e como um cão guardar-te a porta!

Amo-te! que m'importa
que o ridiculo venha? E' tarde agora!
E's a senhora que minha alma adora,
por ti meu coração tudo supporta!

Amo-te! que m'importa
que não me ligues importancia, em summa!
lances-me, embora, da saliva a espuma,
minh'alma é grande:—o teu desdem comporta!

Amo-te! que m'importa
que este amôr para mim não tenha aurora?
Sou teu escravo—piza-me, senhora!...
despreza-me, escarnece-me, que importa?!
Amo-te! muito embora!

RECUERDOS

Quando eu te vi, depois de longa ausencia,
mais formosa que nunca e deslumbrante,
senti de um tempo que já vae distante
de uma viva lembrança a grata olencia...

D'aquella nossa alegre convivencia
só me resta a saudade lancinante ...
hoje daria a vida, ó minha amante,
por um minuto só d'essa existencia!

D'aquelles nossos osculos, d'aquelles
nossos idyllios bons, de todos elles
recordei-me ao te vêr, mimoso archanjo!...

Sabes porque ? Jamais o presentiste!...
ouve o que de meus labios nunca ouviste:
—tu fôste o meu primeiro amôr, meu anjo!

CONFISSÃO

Vistes-me, vos vi eu, vimo-nos ambos
e, de tal fórma olhamo-nos, os dois,
que a vossa alma á minha ficou presa,
presa a minha ficou tambem. Depois,

não vos tornei a vêr, não mais me vistes
mas, sem mais nós nos vermos, nós sentimos
dentro do peito o mesmo amôr ardente
e aos mundos do Ideal ambos subimos!

Hoje inda eu vos encontro em meu caminho,
mais seductora e bella do que d'antes...
tendo no corpo o mesmo porte esvèlto,
phrases de amôr nos labios captivantes!

Olvidai-me, porém, eu vos imploro...
do vosso amôr eu não mereço a esmola!
esqueci-me de vós, fui seduzido
pelo candente olhar d'uma hespanhola!

E culpado não fui. O delinquente,
o réu, tenho no peito a palpitar...
—Amamo'-nos outr'ora? Foi um sonho...
—accordemo'-nos! Basta de sonhar! ...

Buscae outro ideal mais sorridente,
que n'esta lucta proseguir não posso...
e se eu vos dou, senhora, um desengano
fica-me a dôr de não poder ser vosso.

OPHELI/ /a

(DO *HAMLET*, DE SHAKSPEARE)

Duvida que não haja um céo profundo
e um inferno onde geme a falsidade ;
duvida da mentira e da verdade ;
duvida das miserias d'este mundo ;

não creias n'este sol, claro e jocundo ;
não creias que entre nós reine a vaidade ;
não creias nas angustias da orphandade
e na prece final do moribundo ;

duvida que na terra a morte é vida ;
que não haja no mundo mal e dôr ;
que não haja uma ultima jazida !...

Que m'importa ! ? Não creias que na flôr
haja espinhos, Ophelia, sim, duvida,
mas creias sempre e sempre n'este amôr !

CARMITA

Viveste a vida de um lyrio,
morrendo como uma flôr!...
extranha foste ao martyrio,
não conheceste o que é Dôr!

Interessante Carmita,
o teu capricho me aterra...
—ires assim tão bonita
dar seiva aos vermes da terra!

Porque foste assim risonha,
tão pequenina e tão pura,
encher a área medonha
de uma triste sepultura?

Quem sabe não lobrigaste
as deventuras da vida?...
Acaso, anjinho, sonhaste
numa existencia florida?!...

Ah! que não fala a materia!...
mas eu tenho a solução:
no mundo ha tanta miseria...
Carmen, tiveste razão!

Tu que creança morreste,
da primavéra no albor,
Carmita, não conheceste,
como eu conheço—o que é Dôr!

Por isso não te lamento,
foste feliz, meu amôr!...
é tão lindo o firmamento
e na terra ha tanto horror...

que é preferivel a vida
que tu sonhaste, afinal...
—Sê feliz, Carmen querida,
viver assim,—não faz mal!

NAS TOIRADAS

Em pleno Colyseu. Tarde calmosa.
Na praça um toiro, vomitando espuma,
herculeo, negro, enraivecido, em summa
exposto fôra á multidão curiosa.

Desprendendo a mantilha côr de rosa,
a deslumbrante Julia o braço apruma
e arremessa-a n'arena soltando uma
risadinha de hysterica, nervosa...

Um mancebo, transpondo o picadeiro
vence a fera, prostrando-a e, prasenteiro,
restitue a mantilha á dona sua...

Estrugem palmas... o rapaz exulta
e...Julia, aproveitando a turbamulta
Diz-lhe ao sahir: ¿ Agora sim, sou tua!

DOLOR

A' memoria de Carlos Gomes

De lagrimas o *Escravo*—o chão irróra,
geme o grande *Condor* banhado em pranto:
Fosca, tristonha e só, soluça a um canto...
Salvator Rosa acobardado chóra!

Maria Tudor se ajoelha e óra...
Joanna de Flandres nunca soffreu tanto!
da tristesa *Ninon* enverga o manto
e o vendaval da Morte uiva lá fóra!...

—Que pranto é este? o GUARANY pergunta...
E raivoso, febril, os braços junta...
Colombo então lhe respondeu: Além,

o monarcha dos sons, Gomes, é morto!
E o indomavel selvagem, sem conforto,
quebrando o arco,—soluçou tambem!....

INVERNO

Todos se foram. Tal como um deserto
o campo está : somente, triste, um servo
afagando o mastim, beijando o cervo,
a porta guarda do casal deserto.

Um murzello rumina em negra estalla,
emquanto a tarde morre, passo a passo...
Nisto o céo escurece todo, ao passo
que ribomba o trovão e o raio estala!

O' inverno cruel! Como tu matas
com teu gelido toque a flôr das mattas
deixando-a morta no paul, tão cedo!...

Não ha quem te supporte, quem te leve!...
Por isso, ao teu contacto mais leve,
eu que sempre ardo em febre, tambem cedo!

SALVÉ, AMAPÁ!

A Veiga Cabral

A terra dos mansos lagos
enamorados da brisa,
pelo Rhodano banhada
e onde o Rheno desliza,
nos deu seu honroso preito
na victoria do Direito,
da Razão e da justiça,
sobre essa nesga de terra
que tanta belleza encerra
e gerou tanta cobiça!

E' nosso, portanto, aquillo
que ha muito a nós pertencia!
A Justiça foi morosa,
porém, não veiu tardia!
Do Araguary ao Oyapock
—que ninguem mais se equivoque!
é nossa a vasta extensão!
Aquelle aurifero espaço
é do Brasil um pedaço,
um braço d'esta Nação

Já no tratado de Utrecht
a França renunciára,
as pretenções que nutria
como uma hospede avára,
as fulgentissimas zonas
banhadas pelo Amazonas
e por Vincente Pinzon!
Era Justiça e não sorte:
—as terras do Cabo Norte
possuil-as foi-nos dom!

Nós apprendemos na escola,
pelo mappa das nações,
a conhecer o que é nosso
em proveitosas licções!

O Oyapock, essa gemma.
é do Brasil raia extrema
ao Norte, limite seu!
A Justiça nos convence
e a Razão que tude vence
foi do Brasil—que venceu!

E tu que tomaste parte
n'esta questão, como heroe,
em cujo peito o civismo
a trahição não destróe,
recebe um—*Bravo!*—vibrante,
pelo laudo triumphante
que a vida trouxe ao Pará,
da França sem desabono,
restituindo a seu dono
—as regiões do Amapá!

UM ÓBOLO

ás victimas do Maranhão

(Poesia recitada no theatro Apollo pelo actor Cardoso da Motta)

Senhores!

Um bandido, o Fatalismo, o Acaso,
na Athenas brasileira entrou como um tufão!
e varreu vidas mil deixando tudo razo,—
ao lar levando o lucto, a mágua ao coração!

Por toda a parte a morte: Aquem, desfallecido,
um irmão chora a irmã, que succumbiu num ai!
A esposa perde o esposo...e oh! quadro dolorido!
uma filha lamenta a morte de um bom pae!

O corvo do Infortunio abriu as azas diras
por sob aquelle céo, enchendo de agonias
o bemdito torrão da lenda dos Tymbiras,
a terra desse heróe que foi Gonçalves Dias!

Campeiam: a miseria—horrifera e maldicta—
o lucto, o soffrimento, a dôr no Maranhão!...
A' orphandade de um lado a soluçar afflicta...
do outro a viuvez pedindo protecção!

Para o pranto a estancar surgiu a caridade,
festivaes promovendo! (E como isto consola!)
Concorrer presuroso á festa da humildade
e dar a quem nos pede o balsamo da esmola!

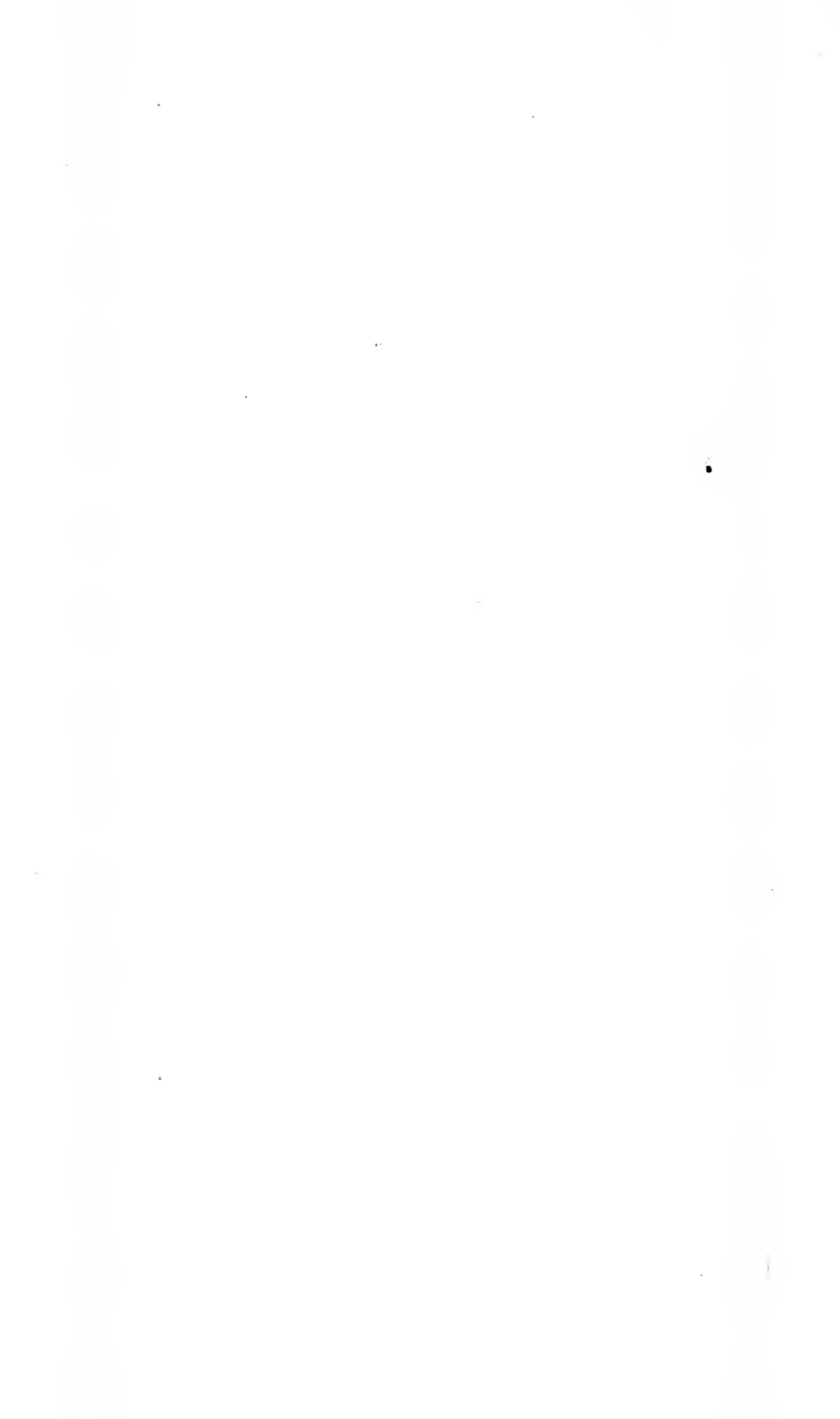
Vós sois a Caridade—essa visão celeste,
ó povo liberal da patria de Gurjão!
Doae a vossa esmola ás victimas da peste!
Extendei vossa bolsa ao nobre Maranhão!

INDICE

Paginas

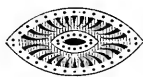
PROLOGO 1

Tenreiro Aranha 3
Souza Filho 8
Bruno Seabra 15
Julio Cesar 19
Gustavo Adolpho 26
Santa Helena Magno 31
Juvenal Tavares 37
Vilhena Alves 43
Fernandes Bello 48
Mucio Javrot 53
Odorico Lemos 59
Marcellino de Souza 64
Joaquim Sarmanho 68
Padua Carvalho 73
Theodorico Magno 77
João Nilson 83
Marques de Carvalho 89
Acrisio Motta 94
Alcibiades Neves 99
Julio Carneiro 107
Frederico Rhossard 110
Guilherme de Miranda 120
J. Eustachio Pereira (Fanéca) 125
Antonio Silva 130
Antonio Macedo 136
Natividade Lima 140
Hermeto Lima 147
Olavo Nunes 151
Theodoro Rodrigues 154
Medeiros Lima 159
Alves de Souza 162
Flexa Ribeiro 165

Esparsas Poesias de EUSTACHIO DE AZEVEDO... 177

J. EUSTACHIO DE AZEVEDO

ANTHOLOGIA

AMAZONICA

(POETAS PARAENSES)

BELEM

Typ. da Casa Editora Pinto Barbosa

1904

OBRAS

DE

J. Eustachio de Azevedo

Orchideas, versos	1 volume
Nevoeiros, »	1 »
A Viuva, novella	1 »
Brasil, poemeto	1 opusculo

PROMPTO:

O eterno thema, drama em 3 actos	1 volume
Alva Fifi, contos	1 »
Farrapos, versos	1 »